

000150

**CURSO DE
ORATÓRICA E RETÓRICA**

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

OK



Curso de Oratória e Retórica

9.^a Edição



LIVRARIA E EDITORA LOGOS LTDA.
Rua 15 de Novembro, 137 - 8.º andar - Telefone: 35-6080
SÃO PAULO — BRASIL

9.ª edição, em julho de 1962

man. 04-10-62

BIBLIOTECA MUNICIPAL	
PRCF. DE CIÊNCIAS FILOSÓFICAS E SOCIAIS	
59.190	01.692

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Este livro foi composto e impresso para a Livraria e Editora LOGOS Ltda., na Gráfica e Editora MINOX Ltda., à av. Conceição, 645 — SÃO PAULO

Enciclopédia de Ciências Filosóficas e Sociais

de Mário Ferreira dos Santos

VOLUMES PUBLICADOS:

- 1) Filosofia e Cosmovisão
- 2) Lógica e Dialética
- 3) Psicologia
- 4) Teoria do Conhecimento
- 5) Ontologia e Cosmologia
- 6) Tratado de Simbólica
- 7) Filosofia da Crise (Temática)
- 8) O Homem perante o Infinito (Teologia)
- 9) Noologia Geral
- 10) Filosofia Concreta I vol.
- 11) Filosofia Concreta II vol.
- 12) Filosofia Concreta III vol.
- 13) Filosofia Concreta dos Valores
- 14) Sociologia Fundamental e Ética Fundamental
- 15) Pitágoras e o Tema do Número (Temática)
- 16) Aristóteles e as Mutações (Temática)
- 17) O Um e o Múltiplo em Platão (Temática)
- 18) Métodos Lógicos e Dialéticos I vol.
- 19) Métodos Lógicos e Dialéticos II vol.
- 20) Métodos Lógicos e Dialéticos III vol.
- 21) Filosofias da Afirmação e da Negação (Temática Dialética)
- 22) Tratado de Economia I vol.
- 23) Tratado de Economia II vol.
- 24) Filosofia e História da Cultura I vol.
- 25) Filosofia e História da Cultura II vol.
- 26) Filosofia e História da Cultura III vol.
- 27) Análise de Temas Sociais I vol.
- 28) Análise de Temas Sociais II vol.
- 29) Análise de Temas Sociais III vol.
- 30) O Problema Social

NO PRELO:

- 31) Tratado de Esquematologia
- 32) As Três Críticas de Kant
- 33) Problemática da Filosofia Concreta

A SAIR:

- 34) Temática e Problemática da Cosmologia Especulativa
- 35) Teoria Geral das Tensões I vol.
- 36) Teoria Geral das Tensões II vol.
- 37) Temática e Problemática da Criteriologia
- 38) Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais I vol.
- 39) Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais II vol.
- 40) Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais III vol.
- 41) Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais IV vol.
- 42) Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais V vol.

Os volumes subseqüentes serão oportunamente anunciados.

OUTRAS OBRAS DO MESMO AUTOR:

- «O Homem que Foi um Campo de Batalha» — Prólogo de «Vontade de Potência», de Nietzsche, ed. Globo — Esgotada
- «Curso de Oratória e Retórica» — 8ª ed.
- «O Homem que Nasceu Póstumo» — (Temas nietzscheanos) —
- «Assim Falava Zaratustra» — Texto de Nietzsche, com análise simbólica — 3ª ed.
- «Técnica do Discurso Moderno» — 4ª ed.
- «Se a esfinge falasse...» — Com o pseudônimo de Dan Andersen — Esgotada
- «Realidade do Homem» — Com o pseudônimo de Dan Andersen — Esgotada
- «Análise Dialéctica do Marxismo» — Esgotada
- «Curso de Integração Pessoal» — (Estudos caracterológicos) — 3ª ed.
- «Práticas de Oratória» — 2ª ed.
- «Assim Deus falou aos Homens» — 2ª ed.
- «Vida não é Argumento»
- «A Casa das Paredes Geladas»
- «Escutai em Silêncio»
- «A Verdade e o Símbolo»
- «A Arte e a Vida»
- «A Luta dos Contrários» — 2ª ed.
- «Certas Subtilezas Humanas» — 2ª ed.
- «Convite à Estética»
- «Convite à Psicologia Prática»
- «Convite à Filosofia»

A PUBLICAR:

- «Hegel e a Dialéctica»
- «Dicionário de Símbolos e Sinais»
- «Discursos e Conferências»
- «Obras Completas de Platão» — comentadas — 12 vols.
- «Obras Completas de Aristóteles» — comentadas — 10 vols.

TRADUÇÕES:

- «Vontade de Potência», de Nietzsche
- «Além do Bem e do Mal», de Nietzsche
- «Aurora», de Nietzsche
- «Diário Intimo», de Amiel
- «Saudação ao Mundo», de Walt Whitman

Í N D I C E

Ao Leitor	13
RETÓRICA	15
Retórica e Eloquência	17
Da Beleza	23
Do Estilo	26
Regras Práticas Sobre o Estilo	30
Da Harmonia — A Metáfora	36
Figuras da Retórica	42
Figuras mais convenientes à prova	44
Figuras de Ornamento	46
Figuras próprias para as paixões	48
Figuras de Palavras	51
Figuras de Gramática ou de Construção	53
Figuras de Dicção	54
A ARTE DE REDIGIR	57
O Problema das Inibições	68
A ARTE DE DIZER	71
Ritmo da Palavra falada — A dicção	76
Leitura de versos	79
Os gestos	82
Conselhos de Oratória	86
A DIALÉCTICA COMO ARTE DE ARGUMENTAR E DE PERSUADIR	93
O Raciocínio Dialéctico	95
O desdobramento do pensamento em suas oposições ...	100
Como argumentar pró e contra	105
A Arte de Persuadir	110

PARTE PRÁTICA	113
Locuções Latinas Usuais	115
Regras sôbre o emprêgo do infinito pessoal	118
Regras práticas acêrca do emprêgo dos Pronomes obli- quos	120
Da colocação dos pronomes	124
Conselhos práticos de português	129
Algumas normas de acentuação das palavras	133
Exercícios práticos	137
Exercícios analíticos	145
Analíticos, «os animais saúdam o Sol»	154
A Coragem	160
A Paixão da Verdade	161
VOCABULÁRIO PARA O DOMÍNIO DAS PALAVRAS E DAS IDEIAS	163
RECOMENDAÇÕES FINAIS	219

AO LEITOR

(Prefácio da 5.^a edição)

A grande aceitação, que obteve este livro por parte dos leitores e da crítica espontânea, permitiu-lhe cinco edições em menos de três anos, facto auspicioso, que não poderia o autor deixar de considerar com satisfação e agradecimento.

Ao lançamento de "Curso de Oratória e Retórica", que é o primeiro degrau do estudo da nobre arte de falar, seguiu-se o de "Técnica do Discurso Moderno", que já se acha em 2.^a edição, dado também o grande entusiasmo com que foi recebida esta obra. A seguir saíram "Práticas de Oratória" e "Antologia de Famosos Discursos Brasileiros" I e II séries.

A dedicação, que vem dando o leitor brasileiro ao estudo da arte de falar, é um bom augúrio para o nosso povo, pois nós, brasileiros, precisamos saber usar nobremente a arma do homem moderno, que é a palavra.

Complementam esse curso de oratória as seguintes obras, já apresentadas ao público: "Psicologia", "Lógica e Dialéctica", estas para o conhecimento geral dos factos psíquicos e da arte de raciocinar e argumentar, e ademais, "Curso de Integração Pessoal", no qual são estudadas as melhores contribuições ao estudo da Caracterologia, expondo um meio acessível de conhecer-se cada um a si mesmo e aos seus semelhantes. Para o desenvolvimento cultural do estudioso da oratória, recomenda o autor o seu livro "Filosofia e Cosmvisão", por oferecer um amplo panorama da filosofia e familiarizar o leitor com os grandes temas que desafiaram a inteligência humana através dos milênios.

Serve, ainda, este prólogo para trazer o agradecimento do autor ao apoio que teve, apoio incontestado do leitor bra-

sileiro, que mais uma vez provou, contradizendo as opiniões pessimistas de tantos, que é um leitor independente, ávido de cultura.

Essa afirmativa está corroborada pelo apoio recebido sobretudo pelos livros de filosofia, que compõem a "Enciclopédia de Ciências Filosóficas e Sociais" do autor, que já tiveram, no espaço de dois anos, diversos títulos reeditados, facto raro em nosso país sobretudo em face da tiragem elevada que tiveram e das constantes afirmativas de que o nosso leitor é alheio ao estudo da filosofia.

Por outro lado quer o autor agradecer as inúmeras cartas que tem recebido de todos os pontos do país, de pessoas de tôdas as condições sociais, desde as mais humildes até às mais elevadas, cartas de aplauso e estímulo à obra que vem empreendendo, e que tem sido amparada pelo leitor que a recomenda e a apóia, espontâneamente, com inequívocas demonstrações.

São tais factos que enchem de satisfação e de agradecimento, e o estimulam a prosseguir no caminho traçado. Se o autor não tem aproveitado as palavras de aplauso de altas personalidades das nossas letras, da nossa cultura e do nosso magistério, publicando-as, como está autorizado a fazê-lo, assim procede por desejar ainda demonstrar, de maneira categórica, que não procediam as críticas caluniosas ao nosso leitor, leitor independente, o mais independente do mundo, que tem sabido, espontâneamente, auxiliar o plano editorial da Livraria e Editora Logos, a qual prosseguirá no rumo traçado, oferecendo livros de um género pouco editado em nosso país, como é o de filosofia, já que estabeleceu a publicação das obras de famosos autores, que se colocam na primeira plana do pensamento mundial.

Da parte do autor, o agradecimento a todos que lhe creveram estende-se também aos milhares de leitores que lhe têm dado o amparo que uma tarefa de tal ordem precisava ter.

Mário Ferreira dos Santos

RETÓRICA

RETÓRICA E ELOQUÊNCIA

Uma das mais justas e nobres aspirações de todos é ter o pleno domínio das idéias e dos meios de expressão. A maioria sente dificuldade em escrever, falar e argumentar. E não são poucos aquêles que, em face de outras pessoas, sentem-se inibidos, faltam-lhe as palavras no instante preciso, que, momentos depois, surgem abundantes e nítidas.

Factos como êsses provocam insatisfações e servem apenas para aumentar o poder inibidor, pela falta de confiança em si mesmo que se apodera de quem passa por tais experiências.

Entretanto, são elas tão frequentes, tão comuns, em tôdas as épocas e ocasiões, que há necessidade de evitarem-se tais malogros, e permitir e auxiliar que as idéias surjam vivas e eficientes, revestidas de pleno brilho pelo emprêgo justo de palavras correspondentes.

Impõe-se, por isso, sempre o estudo da Retórica e da Eloquência.

Muitos professôres julgam suficientes os métodos práticos, em contraposição ao excesso de teoria que se ministrava antigamente.

Depois de percorrermos, por uma análise cuidadosa, muitos cursos, nacionais e estrangeiros, e considerando as nossas típicas condições psicológicas, organizamos um programa que não dispensa nem a parte teórica nem a prática, embora considere da primeira apenas o essencial, e inclua, na segunda, tudo quanto de melhor tem revelado a experiência de famosos oradores.

Não se pode excluir o estudo teórico e apresentar apenas o prático, porque aquêle fundamenta a aplicação do segundo e dá ao estudioso meios de novas investigações.

É a palavra um meio maravilhoso de aperfeiçoamento do espírito: tódus as palavras são sinais de idéias, e como partimos das idéias, para revesti-las com palavras, também podemos partir das palavras para construir novas idéias.

O manejo simples e o domínio pleno das palavras abre um campo imenso ao progresso individual, pois em tódas as eras ela foi, como ainda é, o meio mais eficaz de comunicação entre os homens.

O primeiro cuidado de quem deseja ser estimado como escritor, atrair a atenção como orador, consiste em enriquecer o vocabulário e as idéias. E tódas as ocasiões devem ser aproveitadas para essa atividade tão frutuosa. Além disso, para comunicar suas idéias, desde que tenha alguma coisa a dizer, a linguagem deve ser clara, agradável, compreensível e interessante.

Ora, tais qualidades podem ser obtidas, apesar de exigirem esforço, trabalho e muita prática. Não se pode construir uma boa retórica sem uma base lógica e uma sólida dialéctica.

Esta é a razão por que desde o início queremos chamar a atenção para os exercícios práticos que são oferecidos neste livro. Eles devem ser seguidos à risca e repetidos constantemente, até quando julgados fáceis.

Um dos graves defeitos de todos os que estudam qualquer matéria é não dar maior atenção aos exercícios. Referem-se êstes à parte somática, cuja constante repetição cria o hábito. Compreender cabe ao espírito. É muito; porém não é tudo. É preciso realizar o prático. Quem fala bem, não é acaso aquêle de quem dizemos ter "o hábito de falar em público?"

Além disso, o raciocínio deve ser claro, sem idéias confusas, revestido depois por palavras correspondentes. Como pode convencer a outrem quem não sabe expressar o que pensa? Quem não é senhor do que pensa, como pode ser senhor do que diz?

Pensar claro e expressar claro. Dar nitidez às idéias em primeiro lugar, depois procurar formas que as revisitam sem empanar essa diafaneidade.

E como se consegue êste domínio? Em primeiro lugar, não falar nunca do que se desconhece. Nada há mais aborrecido que ouvir um orador falar do que não sabe.

O domínio do tema é um ponto de partida importante. Depois, outros virão...

Começemos, pois, nosso caminho, para percorrê-lo.

* * *

Pode o gôsto ser definido como "a faculdade de receber uma agradável impressão das belezas da natureza e da arte". Todos os homens são dotados de gôsto, pois todos avaliamos, estimamos, valoramos.

Há um sentimento de beleza, que é comum a todos, embora em graus diferentes. Uns têm mais aptidão, mais capacidade de apreciar, mais requinte no gôsto, outros menos. Uns sentem a beleza na harmonia, nas belas proporções, para as quais outros são quase cegos.

Mas sempre, até no mais estúpido dos seres humanos, há um ponto em que a admiração é despertada, em que é capaz de sentir e gozar da beleza das coisas. Não basta para bem apreciar ter sentidos agudos, boa percepção. Impõe-se a educação requintada do gôsto que é mental, como nos mostra a psicologia. Um semi-surdo pode ser um grande apreciador de música, e entendê-la e criá-la (como Beethoven). A educação é mental e não meramente dos sentidos, que apenas servem de meios para nos transmitirem os estímulos exteriores.

Não há dúvida que a sensibilidade pessoal é decisiva em muitos pontos. Quem nasce com predisposição artística tem naturalmente possibilidades maiores. Mas a educação pode preparar-nos ("educar o gôsto", como se diz) para aumentar o grau de apreciação e de prazer que oferece a contemplação da beleza.

O gôsto sofre modificações não só de indivíduo para indivíduo, como de época para época. Na Idade Média, o gótico suplantou no gôsto dos povos europeus a arte grega, que ressurgiu, depois, no Renascimento. Quando Milton escreveu o "Paraíso Perdido", a simplicidade majestosa de sua obra passou despercebida, enquanto autores, hoje esquecidos, como Cowley, Wallaer, Suckling e Etheridge, conseguiram interessar mais aos leitores de então. É o que se dá ainda em nossos dias. Vemos meteoros surgirem deslumbrantes no céu, mas passarem com a velocidade dos meteoros. Obscurecem, por momentos, o brilho pálido das estrêlas, mas êste é eterno.

Como o gôsto depende da subjectividade, costuma-se dizer que "de gostos não se discute". Realmente, o gôsto, apenas por seu aspecto subjectivo, não é passível de discussões sérias. Mas a obra de arte, a beleza que está na obra de arte, é discutível. O que o gôsto procura é a beleza. Encontrá-la é a missão do verdadeiro artista. Numa época como a nossa, uma época de transição, em que todos os valores estão colocados na mesa para serem analisados, em que uma torrente de opiniões mal dirigidas perturba a humanidade, em que idéias das mais diversas procedências disputam entre si uma prioridade duvidosa, é natural que a confusão em questões de gôsto seja premente e impeça um critério firme que nos oriente através do acúmulo de pontos de vista dos mais contraditórios. Tal, no entanto, não impede que estudemos, calma e serenamente, a beleza que sempre tem sido a meta desejada pelos homens, fugindo quanto possível à sugestão das formas da moda.

* * *

A maneira mais simples, sob a qual podemos avaliar a grandeza nos objectos, é a de uma extensão imensa, por exemplo, a de um grande campo onde a vista se perde na distância. As coisas vastas fazem nascer a impressão do sublime. É essa a impressão que dá o cimo de uma montanha, um abismo profundo, um grande rio, cujas margens desaparecem na distância, o firmamento, o oceano, o universo estrelado. Foram sempre êsses os temas mais sublimes que a literatura empregou. Assim como a proporção exacta das partes constitui quase sempre a beleza, o sublime desdenha essa proporção. O sublime aceita o desproporcionado, o imenso, o ilimitado. Uma catedral gótica, com suas tôrres esguias, penetrando pelo céu, dá-nos sempre uma impressão do sublime.

Contudo, o sublime não é somente revelado nas coisas, mas também no estilo. O sublime só se verifica no estilo quando há plena concordância dêste com o objecto que deseja expressar, e êsse objecto é já sublime. No sublime, sentimos que ultrapassamos a nós mesmos, como se nos fôsse dado apreciar o que sentimos muito mais elevado ou longe de nós. Os estudiosos clássicos da retórica davam cinco fontes do sublime. Vamos sintetizá-las:

- 1.^a) a audácia ou grandeza nos pensamentos;
- 2.^a) o patético;
- 3.^a) o emprêgo conveniente das figuras;
- 4.^a) o uso de tropos e expressões ricas;
- 5.^a) a construção harmoniosa das palavras.

O estilo sublime não necessita de ornamentos. É na simplicidade que está muito da sua grandeza. O homem de hoje não se impressiona tão vivamente com os factos da existência como um homem primitivo, para o qual cada facto encerrava em si mistérios insondáveis e a natureza não tinha aquêle sentido lógico e legal que nós lhe damos.

Por isso é tão raro o sublime hoje. Só em certos momentos êle nos surge, às vêzes, num pequeno facto que nos exalta e nos leva a sobrepassar a nós mesmos. No décimo-sétimo salmo, temos o sublime em toda a sua simplicidade, como o temos nas descrições da Iliada. No entanto, o sublime pode ficar desmerecido pelo estilo do autor quando os termos não estão à altura da idéia. Pode encontrar-se ainda o belo, mas o sublime já não existe mais.

* * *

A simplicidade, a concisão são necessárias para aparelhar a idéia sublime, a idéia que nos exalta. Assim nesta frase de Nietzsche: "Deveis buscar o vosso inimigo e fazer a vossa guerra, uma guerra por vossos pensamentos; e se vosso pensamento succumbir, vossa lealdade, contudo, deve cantar vitória", há muito do sublime como o entendemos hoje: a simplicidade permite que o sublime da idéia ressalte. Um outro autor encheria de frases, de tropos, de imagens, e diluiria a sublimidade para ressaltar apenas a beleza.

Essa a razão por que a poesia rimada oferece tantos perigos e tantos males ao sublime. É que a necessidade da rima leva muitas vêzes a frases desnecessárias e a simplicidade é prejudicada.

Um outro aspecto não se deve deixar de lado. O grande escritor é aquêle que é capaz de tornar sublime o que, nas mãos de um medíocre, não tem sublimidade. Temas aparentemente simples tomam um carácter complexo nas mãos do grande escritor. E como se consegue isso?

Consegue-se ao fixar em cada idéia o seu aspecto mais elevado, aquêle que é capaz de ultrapassar o tempo, aquêle que tem um significado que ultrapassa o transeunte, o trivialmente comum. Assim, digamos que alguém quer referir-se a certas suspeitas surgidas por entre os pensamentos. Sabemos que elas surgem nos momentos de desfalecimento, ou quando o pensamento não consegue, com certa força, traduzir o seu objecto. No entanto, um Byron, aproveitando-se desse facto, expressa-o assim: "As suspeitas são entre os pensamentos o que os morcegos são entre os pássaros: só voam ao crepúsculo".

A mesma idéia é expressa, com tal tom, que nos eleva imediatamente, isto é, nos dá a emoção do sublime, e não da trivialidade. Assim vimos que há um sublime na natureza, mas há um sublime nas idéias.

O sublime das idéias está nas idéias e não nas palavras. O segredo do sublime está em expressar grandes pensamentos com termos simples e bem claros. Os escritores mais sublimes no pensamento foram os mais simples nas palavras.

E os exemplos que demos já nos mostraram. Uma idéia, expressada chãmente, poderá transformar-se numa trivialidade, mas se dermos uma harmonia e aquêle ímpeto que nos eleva, ela pode tornar-se sublime. Vamos a um exemplo: todos os homens são ambiciosos e o ser humano quereria ter tudo, ser tudo, apossar-se de tudo. No entanto não o pode. Que deve fazer senão conformar-se com os limites que lhe são naturais? Mas vejamos essa mesma idéia exposta acima, tão simples, trivial até, dita no Ramayana com sublimidade: "Nem todo o ouro do mundo, nem todo o trigo, nem tôdas as mulheres são bastantes para um só homem; lembra-te e resigna-te".

Há aí, na harmonia, e no ímpeto da frase, uma beleza que torna a idéia sublime. Há um calor que nos inflama, que se nos comunica.

Analise o leitor tôdas as idéias enunciadas que o arrebataram, que o elevaram, que o colocaram num certo instante acima de si mesmo, como sentindo-se pairar acima do comum, e verá que, em tôdas elas, há êsse ímpeto ao lado da harmonia e da simplicidade. E êste exercício já é uma preparação para o domínio do sublime.

DA BELEZA

Falamos nas páginas anteriores da beleza muitas vêzes, sem que a tivéssemos estudado. Assim como o sublime, a beleza é uma fonte de agradáveis prazeres para a imaginação humana. A emoção da beleza é diferente da emoção do sublime, embora, como nos últimos exemplos que fornecemos, o belo e o sublime conheçam um ponto de contacto, o que aliás é comum observar-se. Quando o homem, em épocas mais recuadas, era capaz de assombros, o sublime predominava. Mas o homem moderno, sobretudo o das grandes cidades, é um tanto céptico, menos emocional em relação ao sublime. Um temporal que, no campo, é uma coisa sublime, na cidade perde grande parte de seus caracteres para nos parecer algo de impróprio, de inconveniente, de desajustado. É que a metrópole impõe sempre o seu gosto (ou melhor o seu mau gosto); é o estado do artificial, do apócrifo. Por isso o homem moderno, até quando vive nas pequenas cidades, não tem capacidade de captar facilmente o sublime.

Enquanto o sublime eleva o espírito, exalta, arrebatada, a beleza dá uma emoção agradável, suave. O sentimento que pode engendrar o sublime, por ser violento, é menos durável que o prazer que dá a beleza. Os trechos que citamos participam tanto do sublime como da beleza. Elevam-nos e nos dão uma emoção agradável, perdurável, de tranqüilo bem-estar. É que, como dissemos, não há fronteiras delimitadas entre o sublime e a beleza, pois se confundem muitas vêzes.

Em que consiste a beleza? Se lermos as obras dos estetas, veremos que há uma grande divergência sobre o que consideram belo e qual o conceito que dêle formam. E a dificuldade é simples de explicar: é que o belo não consiste em alguma coisa, que está aí. O belo é um valor, o belo vale. Quando dizemos que uma coisa é bela,

nada acrescentamos nem tiramos da coisa. Se dizemos que um objecto é azul, o azul está no objecto, e se dizemos que não é azul, é que o azul não está nele. Mas quando dizemos que é belo, não o encontramos no objecto, que continua com as suas mesmas características como se não tivéssemos dito nada. O belo não o encontramos aqui ou ali. Então o belo é uma relação entre o objecto e o sujeito? Também não, porque o belo não depende apenas das apreciações subjectivas. O facto de alguém não perceber o belo de uma coisa, não quer dizer que essa coisa não seja bela. É ele um valor e os valores, na filosofia, são estudados diferentemente dos outros objectos, porque os valores, em suma, valem. Mas deve haver uma base real, de res, de coisa, no belo? Sim, há. E o que há é uma disposição harmoniosa de aspectos que permite despertar uma emoção estética, a qual nos leva a declarar belo um objecto porque tem beleza. Todos nós sabemos o que é belo, quando nos perguntam o que é, e não sabemos quando queremos dizer o que é. Dá-se com o belo o que se dava com o tempo para Santo Agostinho; todos o sentimos, mas não sabemos defini-lo.

Este tema transcende os limites da retórica, e cabe à filosofia da arte estudá-lo. Procuraremos simplificar quanto possível para tentar uma explicação singela.

Os estetas têm dificuldades em definir o belo, e é fácil ver-se por que. Alguns (são os cépticos), negam qualquer possibilidade de definição ou de encontrar-se nele um carácter objectivo. Vamos analisar.

Todos sentimos o que é belo. Há assim, em todos nós uma **intuição** do belo. Acreditamos que há coisas belas, que conhecemos e que não conhecemos. Sentimos que o belo é tudo quanto é capaz de nos provocar uma emoção estética. Em face de um objecto que nos provoca essa emoção, não trepidamos em chamá-lo de belo. Neste caso, procedemos a uma apreciação estética do objecto. Outro, porém, poderá dizer o contrário, isto é, apreciar diferentemente o mesmo objecto e dizer, dele, que não vale o ser-belo, que é uma obra sem beleza. O conceito do belo, intuitivamente formado por um e por outro, é o mesmo, mas, quando em relação ao objecto, um afirma que vale o ser-belo e outro afirma o contrário. Nesses casos, é a emoção estética, de um e de outro, que

deu o valor, valorou o objecto. Se examinarmos a história da humanidade, veremos que essas valorizações variam de uma época para outra, de uma classe para outra, de um povo para outro. São esses factos que fundamentam a opinião dos cépticos, na estética.

No entanto, há coisas chamadas belas que são belas em todas as eras e em todos os povos e para todas as classes.

Então, essas são dotadas da verdadeira beleza? Ora, não esqueçamos que o ser humano é sempre o ser humano. Há uma parte dele que varia, modifica-se através do tempo, mas há outra que permanece invariante. Quando a beleza é da primeira parte, é variante também; quando da segunda, atravessa o tempo.

Um crepúsculo de cores maravilhosas e cambiantes será belo em todas as eras humanas, independentemente do histórico, enquanto o homem for homem. Quando algum objecto é capaz de nos provocar a emoção estética mais elevada, chamamo-lo de belo. É ele realmente o será quando obedeça a essa parte invariante, quando for capaz de atravessar os tempos, quando tenha, em suma, o que chamamos de "eternamente actual".

Em que consiste esse "eternamente actual?" Consiste em ser actual sempre, não agora, nem ontem, mas sempre. A emoção estética, já vimos, ou nos arrebatava pelo sublime ou nos dá esse estado agradável, manso, que é próprio da beleza. O homem sempre se emocionou esteticamente com o sublime e com o harmonioso, com o profundo e sábio, com o que o exalta, com o que lhe dá uma emoção de superação, e lhe modifica o estado interior sem um fim utilitário, sem que o utilize sempre que a contemplação se faça, não exigindo um esforço desagradável. Em suas linhas gerais, o "eternamente actual" e o instante que a arte toma e tira o tempo, liberta do tempo, do fluxo do tempo, do que se passa, para torná-lo eterno, imutável. Como esses temas pertencem à estética, bastam, para o estudo da retórica, os elementos que demos acima, que são suficientes para emprendermos outras análises de ordem teórica.

DO ESTILO

Pode conceituar-se a linguagem como a expressão de nossas idéias por meio de certos sons articulados que lhes servem de sinais.

A linguagem atingiu, como meio de comunicação dos nossos pensamentos, o mais elevado grau.

Foi entre os homens primitivos imprecisa, rudimentar.

As interjeições deviam ser preferidas na linguagem primitiva, unindo os gestos às palavras, como se observa em povos que ainda vivem primitivamente. Os gestos são ainda importantes entre os povos já civilizados, embora em grau muito menor. Entre os gregos e os romanos tinha o gesto uma grande significação. É de presumir que entre os gregos, em suas representações, um actor pronunciasse as palavras, enquanto caberia a outro os gestos correspondentes; isso nos pareceria hoje, em parte, estranho. Grande influência teve o gesto em Roma. Durante os reinados de Augusto e Tibério, os oradores usavam dêle com um excesso, que nem de longe podemos calcular, e o divertimento favorito do povo era a pantomima, em que a gesticulação era inteiramente muda.

Durante a invasão da Itália pelos bárbaros, povos fleumáticos do norte da Europa, os gestos foram perdendo muito de seu antigo prestígio, assim como a língua sofreu profundas transformações. Apesar disso, os italianos ainda usam muito do gesto; os franceses menos, assim como os espanhóis e os portugueses, ainda menos.

Na primitiva linguagem (e ainda a notamos entre os povos de cultura mais rudimentar) predominam as comparações, as metáforas, as figuras para substituírem a pobreza dos vocábulos expressos.

Mas o estilo figurado não se deve apenas a isso, pois a imaginação sempre influenciou na formação de imagens, de figuras.

A poesia, que reflete na nossa época a linguagem ainda hiperbólica primitiva, está cheia de imagens, de figuras de retórica.

Com o desenvolvimento da cultura, a língua torna-se mais rica de vocábulos para expressar as idéias, os conceitos que se formam, razão por que diminuem as hipérbolos, as figuras e as imagens.

* * *

Quanto ao estilo, não é fácil prendê-lo entre as definições. Não há uma que satisfaça além do velho enunciado de que é a maneira peculiar de que se serve cada homem para expressar suas próprias idéias. Não se pode confundir o estilo com as palavras e as idéias empregadas por um homem, que as pode usar justas e correctas, apesar de ser vicioso, duro ou frio, frouxo ou affectado o seu estilo.

O que em geral se observa é que o estilo de um escritor está sempre correlacionado com o seu modo de sentir; por isso é difícil separar o estilo das suas idéias.

Observamos, entre os povos, estilos diferentes na linguagem, como também na sua arte. Assim, enquanto os orientais são comumente hiperbólicos e usam figuras fortes, os atenienses, por exemplo, eram espirituais e polidos. O europeu de hoje é mais simples, mais directo no seu estilo que os povos asiáticos.

Uma das boas características do estilo consiste na clareza. Há escritores que escrevem numa linguagem ininteligível. Acusam-se geralmente êsses escritores de procurarem ocultar, atrás de palavras pomposas ou de frases obscuras, a vacuidade de suas idéias, ou de esconderem o que não entendem. Se há muito de razão nessas afirmativas, há porém muito de exagêro. A ininteligibilidade, por exemplo, de um Hegel deve-se à pouca capacidade intellectiva do comum dos leitores.

Por que culpar o autor e não culpar a si mesmo? Naturalmente que Hegel não escrevia para o grande pú-

blico. Se tivesse essa intenção, **não poderia abordar os temas que tratara nem da maneira como o fizera.** Assim, quando alguém dirige a sua obra ao grande público deve procurar torná-la facilmente inteligível.

Há, realmente, como já dissemos, uma obscuridade que é produto da falta de clareza do próprio autor. Por isso, todos os retóricos aconselham que o estilo deve ser claro, límpido, para que as idéias estejam perfeitamente representadas pelas palavras que as substituem ou que as significam. Na escolha das palavras está um dos grandes segredos do estilo, que exige pureza, propriedade e precisão.

A pureza consiste no uso de expressões que correspondam perfeitamente à língua que se usa. A propriedade está na escolha das palavras melhor apropriadas à natureza das idéias que queremos expressar. A palavra precisão vem de **praecidere** (cortar, abreviar, recortar). Consiste a precisão em cortar toda superfluidade para que as palavras sejam uma reprodução fiel das nossas idéias.

Por isso, impõem-se, primeiramente, idéias bem claras, para que a sua reprodução, por meio de palavras, possa atingir, também, a clareza desejada. A utilidade e a importância da precisão surgem como lei de economia do espírito, o qual só pode **perceber**, clara e distintamente, um só objecto de cada vez. Quando queremos **perceber** alguma coisa, fixamos nesta a nossa atenção. E que fazemos senão afastar tudo quanto nos impede de conhecê-la?

Assim deve proceder quem escreve. Deve afastar tudo quanto distrai a atenção de quem lê ou de quem ouve, isto é, tudo quanto é inútil e desnecessário.

O estilo dos que escrevem com tantas minúcias e expressões acessórias, chamam-no os retóricos de **frouxo**, o que é o oposto da precisão. É a multiplicação das palavras superfluas que caracteriza esse estilo. Essa difusão do estilo se deve em grande parte ao emprêgo exagerado dos sinônimos, não necessários para abarcar, em toda a sua intensidade dialéctica, uma idéia.

Na realidade, as palavras absolutamente sinônimas são raras numa língua. A sinonímia relativa é que levá

os escritores a confundirem o emprêgo dos termos precisos. Vamos dar alguns exemplos, para que o leitor tenha vivência mais clara do que dizemos.

Vejamos os termos austeridade, severidade, rigor. Austeridade é relativa à maneira de viver; a severidade à maneira de pensar, e o rigor à maneira de punir.

Costume e hábito: o costume é relativo à ação; o hábito a quem age.

Surpreendido, assombrado, confundido: o que é inesperado ou novo nos surpreende; o que é grande e vasto nos assombra; o que é terrível nos confunde.

Orgulho e vaidade: o orgulho leva-nos a estimar a nós mesmos; a vaidade leva-nos a querer ser estimados.

Distinguir e separar: distingue-se o que se não quer confundir; separa-se o que se quer afastar.

Dificuldade e obstáculo: a dificuldade embaraça, o obstáculo detém.

Tranqüilidade, paz, calma: temos em nós mesmos a tranqüilidade; a paz com os outros, e a calma após a inquietação.

Um estudo através de um dicionário de sinônimos é importante e evita muitos erros. Assim, depois de tudo quanto dissemos, podemos concluir que, para quem escreve ou fala, duas regras são importantes: **a clareza das idéias em primeiro lugar, e em segundo, o conhecimento perfeito do valor das palavras que devem expressá-las.**

REGRAS PRÁTICAS SÔBRE O ESTILO

Damos, a seguir, algumas regras práticas para a melhor execução dos princípios que expusemos.

1.^a) Deve-se escrever com palavras que se usam na linguagem comum. Por isso, convém evitar os arcaísmos, expressões raras e obsoletas. Quando o discurso, a palestra ou o relato se referem a temas científicos ou filosóficos, deve ser empregada a terminologia em uso nessas ciências. A finalidade dessa regra é garantir a clareza, que é uma das qualidades principais de um bom estilo. Por isso, também, convém evitar os defeitos do falar quotidiano, os barbarismos (como *êle pediu-lhe a mão dela*) e os galicismos. Para tal, aconselhamos ao leitor ter um dicionário à mão, por estar a nossa língua talvez irremediavelmente eivada de galicismos, como o está a inglesa, como o estão as línguas latinas. Devemos isso à influência da cultura francesa sôbre nós e ao facto de termos que manejar, quotidianamente, livros em outros idiomas, pela ausência de livros especializados em nossa língua.

2.^a) Deve evitar-se a affectação, própria do estilo exagerado, enfático.

3.^a) A eufonia, no estilo, exige que evitemos ecos (ex.: "Diante do Dante estava a estante"), vogais semelhantes, sons repetidos (ex.: *ática e pálida dália*); a repetição de conjunções (ex.: *disse e fêz e depois foi e pagou*); abuso, e não o uso normal das reticências, que se devem empregar quando se quer deixar suspenso o pensamento; termos de gíria que enfeiam o estilo; o excesso de diminutivos; as palavras em *ão* muito repetidas; o excesso de possessivos (ex.: *êle me deu um fósforo para fumar o meu cigarro, quando ia para o meu trabalho, que fica na minha rua*); o excesso de pontuação, como também a ausência de pontuação, um por tornar arrasado o estilo, outra por permitir confusões (ex. de exces-

so: *ontem, à tarde, no cinema, na primeira sessão, vi, ao lado de uma jovem, bonita até, João, o amigo, do qual, há tempos, carinhosamente, te falei*); o excessivo emprêgo do *que* (ex.: *convém que faças tudo que me prometteste que farias, pois convém que faças tudo quanto prometteste fazer*).

Analise o leitor, dentro das normas por nós já expostas sôbre o estilo, esses dois trechos de Rui Barbosa:

O FOGO-FATUO E O SANTELMO

"Na política brasileira avulta, há muito, a insigne classe dos insultadores, cuja função política se reduz exclusivamente ao ofício de insultar. São os magarefes de certa espécie de açougues, onde se corta, na honra das almas independentes, na fama dos homens responsáveis, no merecimento dos espiritos úteis, nos serviços os cidadãos moderados, o bife sangrento para o estômago da democracia feroz. Esta divindade alucinada, antípoda da democracia liberal e culta, disciplinada e humana, progressista e capaz, vive deglutindo majestosamente a carnica, que lhe chacina a sua matilha de hienas.

O furor difamatório, a vesânia vituperativa, a protéria de enxovalhar os adversários mais limpos com os aleives mais torpes constituem a sua eloquência, a sua probidade, o seu patriotismo.

A decomposição orgânica exala o fogo-fátuo. O ar eletrizado acende o santelmo na ponta das lanças heróicas e no tópo dos mastros atrevidos, que desafiam o oceano. Dir-se-ia, contudo, a mesma luz que brilha nos dois meteoros. Mas a claridade do fogo-fátuo nasce da infecção, e atrai para o lódo; a do santelmo lampeja do fluido sublime, que rasga as nuvens, anuncia a glória, e aponta para os céus.

Senhores, quando vejo bruxolear um dêsses pequeninos Demóstenes da diatribe, ergo a vista para o alto, onde quis que a tivéssemos aquêle que deu ao homem a fronte levantada, os *homini sublime delit...* e já os não diviso. Há de ser a lamparina dos brejos, conluo então de mim para mim; e espero que o azul da chama rasteira se apague à superfície do charco".

DEUS

“Deus que me infundistes o amor da beleza, da verdade e da justiça; que povoais da vossa presença as minhas horas de arrependimento, de perdão e de segurança na vossa misericórdia; que, há dezenas de anos me descobris os meus erros, me reergueis dos meus desalentos, me conduzis pelo vosso caminho; dai-me, agora mais do que nunca, o ânimo de não mentir aos meus semelhantes, **de me não corromper** nos meus interesses, de não temer ameaças, não me irritar de injúrias, não fugir a responsabilidades. Se a mercê da salvação da nossa liberdade e da nossa fortuna, da nossa paz e da nossa honra, postas nas vossas mãos onipotentes, exigir o sacrifício de um em satisfação das culpas de todos, não vos detenha, Senhor, a miséria do resto dos meus dias, cansados e inúteis. Mas não permitais que as maquinações do egoísmo de alguns prevaleçam ao bem de um povo inteiro, que a barbaria senhoreie de novo a nossa pátria, que os semeadores de violências e desunião vejam prosperar outra vez a sua funesta sementeira nas regiões benditas, sôbre cujos céus ascendestes a constelação da vossa cruz”.

* * *

O bom estilo é uma conquista da prática, da boa vontade do leitor, que pode consegui-lo pelo constante exercício da redação e da palavra cuidada segundo as regras que aconselhamos.

Uma das qualidades do bom estilo é a elegância, a harmonia, a boa disposição dos sons, das tônicas. Para conquistar êsse domínio, um dos melhores exercícios é a leitura de poesias que nos dão o ritmo, a harmonia da frase.

Deve o leitor ler poesias e em voz alta, para que a memória auditiva contribua para fortalecer o que já adquiriu pelo estudo. A atenção facilitá-lo-á a guardar de memória e a assenhonear-se da harmonia que tanto embeleza um estilo.

* * *

Um dos pontos mais importantes da Retórica é a construção das frases. Em regra geral, considera-se a frase como uma proposição ou como a enunciação com-

pleta de um pensamento. As frases podem ser **longas ou breves**. As frases muito longas, pecando pela extensão, afrontam muitas das regras já estudadas. As frases mais curtas correspondem melhor à respiração. Entretanto uma redação ou um discurso, apenas de frases curtas, acabam por tornar-se desagradáveis.

Assim, se há vantagens nas frases curtas, há também desvantagens. E o mesmo se pode aplicar às frases longas. Um estilo agradável deve combinar ambas as espécies com hábil medida, sem exagerar de mais uma nem outra, dando sempre maior preferência às frases curtas.

* * *

Costumam os franceses dividir o estilo em **periódico e lacônico**.

No estilo periódico, as frases são compostas de muitos membros ligados entre si e dependentes uns dos outros, de maneira que o sentido só no fim é completamente conhecido. É a maneira que convém melhor à arte oratória, porque mantém em “suspense” o ouvinte. Vamos dar um exemplo: “Se olhardes à vossa volta com atenção; se vossos olhos se dirigirem para o espetáculo que o mundo oferece; se meditardes sôbre cada um desses acontecimentos, se pensardes em todos os que sofrem, em todos os que são injustiçados; se vossos pensamentos se demorarem sôbre tudo quanto tem sido motivo de revolta e de protesto, compreendereis que as vozes que se levantam contra tudo isso que está aí, têm a seu favor razões que as justificam”.

Cícero usava constantemente desses períodos.

O estilo lacônico, temo-lo nas frases curtas, completas, independentes umas das outras, que encerram um sentido integral.

Ex.: “O homem deve honrar sua própria fé e nunca injuriar a dos outros. Sômente dêste modo não ofenderá ninguém. Quem procede assim fortalece sua fé, e socorre a dos outros. Quem assim não procede, debilita a própria fé”.

Quando o assunto é leve, êsse estilo é mais apropriado. Mas, com hábil combinação (naturalmente obede-

cendo ao assunto), o orador pode obter efeitos extraordinários.

Quando se deseja descrever uma ação rápida, as frases curtas são mais impressionantes. Quando se trata de uma descrição tranqüila, um período mais longo causa melhor efeito.

* * *

Para impedir a monotonia, evita-se a uniformidade. Essa regra é definitiva.

Já mostramos que a clareza, a precisão, a unidade, a força ou ênfase, a harmonia, são os elementos fundamentais de uma frase.

Já estudamos, praticamente, esses princípios. A clareza nem sempre é fácil. Para conseguí-la é preciso dominar a idéia e dispor em boa ordem as palavras. Para obter unidade, há uma única regra: é que o sentido termine exatamente com a frase. Uma frase imperfeita, incompleta, não tem unidade.

A ênfase, ou a força, é obtida com palavras cujo valor corresponda efectivamente à idéia que se deseja expressar. Devemos evitar as palavras desnecessárias. Vamos a um exemplo: Em vez de dizer-se "Estando contente dos favores recebidos", prefira-se dizer: "Contente dos favores recebidos"...

Deve-se evitar o excesso da partícula e. Mas há casos em que ela deve ser usada: é quando se quer fazer alguma enumeração, na qual se deseja que os objectos se destaquem perfeitamente, a fim de que o espírito se demore em cada um deles. Vejamos um exemplo: "Um homem parece sucumbir vítima do poder, mas a verdade, e a razão, e a liberdade sucumbiram com êle". Quando se deseja expressar algo que dê a idéia de movimento veloz, deve evitar-se o uso das partículas conjuntivas, usadas quando se deseja dar maior lentidão ao pensamento expresso. Exemplos: "Como um só homem, os soldados velozes atiram-se ao assalto, avançam, escalam as defesas, lutam corpo-a-corpo, escarniçados, aos gritos, levando tudo de vencida".

Vejamos agora esta passagem de São Paulo: "Estou persuadido que nem a morte, nem a vida, nem os princípios, nem os poderes, nem o presente, nem o futuro, nem

as alturas, nem as profundidades, nem coisa alguma criada poderá nos separar do amor de Deus".

Com êsse estilo, dá São Paulo pêso a cada idéia. Outra regra importante para dar força a uma frase consiste na colocação das palavras essenciais que devem produzir o maior efeito. São as palavras sobre as quais deve fazer-se a atenção, sobre as quais deve ser posta a maior ênfase. Não se pode dizer que palavra deva ser colocada no princípio, no meio ou no fim: depende da natureza da frase. No entanto, quando colocada no fim, ela sempre tem maior força.

Vejamos esta frase de Pope: "Assim, sob qualquer aspecto que admiremos Homero, o que nos impressiona, sobretudo, é a sua maravilhosa imaginação". Ou esta de Oscar Wilde: "Para os que não são artistas e para quem não há outra vida que a actual dos factos, a dor é a única porta para a perfeição".

* * *

Outra regra é a ordenação das idéias, o que se chama de **clímax**.

Nessa sucessão deve haver um **crescendo**. Uma idéia deve ser sucedida por outra mais elevada. Veja-se êste poema de Omar Khayan: "Se quiseres escutar-me, dar-te-ei um conselho: por amor de Deus não vistas a roupa da hipocrisia. A vida futura é a eternidade; êste mundo é somente um instante. Não vendas o reino da eternidade por um segundo".

Ao estudarmos as figuras de retórica, examinaremos outros exemplos.

* * *

Outra regra importante é não terminar as frases com advérbios ou preposições ou palavras também de pequena importância, salvo quando são elas essenciais.

* * *

Quando se fazem comparações ou oposições, é necessário conservar semelhança na construção dos membros que pomos em paralelo.

Ex.: "Não deves ser a escada do poder; mas o elemento que o limita. Não te chames dominação; mas, na verdade, justiça. Não te entregues ao abuso; mas sim à tolerância".

DA HARMONIA — A METÁFORA

Na parte da harmonia, vamos estudar o que é mais agradável ao ouvido na construção das frases, quer quando se escreve, quer quando se fala. Todos sabemos da grande influência que a música exerce sobre todos. Assim as idéias, revestidas por palavras, podem ser harmoniosamente expressadas para que formem um som agradável ao ouvido e não ofendam ao espírito.

Nas frases em que o som vai sempre num crescendo até o fim e que terminam sempre por uma sílaba longa, temos, então, ênfase. No entanto, se constantemente repetida, torna-se monótona pela repetição.

Por isso, para manter a atenção do auditório ou do leitor, a variação no estilo é uma das qualidades essenciais para torná-lo harmônico, agradável portanto. A monotonia é o maior defeito de um escritor, e ela se pode evitar pelo cuidado de intercalar frases curtas com frases longas, fugindo sempre à repetição da mesma cadência, do mesmo ritmo. Não se deve, porém, deixar arrastar por um verdadeiro furor da harmonia, a ponto de sacrificar o sentido e o fundo das idéias que se desejam expressar. Há autores que, na ansiedade de serem harmônicos, tornam-se palavrosos, arredondam o estilo, lançam mão de affectações.

O emprêgo de palavras desnecessárias faz perder muito mais a beleza de uma frase, do que lhe dá harmonia. Evitá-las, portanto, é conveniente.

Encontrar o tom que reproduza ou imite o movimento do que se expressa é uma das maiores belezas de um estilo. Desde que se evite a monotonia, o tom de uma oração dá-lhe uma grandeza extraordinária.

Nenhum orador sacro iria fazer um sermão, usando da linguagem popular. O tom de um sermão é típico em

seu todo, mas deve variar em suas partes, para que êle seja ouvido com agrado. Assim quem elogia não pode usar o mesmo tom de quem acusa. Vejam-se as traduções da Bíblia. Todas elas procuram adaptar-se à cadência do original, à gravidade, à solenidade, ao majestoso que exigem sílabas longas e palavras que as contenham para terminarem os períodos. “No princípio, criou Deus o céu e a terra”. Se disséssemos: “Deus criou o céu e a terra no princípio”, perder-se-ia toda a solenidade.

Nos salmos observa-se a mesma majestosa nobreza do estilo. Esse estilo se usa nos panegíricos, nas inscrições para monumentos. Uma escolha conveniente de palavras pode produzir um som ou uma série de sons que tenham alguma analogia com o que se deseja expressar, como o rumor das ondas, o uivo do vento, o murmúrio dos regatos, a cadência da música, os sinos das igrejas, como num poema de Scheller. São sons que representam sons. Um poeta que usa palavras com vogais suaves, fáceis, fluentes pode expressar sons mais suaves e mais agradáveis. Para expressar sons duros, usam-se sons duros. Em todos os idiomas há desses sons imitativos e o nosso também é rico deles. Vejam-se palavras como *susurro*, *murmurar*, *silvo*, *silêncio*, etc. São palavras que encerram em si os sons do que desejam expressar. Para expressar o movimento dos cavalos no campo, Virgílio fez este verso:

*Quadrupedante putrem sonitu quantitungula
campum*

Nas sílabas sublinhadas caem os acentos tônicos.

Vejam este exemplo: “A farândula dos pretos, de sarabanda em bamboleios de perna bamba, no resmungo sem fim do bumbo ou do urucungo, ao arrasta-pé grosseiro e fúnebre do samba que retumba na noite lúgubre que descamba” (Cassiano Ricardo).

As sensações vivas e rápidas exigem uma expressão mais animada. Os assuntos melancólicos e sombrios expressam-se por palavras lentas e medidas lentas.

É a linguagem figurada um dos elementos mais importantes para o embelezamento do estilo. Considera-se em geral a figura o oposto à simplicidade. A idéia, que

é expressada por meio do estilo figurado, tende a produzir uma impressão mais forte e viva. Se, por exemplo, dizemos simplesmente: "um homem de bem encontra consolações na adversidade", em estilo figurado se diria: "para o homem recto brilha a luz por entre as trevas". Luz substitui consolações e trevas substitui adversidade.

Na realidade, o estilo figurado, mais usado entre os povos antigos e primitivos que entre os modernos, nunca é desprezado por quem quer que escreva ou fale. Nunca podemos evitar as figuras, porque nem tudo expresso direta e simplesmente causa-nos tanta emoção como se o fôsse por meio daquele estilo. O estilo figurado está no âmago de todos, pois os homens simples o usam como os mais eruditos.

A tendência moderna é para a maior simplicidade e diminuição dêsse estilo. Mas êste não está totalmente banido, porque sempre a figura tem seu efeito majestoso. A Bíblia, por exemplo, é toda escrita em estilo figurado, e atinge momentos de grande majestade e solenidade. Tôdas as línguas possuem os seus tropos típicos, como há tropos que são universais. Essas figuras dão ao estilo dignidade e evitam a mesquinhez própria de uso de expressões apenas diretas.

Na poesia, sobretudo, êste estilo é predominante, porque a poesia é sempre mais primitiva que a prosa. Nosso espírito admira e gosta do gênero figurado, porque assim podemos comparar duas idéias. Nós vemos uma coisa em outra. Talvez o homem mais primitivo, em sua infância, encontrasse nisso uma verdadeira tortura, mas, com o tempo, conseguiu dominar a comparação, executá-la, e foi, por meio dela, que se tornou verdadeiramente homem. Está na comparação a gênese da parte superior do espírito humano, como vemos no estudo da Filosofia. Com o exercício e a função adquirida, um verdadeiro prazer acompanhou essa função comparativa do espírito. Eis por que tanto agrada ao homem a figura que permite encontrar em uma coisa outra coisa e também por que os povos mais primitivos, de cultura ainda inferior, gostam tanto de usá-la. As figuras têm o poder de exaltar as emoções, de exaltar os sentimentos, porque estimulam a imaginação.

De tôdas as figuras, a mais usada, a mais fecunda, é a metáfora, a qual, em vez de servir-se do verdadeiro nome de um objecto, emprega o nome de outro que se lhe assemelha. É ela a mais elegante e a mais graciosa de tôdas.

Vamos estudá-la: Quando se diz "que alguém sustenta em seus ombros todo o pêso de um cargo como uma coluna que suporta o pêso de um edifício", faz-se uma comparação. Mas quando se diz que "êle é a coluna do cargo", faz-se uma metáfora.

Se se diz que alguém, pelas suas qualidades morais, permanece digno em meio à desonestidade geral, como Catão na Roma Antiga, faz-se uma comparação. Mas quando se diz: "êle é o Catão de nossos dias", faz-se uma metáfora.

O que agrada é a comparação de duas coisas, que permite descobrir o lado pelo qual elas se assemelham, sentindo, dêste modo, a analogia das suas reacções. É êsse, para os homens de hoje, um exercício que não fatiga. Por isto tôdas as línguas estão cheias de metáforas, e nós as usamos constantemente na conversação, quando falamos nos "arreganhos da opressão", nas "vestais do civismo", na "aurora de uma idéia", etc. Interessa-nos agora, deixando de parte as longas e inúteis polêmicas sôbre o caráter da metáfora, de que estão cheias as obras de retórica, analisar aqui as principais regras que devem ser obedecidas, para melhor proveito no seu emprêgo.

A primeira de tôdas é a que ensina que as metáforas devem convir perfeitamente à natureza do assunto. Não devem ser muito numerosas, nem muito brilhantes, nem muito pomposas. Não devem, de forma alguma, levar um assunto além da sua verdadeira altura, nem tampouco diminuir a sua dignidade. Uma metáfora pode ser admirável, por exemplo, na poesia, mas ridícula na prosa. Uma, que calharia perfeitamente numa obra de ficção, não se presta a um trabalho de filosofia ou de ciência. Assim como alguém, vestido com um traje de passeio, ficaria deslocado num baile de gala, também o ficaria uma dama vestida de gala num baile em que todos vestissem traje de passeio. Êsse cuidado com o emprêgo das palavras, que servem de roupagem às nossas idéias,

devem ter sobretudo os jovens quando escrevem, evitando deixar-se arrastar pelo estilo brilhante e florido e empregá-lo fora dos lugares.

A segunda regra diz respeito à escolha dos objectos aos quais devemos pedir emprestadas as metáforas e as outras figuras. A natureza nos oferece um número sem-fim de elementos, porque encontramos, em tudo, semelhanças. A presença de um carvalho, cercado de arbustos, num vasto campo, logo se nos assemelha à figura de um homem que, sozinho, luta em prol de alguma causa e, dêle, logo dizemos que é "um carvalho por entre arbustos". A correnteza de um rio assemelha-se às multidões que seguem pelas ruas ou às idéias que avançam, sem que força alguma as possa impedir. Um charco escuro de água fétida logo nos lembra a desonestidade que campeia na política e, assim, sucessivamente.

Naturalmente que tais metáforas não podem ser usadas indistintamente; devem elas referir-se ao objecto do discurso, a ser aplicadas com propriedade. O exemplo do charco, que se poderia usar, quando de uma acusação pública à medonha inconveniência da política, não caberia, por exemplo, num discurso de casamento.

Não deve a metáfora ser de difícil compreensão, sob pena de cansar o ouvinte e criar desagradabilidade. Não deve tampouco ser forçada, nem representar semelhanças que ninguém vê nem percebe, salvo o autor que deseja, dessa forma, exibir uma superioridade muitas vezes falsa. Certos poetas procuram imagens ininteligíveis, no intuito de exibirem uma acuidade das semelhanças, a qual é, naturalmente, apenas forçada.

Também é necessário ter presente que não se devem usar semelhanças usuais, triviais, comuns. **Uma regra importante consiste em não misturar o estilo simples com o estilo figurado.** Nada mais capenga que uma frase com uma parte a ser compreendida em sentido literal e outra parte em sentido metafórico. Isso é muitas vezes ridículo.

Outro mal é reunir duas metáforas diferentes sobre um mesmo objecto. É o que se costuma chamar de metáfora mista, que é um abuso dessa figura. Shakespeare usa esta metáfora: "tomar as armas contra um mar de

dores"; outro diz: "lutava leoninamente contra as trevas da ignorância". É uma mistura que não surte bom efeito, e esse é o defeito mais comum que se encontra no emprêgo das metáforas. Já Quintiliano chamava a atenção para esse mal. Não devem, ainda, as metáforas ser levadas muito longe; se entram nos pormenores, tornam-se uma espécie de alegoria e não uma metáfora. Segundo os assuntos, repetimos, devem ser as metáforas. Nobres e elevadas, quando o assunto é nobre e elevado; fortes, terríveis, quando se quer expressar terror, infundir respeito; ternas, suaves, quando os assuntos são graciosos, meigos, delicados.

* * *

A alegoria é como uma metáfora sustentada por longo tempo. São freqüentes as alegorias na Bíblia. Como há grande semelhança entre a alegoria e a metáfora, as mesmas regras desta são aplicadas àquela. A única e patente diferença existente entre elas está na **extensão** da alegoria e na **brevidade** da metáfora. As fábulas e as parábolas são verdadeiras alegorias, em que os caracteres dos homens são representados pelas palavras e pelos actos dos animais ou coisas.

FIGURAS DA RETÓRICA

Os retóricos dão o nome de figuras a certas formas de falar que emprestam mais força, mais vivacidade, mais nobreza ou mais graça ao pensamento e ao sentimento. Assim como dizemos que as coisas mudam de **figura**, quando mudam seus aspectos, também há modificações particulares das palavras construídas que lhe dão outra conformação particular, e que são chamadas de **figuras** de retórica. Essas figuras não foram construídas pelos retóricos; eles apenas as tornaram de uso comum, e as estudaram.

São produções naturais do espírito humano. Essas figuras são empregadas constantemente na linguagem comum de cada um de nós. Muitas delas nasceram da indigência da língua ou do vocabulário; outras são produtos das paixões, das emoções, da imaginação, da delicadeza, da elegância do espírito. Não são apenas os escritores e os oradores que usam dessas figuras. Um homem simples do povo usa-as mais numerosamente, às vezes, do que um escritor. Vamos transcrever a seguir, uma página de Marmontel, que nos relata as palavras de um homem do povo, encolerizado com a esposa, nas quais o escritor francês assinalou as diversas figuras usadas:

“Se eu digo sim, ela diz não; de manhã até à noite, de noite até à manhã, ela resmungo (**antítese**). Nunca tenho repouso com ela (**repetição**). É uma fúria, um demônio (**hipérbole**). Mas, desgraçada, disse eu então (**apóstrofe**): que te fiz? (**interrogação**). Ó céus! que loucura a minha a de casar contigo! (**exclamação**). Por que não te afoguei? (**optação**). Eu não te reprovoo o que me custas, nem os aborrecimentos que me dás em te aturar (**preterição**); mas, eu te peço, eu te conjuro, deixa-me trabalhar em paz (**obsecração**), ou senão eu morro se... cuida-te de me levar ao extremo (**imprecação e reticências**). Ela chora, a boazinha! Querem ver que sou eu que pro-

cedo mal? (**ironia**). Está certo; vá lá que seja assim. Sim, sou muito condescendente, muito sensível (**concessão**). Preferiria cem vezes que fosses feia. Amaldiçoei, detestei esses olhos pérfidos, esse aspecto enganador, falso, que me enfeitou (**asteísmo**). Nossos filhos, nossos amigos, nossos vizinhos, todos vêm que somos um mau casal (**enumeração**). Eles ouvem os teus gritos, tuas queixas, as injúrias que me lanças, o teu rosto transtornado, os teus cabelos desgrenhados, me perseguir, me ameaçar (**descrição**). Eles falam com espanto; vem a vizinha, contas-lhe tudo; quem passa ouve, e vai repetir para todos o que sucede (**hypotipose**). Vão acreditar que eu sou um malvado, um brutal, que te deixo em falta de tudo, que te bato, que te martirizo (**gradação**). Não é assim: eles sabem muito bem que eu te amo, que tenho bom coração, que desejo apenas te ver tranqüila e contente (**correção**). Vamos, o mundo não é injusto. Ah! Tua mãe me havia dito tanto que tu te assemelhavas a ela. Que diz ela? Pois não vê o que se passa? Sim, espero que ela me escute, e sei que ela te reprova por me tornares tão infeliz. “Ah! meu pobre genro, diz ela, tu merecias melhor sorte” (**prosopopéia**)”.

Na verdade, os retóricos nada inventaram. Nem Cícero, nem Quintiliano, nem Aristóteles, nem Demóstenes, nada criaram que não o tivesse criado o povo em sua linguagem. O **abuso**, no entanto, das figuras de retórica foi que levou à desmoralização a oratória condoreira, rebuscada, que hoje, felizmente, está banida, ressurgindo, apenas, em alguns demagogos ou literatos pedantes.

Há duas espécies de figuras: a) figuras de pensamentos; e b) figuras de palavras. Vamos examiná-las: as primeiras têm sua consistência no pensamento e a disposição das palavras pode variar, sem prejudicar o sentido, enquanto as segundas dependem da colocação das palavras, que ao serem mudadas, fazem desaparecer a figura.

Têm essas duas famílias de figuras diversas variedades.

As figuras de pensamento podem ser divididas em três classes:

- a) figuras mais convenientes para a prova;
- b) figuras próprias às paixões;
- c) figuras de ornamento.

FIGURAS MAIS CONVENIENTES À PROVA

Distribuição. — Para desenvolver uma idéa, dividi-mo-la em diversas partes, que se encadeiam e se completam. Eis o que é a distribuição. Vejamos êste exemplo de Massilon: “São os grandes freqüentemente atacados por três temíveis inimigos: o prazer, a adulação e a ambição. O prazer começa por lhes corromper o coração; a adulação firma-os no engano, e lhes tolhe todos os caminhos da verdade; a ambição aumenta a cegueira, e acaba por cavar o precipício”.

Enumeração das partes. — Consiste essa figura na exposição das idéias particulares, encerradas numa idéa geral, na análise das diferentes partes de um todo, na discriminação das circunstâncias de um facto.

Acumulação (também chamado atroísmo ou sinatroísmo). — É a reunião de um grande número de pormenores que desenvolvem a idéa principal numa mesma frase.

Conglobação. — Enumeração rápida e cerrada das partes de um objecto ou das conseqüências de um facto. Êsse encadeamento, ao ligar as idéias, dá o efeito de solidez e de consistência.

Recapitulação. — É a repetição curta e sumária das principais partes do discurso. Pode ser feita ao recordar as razões que alegamos ou comparando-as às do adversário, cujo paralelo pode servir para melhor mostrar as fraquezas dos seus argumentos.

Paradiástole. — É a distinção que se faz entre idéias análogas e vizinhas, a fim de impedir que sua semelhança engendre confusão.

Comparação. — Essa é uma figura importante para a prova, porque permite, quando se estabelece uma relação entre duas idéias, uma conclusão do mais ao menos, ou do menos ao mais, ou do igual ao igual. Vejamos êste exemplo de São Paulo: “Se Deus não poupou seu próprio filho, e se o levou à morte em nosso benefício, por que não nos daria êle tôdas as coisas?”

Preterição (também conhecida por pretermissão ou paralipse). — Com esta figura, finge-se omitir ou negli-

genciar precisamente o objecto sôbre o qual se deseja fixar a atenção, aproveitando-se para agrupar as provas de uma causa, as circunstâncias de um facto, etc. Ex.: “Não vos contarei o quadro das ruas, nem o sangue derramado, os filhos assassinados ao lado do corpo dos pais, irmãos com irmãs, os filhos mortos nos braços descarnados das mães famintas”.

Concessão. — Consiste essa figura em conceder alguma coisa ao adversário, para daí tirar proveito contra êle. Vejamos êste argumento de Bossuet: “Desejo reconhecer nêle o que um autor célebre disse de César: que êle foi clemente até ser obrigado a arrepender-se. Outro não é o illustre defeito de Charles, como o de César, etc.”.

Epítrope. — Espécie de figura, pela qual concedemos alguma coisa, que podemos negar, a fim de obrigarmos a escutar-nos melhor quem pretendemos persuadir.

Permissão. — É a figura pela qual fingimos permitir o que não desejamos, ou pedir até o que sabemos não ser próprio obter. Ex.: “Vamos, deixa-te levar pelo furor, junta mais um crime aos teus crimes, mais uma vítima às tuas vítimas, e não te detenhas no despenhadeiro de tuas desgraças...”

Licença. — É a permissão que nos damos, para falar sem reboços, àquele a quem queremos ofender. Ex.: Respondo-lhe com franqueza, porque não sei esconder a verdade... etc.

Ocupação (também **Antecipação** ou **prolepse**). — Consiste essa figura em prevenir uma objeção, fazendo-a a si mesma e respondendo-a. Por êsse meio, o orador ocupa o lugar do seu adversário ou de seus juizes. Cícero, quando defendeu Roscius, era ainda jovem, e receoso de que sua idade o prejudicasse, empregou estas palavras: “Sinto qual deve ser vosso espanto ao ter eu a ousadia de erguer minha fraca voz ante esta augusta assembléia, onde vejo tudo quanto Roma tem de oradores brilhantes, cuja eloquência é sustentada pela fôrça da idade e do gênio”. Também se usa essa figura pela forma de apresentar as objeções na forma de perguntas.

Comunicação. — Consiste esta figura em tomar os ouvintes por juizes, a fim de obter-lhes a benevolência.

Ela dá força ao orador, por parecer que êle está confiante no seu direito.

Correção (também Espanortose). — É uma retratação ou explicação do que se disse. São muito usadas pelos oradores de púlpito. Um exemplo de Bossuet: "Tudo é vão em nós, exceto a sincera confissão que fazemos perante Deus de nossa vaidade. Mas, que digo eu? A vaidade! O homem, que Deus fez à sua imagem, é mais que uma sombra? O que veio Jesus procurar do céu na terra, não é apenas um nada? Reconheçamos nosso êro... Não é permitido ao homem desprezar-se a si mesmo inteiramente, de modo que acreditando, com os ímpios, que nossa vida não é mais que um jôgo em que tenta o azar, não segue sem regra e sem conduta ao sabor de seus cegos desejos?" (1).

FIGURAS DE ORNAMENTO

Exclamação. — Quase todos os discursos apaixonados estão cheios de exclamações. São movimentos de surpresa, indignação, espanto, admiração, alegria, etc., nos quais o orador eleva a voz por meio de interjeições.

Epifonema. — Espécie de exclamação sentenciosa ao terminar uma oração ou a exposição de um fato.

Interrogação. — Emprêgo do tom interrogativo, não para marcar uma dúvida, mas para marcar um movimento da alma, para convencer e confundir aquêles a quem nos dirigimos. Tem a interrogação grande propriedade para expressar a veemência das paixões e dos sentimentos quando são elas acumuladas: Ex.: "Não vemos que os homens perdem sua dignidade? Não vemos que se aviltam? Não vemos que esquecem seus ideais?"

Apóstrofe. — Por meio dessa figura, nós nos desviamos do assunto, que tratamos, para dirigir a palavra, quer

(1) Em «Técnica do Discurso Moderno», apresentamos a justa aplicação das figuras ao discurso, o que complementa o plano desta obra.

Conselho ao leitor: — Construa, à semelhança, figuras diversas para adquirir o hábito de proferi-las, sem grande esforço. De início convém escrevê-las.

aos deuses, aos vivos ou aos mortos, quer aos seres inanimados ou alegóricos. Ex.: "Nunca se enxovalhou tanto o homem, como nesses dias de opressão em que a dignidade humana foi espezinhada pela ditadura. O liberdade, onde estão os teus filhos diletos?"

Prosopopéia. — É essá uma das mais belas e mais importantes figuras. Consiste em dar vida e palavra às coisas inanimadas, aos seres abstractos, aos ausentes, aos mortos. Ex.: "Ó noite, que notícias me trazes do meu amor? Vem apaziguar as minhas mágoas, ó minha fiel companheira!" O abuso dessa figura pode levar o orador ao ridículo.

Imprecação. — É uma maldição ditada pela raiva ou pelo desespero. Ex.: "Cidade vil, cloaca de tôdas as misérias humanas!"

Cominação. — É a imprecção, quando há ameaça de males inevitáveis e próximos. Ex.: "Raça maldita, tua destruição é próxima!"

Deprecção ou Obsecração. — Consiste essa figura em suplicar a alguém uma graça que se deseja obter. "Dá-me a ternura dos teus olhos, o bálsamo das tuas palavras amorosas..."

Reticência. — Interrupção brusca do discurso, que dá mais força ao que se desejaria dizer, dando a impressão que se cala. É usada nos movimentos de cólera. Ex.: "Eu devia, ante tuas injustiças, te... Mas prefiro esperar". Pode também servir para deixar transparecer uma suspeita: Ex.: "Nada mais indigno que um traidor. E, entre nós, um... é melhor não prosseguir".

Suspensão. — Por essa figura se mantém o auditório em suspenso e se lhe faz esquecer alguma coisa de extraordinário. Ex.: "Não lhe disse tudo quanto cabia dizer. Ao vê-la, meu primeiro impulso foi atirar-lhe ao rosto a verdade!"

Dubitação. — Dá-nos essa figura a impressão das agitações, das incertezas da paixão. Ex.: "Vai, dize-lhe que a amo, que morro de amor... Não, não lhe digas nada. É preferível calar. Ela não saiba nunca que a angústia me aniquila".

FIGURAS PRÓPRIAS PARA AS PAIXÕES

Descrição. — Consideram os retóricos essa figura como das mais valiosas para o ornamento. É um dos gêneros mais importantes da retórica e merece um estudo mais pormenorizado. A descrição não deve ser apenas descrição, mas ter um fim, senão, torna-se cansativa. Convém que se dê relêvo às coisas e às pessoas. Não devem os sentimentos e as paixões desaparecer sob ela. É imprescindível que a descrição seja verdadeira ou verossimilhante. Verdadeira, quando pinta um quadro da natureza; verossimilhante, quando nos pinta um quadro imaginário.

A verdade da descrição facilitou o nascimento da escola **realista**. De acôrdo com os princípios dessa escola, deve-se descrever, pondo-se de lado as emoções; com o maior desinteresse, com impessoalidade, como se se tratasse de um espelho ou um aparelho fotográfico. Ora, como o homem não é uma máquina fotográfica e como a visualização de um quadro varia segundo a personalidade do artista, o realismo não atinge aquela fidelidade idealmente desejada.

A verdade que o homem pode dar às suas descrições é sempre relativamente aproximada à natureza, não podendo evitar os matizes de suas paixões e de suas preferências e tendências.

Assim, tem a descrição de limitar-se a uma justa medida. Não há para ela regras uniformes, que a falsificariam. O realismo pode ser obtido em pequenos traços e aí estão a arte e a inteligência de quem descreve alguma coisa ou fato. Os antigos eram sóbrios em suas descrições, mas, em compensação, os modernos conseguiram atingir certa beleza nos pormenores.

Vejamos, agora, as figuras particulares que se prendem a esta figura.

Cronografia (de Cronos, tempo e *graphô*, descrever). — É a descrição de um momento do tempo, como a descrição de um crepúsculo, de uma noite de luar, etc.

Topografia (*topos*, lugar). — É a descrição de um lugar, pela reunião dos pormenores mais interessantes.

Prosopografia (*prosopon*, figura). — É a descrição do exterior de uma personagem ou de animal, salientando seus traços mais característicos.

Etopéia (*ethos*, costumes, *poieo*, fazer). — Descrição dos costumes, do caráter e das paixões de uma personagem. É particularmente a pintura de um herói de poema ou de romance, quando entra em cena.

Demonstração. — É a descrição tão marcante e tão verdadeira do objecto, que êle surge como se estivesse ante os olhos.

Gradação. — Podemos aumentar ou diminuir gradualmente as idéias, as imagens, os sentimentos como se faz com as côres. Os gregos chamavam a essa gradação de **clímax**, que significa escala. Há gradação ascendente, e a descendente é a **anti-clímax**.

A ascendente consiste em apresentar uma seqüência de idéias, de imagens ou de sentimentos que nos vão levando a um grau de elevação ou de emoção. Ex.: “Movem-se, agitam-se, tumultuam-se”.

A gradação é descendente quando se diminuem os graus da idéia, da imagem ou do sentimento.

Anti-clímax, ou contragraduação, é a reunião, no mesmo período, da gradação ascendente e da descendente. Há êste exemplo célebre de Cícero contra Catilina: “Tu nada fazes, nada realizas, nada projetas, que eu não saiba, e mais ainda, que eu não veja, que eu não penetre”.

Antítese. — Dá-se quando opomos palavras às palavras, pensamentos aos pensamentos. Quando a antítese é prolongada, toma o nome de **contraste**.

Comparação. — É a comparação uma das mais ricas figuras de ornamento (é o contrário da antítese), quando ela aproxima objectos simplesmente para salientar as semelhanças, e não com o intuito de levar a alguma conclusão. É muito usada na poética e na oratória. Segundo as relações que se podem obter entre dois objectos, ou entre dois estados sucessivos do mesmo objecto, tomam a comparação e a antítese os nomes de semelhança ou dissemelhança.

Compensação. — Consiste esta figura em salientar a semelhança ou as diferenças de dois objectos. Quando se faz o **paralelo**, ou a comparação entre dois homens, tem-se uma espécie de compensação.

Alusão. — Caracteriza-se esta figura em mostrar as relações e analogias para trazer à mente uma idéia da qual não queremos fazer menção expressa. Ex.: “Aquêlê que espezinha os direitos humanos, e esquece as regras da decência foi sempre, na história, um exemplo da impiedade”, no intuito de aludir a algum chefe de govêrno.

Aplicação. — Consiste esta figura em adotar uma frase ou uma passagem de um autor a uma circunstância para a qual parece que ela não foi feita. Por exemplo: “Quando os vassallos de um rei foram cumprimentá-lo, o ministro, referindo-se a êles, disse a sua majestade: “Senhor, algumas ovelhas vêm felicitar o seu pastor”.

É muito usada a aplicação nos discursos de púlpito em que se aproveitam passagens da Bíblia.

Ironia. — É a figura pela qual se diz o contrário do que se pensa ou do que se pretende fazer entender. A ironia é também conhecida como dissimulação, e é muito aplicada, tanto na poesia como na oratória. Distingue-se em **asteísmo**, que é uma ironia elegante, delicada, que lisonjeia parecendo censurar.

Carientismo. — Consiste na delicadeza do asteísmo unido a alguma coisa de picante.

Cleasma. — É a ironia que consiste em mofar de alguém, dando-lhe louvores imerecidos.

Mimese. — Imitação, espécie de paródia daquele que se procura pôr no ridículo.

Mioterismo. — Forma de ironia insultante.

Litote (do grego *litotes*, exigüidade). — Consiste em dizer menos para fazer entender mais. Por exemplo: “Vai, eu não te odeio...”

Perífrase. — Consiste esta figura em designar um objecto (sem dar-lhe o nome) por meio de definições mais ou menos amplas. Ex.: Esta ciência, que procura as primeiras causas das coisas e a responder as mais angus-

tiantes perguntas dos homens, quanto ao seu destino, quanto à sua origem, etc. (em vez de dizer: a filosofia).

Eufemismo. — É uma perífrase que procura ocultar as idéias tristes, desagradáveis por meio de expressões adocicadas e aceitáveis. Ex.: Cícero, para dizer que os homens de Milo haviam morto Clodius, emprega o seguinte eufemismo: “Eles fizeram o que cada um de nós queria que seus escravos fizessem em semelhante ocasião”.

Antífrase. — Consiste em levar o eufemismo ou a ironia até expressar o contrário da idéia. Assim, as fúrias eram chamadas de “Eumênides” (as benfeitoras). E Ptolomeu, o fraticida, de **filadélfio** (que quer dizer: amigo de seus irmãos).

Hipérbole. — Consiste em aumentar a expressão. Esta figura exagera a grandeza dos objectos e das idéias por meio de palavras que, tomadas ao pé da letra, vão além da verdade. São muito usadas pelos poetas dramáticos. Por exemplo: Quando há um motim numa cidade, alguém diz: “Está a cidade inundada do sangue dos seus filhos”. O abuso da hipérbole demonstra mau gosto.

Paradoxismo. — Esta figura decorre do paradoxo. Consiste em reunir, sobre o mesmo sujeito, assuntos que parecem contraditórios. Vejamos êste exemplo de Boileau: “Ele estabeleceu sua honra à custa de infâmias”. Referia-se a um nobre, que, caído na indigência, vendera seus antepassados por meio de um contrato.

As sete últimas figuras acima descritas têm sido comumente classificadas entre as figuras de pensamento e as de palavras. Mas, como se atêm mais ao pensamento e ao sentimento, podemos deixá-las na classificação em que as pusemos.

FIGURAS DE PALAVRAS

Já estudamos em que elas consistem, e podemos dividi-las também em três classes:

Tropos são figuras fundadas no sentido das palavras, as quais consistem em desviar a significação própria e directa para lhes dar uma indirecta e imprópria;

figuras de gramática, também chamadas **figuras de construção**, porque deixando às palavras o seu sentido e a sua forma, elas alteram a construção gramatical;

figuras de dicção, as que se referem ao emprêgo da palavra, sem modificar o seu sentido, nem alterar a construção.

TROPOS

Metáfora. — É a metáfora o tipo do gênero das figuras de palavras. Consiste no transportar uma palavra de seu sentido próprio para outro sentido que lhe é aplicado por comparação. Por ex., se dissermos: “As ciências são semelhantes à luz que dissipa as trevas”, temos uma comparação e não uma metáfora. Mas, se falarmos: “As ciências dissipam as trevas da ignorância”, a comparação subentendida e a palavra ciências, transportada de sua significação própria para a significação de luz, dão-nos uma metáfora. Vemos muitas metáforas no emprêgo dos adjetivos, verbos, advérbios e substantivos. Exs.: “Uma palavra clara”; “ardendo de cólera”; “chama de paixão”; “agulhão do desejo”.

Alegorias. — Alegoria, partindo da comparação, é uma metáfora continuada, de tal forma, que o sentido próprio oculta o sentido figurado. Consiste a alegoria em substituir o verdadeiro objecto de que se quer falar por um objecto diferente, mas semelhante em muitos aspectos, permitindo que se descubra a intenção. É preciso distinguir a alegoria da **parábola** e também do **apólogo**. O apólogo tem o seu sentido oculto em todo o seu corpo, enquanto a alegoria é uma aplicação da verdade que ela pinta ou embeleza. Por ex.: referindo-se à república, disse Horácio: “O nave flutuante, percorre de novo os mares”.

Catacrese. — É o emprêgo de um termo impróprio quando há ausência, na língua, do termo próprio. Por ex.: **fôlha de papel**; **fôlha de ouro**.

A palavra **fôlha**, que conceitua uma das partes dos vegetais, é usada para significar o que não tem na língua, termo próprio.

Metonímia. — Consiste essa figura em designar a causa pelo efeito. Por ex.: **Baco** pelo vinho, a **Coroa** pelo reinado. Também se usa para designar o físico pelo moral: um homem de **coração**, um homem de **cabeça**, u'a má **língua**.

Sinédoque. — É uma espécie de metonímia que toma o menos pelo mais ou o mais pelo menos. Consiste em designar o gênero pela espécie, ou a espécie pelo gênero. Por ex.: os **mortais** pelos homens. Ou então, ainda, o todo pela parte ou a parte pelo todo. Por ex.: **Cem velas** por cem navios. Ou então a matéria que é dela feita. Por ex.: o ferro pela espada.

Metalepse (ou Transposição). — Esta figura expressa o que se segue para dar a entender o que precede, ou o que precede para dar a entender o que segue. Isto é, tomar o antecedente pelo conseqüente, ou reciprocamente. Por ex.: **nós o choramos**, para significar que ele morreu.

Autonomásia. — É o emprêgo de um nome comum por um nome próprio, ou de um nome próprio por um nome comum. Por ex.: o **Orador**, por **Cícero**; **Creso**, por um homem rico; **Mecenas**, por um protetor das letras.

FIGURAS DE GRAMÁTICA OU DE CONSTRUÇÃO

Elipse. — É a supressão de uma ou de diversas palavras necessárias para a construção da frase, mas cuja omissão não prejudica o sentido. Muito usada nas línguas antigas e também no estilo familiar. Ex.: “Se eu te amasse, inconstante, ter-te-ia feito fiel?”

Anacoluto. — É usado como sinônimo de elipse, e designa uma construção de frase irregular, incoerente. Ex.: “Vós, que ateastes a guerra, o sangue derramado cairá sobre vossas cabeças”.

Pleonasmo. — Consiste no emprêgo de palavras supérfluas na aparência ou não, que servem para dar força ao pensamento. Por ex.: ambos os dois; eu vi, com os meus olhos tudo quanto vi.

Anástrofe. — Consiste em inverter a ordem natural das palavras correlativas. “De ira cheio”, por “cheio de ira”.

Hipérbato. — É uma espécie de inversão que transpõem as expressões ao pensamento. Ex.: “Na manhã, ela florescia com aquelas graças, vós o sabeis”. Em geral, considera-se o parêntese como uma espécie de hipérbato, quando forma um sentido à parte.

Hipálage. — Figura pela qual atribuímos a certas palavras o que pertence a outras. Ex.: Iam obscuras pelas trevas da noite.

Enálage. — Figura que consiste em mudar os modos ou os tempos de um verbo. É freqüente usar-se nas narrativas para torná-las mais vivas, adotando por exemplo o presente em vez do passado: “A fera avançava na minha direção. Ponho-me de pé, de arma em riste...”

Silepse (Compreensão). — Figura pela qual uma palavra é empregada no sentido próprio e no figurado. Ex.: “A força da lei é a lei da força...”

FIGURAS DE DICÇÃO

Repetição. — Destina-se a tornar a frase mais enérgica e consiste em usar-se mais de uma vez uma palavra ou palavras. Por ex.: “Rompei, rompei tudo quanto vos liga ao mal”.

Anáfora. — É a repetição de uma ou de diversas palavras no começo de diversos membros de um período. Ex.: “Tu, valente, tu, que tantas vicissitudes conhecestes, tu, que em tantas batalhas pelejaste”.

Antístrofe. — Ao inverso da anáfora, consiste na repetição, de uma ou diversas palavras, no fim de diversos membros de um período. Ex.: “Todo o universo está cheio do espírito do mundo; julga-se, segundo o espírito do mundo; procede-se ou governa-se, segundo o espírito do mundo”.

Anadiplose. — É a repetição da palavra final, de um verso no começo do verso seguinte. Ex.: “Esse homem que foi César, César imperador...”

Conjunção. — Repetição das partículas conjuntivas, que multiplicam, por assim dizer, os objectos e a impressão produzida. Ex.: “E mataram as crianças e os velhos, e a irmã e o irmão, e a filha e a mãe”.

Disjunção. — Retirada das partículas conjuntivas, o que dá rapidez ao estilo e leva a ver melhor os objectos. Tal, por ex.: o famoso: “Vim, vi, venci”. Outro ex.: “Eles avançavam, combatiam, feriam, morriam juntos”.

Antanaclose. — É a repetição, numa frase, de uma mesma palavra tomada em acepções diversas. Assim: “O tolo é sempre tolo”. Ele quer me fazer ver o que não posso ver”.

Poliptote. — Emprêgo num período de uma palavra sob diversas formas gramaticais. Ex.: “Não vemos mais um coração em que vejamos sentimentos bons”.

Parêquese. — Repetição freqüente de uma mesma sílaba. Ex.: “Uma manhã maravilhosa”. Devemos evitá-la o mais possível, salvo quando oferece relêvo à frase.

Homeoptote. — Repetição da mesma terminação em palavras próximas. Ex.: Fremente e ingente esforço. Também deve evitar-se.

Paranomásia. — Aproximação de palavras de sons quase semelhantes. Ex.: Cresça e apareça.

Onomatopéia. — Formação de uma palavra de som imitativo ao da coisa que ela significa. Por ex.: Bem-te-vi.

* * *

Conselhos práticos:

Depois do estudo das diversas figuras de retórica, aconselhamos o leitor a reler esta parte e construir, por si mesmo, frases e períodos que as contenham.

Aconselhamos a ler o trecho de um livro e salientar, como o fizemos no exemplo dado no início, as diversas figuras que encontrar.

O bom conhecimento e o domínio das figuras são de grande utilidade para quem discursa, pois o uso modera-

do e inteligente das mesmas dá grande vida e beleza à oração.

Fundados nos exemplos aqui oferecidos, faça o leitor exercícios de discursos usando as diversas figuras, para, a pouco e pouco, dominá-las, segundo os temas que tiver de tratar, mantendo sempre o máximo cuidado de usá-las com propriedade.

Numa oração fúnebre, figuras como comparação, exclamação, epifonema, prosopopéia, são de ótimo efeito.

Num casamento ou aniversário, gradação, comparação, metáfora.

Num discurso político, segundo sua orientação, devem ser escolhidas as figuras hábilmente.

A oratória moderna é mais sóbria e franca, e as figuras precisam ser empregadas, parcimoniosamente, sobretudo as de maior efeito (1).

(1) Em «Técnica do Discurso Moderno», estudamos a aplicação prática dessas figuras ao discurso. Não deve o leitor preocupar-se, se não puder guardar de memória o nome de cada figura. O importante é o exercício da sua construção.

A ARTE DE REDIGIR

A ordem natural do pensamento humano pode ser observada sob dois aspectos gerais:

a) **indutiva** — quando o pensamento parte do singular, para o particular e daí para o geral;

b) **deductiva** — quando parte do geral para o particular e dêste para o singular.

Vejamos exemplos esclarecedores:

a) na observação de um fato qualquer, portanto singular, como êste objecto que está sôbre a mesa, que é vermelho, retangular, reconheço que se trata de um livro. Tenho aí quatro conceitos: objecto, vermelho, retangular e livro. Não é o único objecto que se dá, nem o único que é vermelho, retangular e livro. Há ainda outros, e entre êsses há vermelhos, retangulares aos quais chamamos livros.

Desta forma êsses quatro têrmos denominam uma série de fatos que se assemelham, aos quais damos êsses nomes gerais (têrmos), que expressam conceitos. Portanto, em todo conhecimento do singular, há a presença de idéias gerais.

A intuição sensível é acompanhada de uma intuição intelectual. A presença dêste livro implica a presença, a aceitação da existência de outros livros, sôbre os quais, neste momento, penso em sua generalidade e que me associam muitas outras idéias. Partindo dêste livro, fui levado a pensar nos livros em geral, em editôres, livreiros, escritores, sôbre a qualidade dos livros, preços, utilidade, etc. Parto de um pensamento singular para uma série de pensamentos gerais. Desta forma, o pensamento parte do singular para o geral; e muitos escritores, ao escreverem, partem de um facto para atingirem conclusões gerais, pensamentos gerais que muitas vêzes, não estavam prèviamente delineados na mente.

b) O pensamento dedutivo poder-se-ia processar partindo do livro em geral dos problemas que encerra, da utilidade que oferece para concentrar o pensamento neste livro vermelho, que está aqui.

Ora, todos esses pensamentos são dados como um todo ao espírito que os traduz em palavras. Essa tradução, já vimos, deve ser a mais fiel, a mais perfeita, para que o pensamento possa ser nitidamente comunicado.

Quando falamos, quando conversamos, usamos palavras, sinais que traduzem nossos pensamentos. Quando escrevemos, é com palavras escritas que traduzimos os pensamentos. Ora, quando falamos, nem sempre somos cuidadosos nas expressões. A linguagem falada é geralmente descuidada, e tais senões refletem-se na escrita. Essa falta de cuidado traz como consequência a má pronúncia e o estilo cheio de erros e de defeitos. Todos os estudiosos da retórica e da arte de redigir são unânimes em considerar que um dos melhores meios para alcançar o domínio da escrita é o máximo cuidado na conversação, isto é, isentá-la, libertá-la dos erros costumeiros, quotidianos. Portanto: **procurar falar bem claro, com o melhor cuidado da frase, é fundamental para o domínio da linguagem.**

* * *

Não é possível alguém discorrer bem sobre um tema, sobre um assunto, do qual não tenha uma idéia clara. Idéias confusas não podem permitir um discurso claro. Logo, o primeiro cuidado de quem discorre sobre algum tema é **ter dêle uma idéia clara.** É preciso meditar antes sobre êle.

Quem discorre sobre um assunto necessita ter bom vocabulário.

Um vocabulário claro, isto é, em que as palavras correspondam exatamente ao que se deseja expressar, a fim de evitar equívocos. Daí decorre uma série de consequências naturais: um vocabulário cheio de termos de gíria não só é deselegante, como nem sempre transmite idéias claras. A gíria é passageira, e as expressões dessa espécie não são universais, ou, seja, não são conhecidas de todos.

* * *

Quem discorre sobre alguma coisa não pode deixar de considerar o nexos que deve haver nas idéias que deseja expressar, isto é, uma certa ordem que ligue umas às outras. Quem discorre sobre alguma coisa tem um fim a alcançar. O discurso tem uma finalidade, quer dizer, deve obedecer ao fim que se deseja conseguir. Por isso, deve evitar-se tudo quanto o distrai dêsse fim, tudo quanto o afasta da meta desejada. Nada mais desagradável do que ouvirmos ou lermos um relato de alguém que se perde nos pormenores e nas associações de idéias que se formam. Assim é fácil compreender que em todo discurso deve haver uma unidade, ou, seja, uma completação das idéias diversas; do contrário, o discurso é um amontoado de fragmentos, de partes dispersas. A obediência à finalidade e ao nexos das idéias constitui a sua estrutura, que é a sua unidade geral.

Por isso, tudo quanto é necessário não pode ser desprezado, como também tudo quanto é desnecessário deve ser evitado. É necessário tudo quanto é imprescindível para a inteligência do assunto. **Tudo, porém, quanto é a mais, tudo** que não contribui para a inteligência do assunto, torna-se dispensável e, de certo modo, desnecessário.

* * *

Obedecendo a essas regras, quem escreve ou quem fala, tem conquistado os pontos fundamentais para um bom discurso.

* * *

A expressão cuidada do pensamento, a expressão clara, nítida das idéias, impõe-se no mundo de hoje como exigência absoluta das relações sociais. Em todos os momentos de nossa vida, somos obrigados a usar, não só da palavra falada, como da palavra escrita. E sempre causa péssima impressão quem expressa mal, confusa, atabalhoadamente as suas idéias. Um bilhete, uma carta, bem escritos, influem sempre muito mais, e muitas conquistas, muitos postos bem elevados na vida, dependem às vezes de se ter uma linguagem clara, uma expressão cuidada.

Compreende-se facilmente que há pessoas que dispõem de qualidades intrínsecas para a melhor expressão do que pensam e do que sentem. São já possuidoras de

um talento especial que as tornam hábeis à explanação das suas idéias. São qualidades naturais. Não se julgue, porém, que somente essas pessoas têm possibilidades de expressar bem o que pretendem. Mesmo aquelas que possuem êsses dons naturais, estão sujeitas a um treinamento rigoroso, para que possam tirar o mais amplo proveito dos seus dons. Em compensação, também se podem adquirir qualidades de bem redigir e essas qualidades dependem apenas de um pouco de boa vontade e de esforço. Relata-nos a história, através da biografia de grandes homens, que a expressão é, muitas vezes, o resultado de lutas incansáveis, e muitos conseguiram atingir a altas posições e a uma explanação clara e vigorosa do seu pensamento, graças a um trabalho perseverante e a um grande esforço despendido, conquistando os pontos mais elevados na arte de redigir.

Ao examinarmos as obras de muitos escritores, escritas em sua juventude, deparamos com trabalhos que não revelam qualidades positivas. No entanto, uma grande força de vontade e um bom método podem despertar em cada um qualidades que estão adormecidas. Colocamos aqui dentro de uma concepção filosófica que foge ao comum das opiniões sustentadas nesta disciplina do pensamento humano.

Somos daqueles que acreditam que **tudo quanto o homem pode realizar**, cada um de nós pode também, ao menos em boa parte. Quem duvida de si, quem se entrega vencido ante as primeiras dificuldades, nunca poderá conhecer o sabor de uma vitória. Se encontramos, no início, dificuldade na manifestação escrita do nosso pensamento, tal não nos deve levar ao desânimo, pois tais dificuldades são comuns a todos os escritores, inclusive aos maiores.

Vamos examinar quais os meios que podemos e devemos empregar para a conquista do domínio das palavras. Todos nós temos sempre alguma coisa para dizer. Não há pessoas totalmente vazias de idéias. Todos nós somos capazes de criar pensamentos interessantes, e tal se dá pelas razões que passaremos a expor.

Conta-nos Platão que um dia Sócrates, para confundir os que se opunham às suas idéias, desejou provar que um jovem sabia, sem disso ter consciência, as bases da

geometria. Dirigindo-se ao jovem, tão hábilmente lhe fez as perguntas, que êle, por si mesmo, foi encontrando uma a uma as grandes bases da geometria. Chamava Sócrates de maiêutica a êsse método, palavra grega que significa, mais ou menos, dar à luz, partejar. Cada um de nós é rico de idéias sem o saber. Como nas nossas relações sociais, basta-nos apenas um conjunto pequeno de idéias para que convivamos normalmente com nossos semelhantes, nem podem todos de leve suspeitar o mundo que trazemos em nós, mundo, porém, ainda em nebulosa, e que um bom método pode transformar num universo maravilhoso de belezas.

Os pensamentos estão em tôdas as coisas. Todos os fatos são ricos de pensamentos que pairam como possibilidades à espera de que os captemos, expressemo-los em idéias, conceitos, e os transmitamos por meio de termos, palavras. Em face de uma montanha, cujo pico penetra por entre as nuvens e se perde no céu, uma série de pensamentos pode ser captada.

Sentimo-nos pequenos ante a grandeza da montanha, sentimos a magnificência daquela mole de pedra. Emocionam-nos aquelas árvores e arbustos que se perdem na altura. Lá em cima, sabemos, o vento uiva, passa célere. Grandioso deve ser o espetáculo do mundo contemplado daquelas cumieiras. Uma série de pensamentos iguais podem ser captados por diversas pessoas, em presença da montanha, ao ascendê-la até o pico. Nenhum ser humano permanecerá indiferente ante tal espetáculo. E essas sensações, essas emoções, êsses pensamentos assaltam a todos. Ante um fato da nossa vida quotidiana, ante alguém que num gesto de desespero mata ou fere o seu rival, ante o gesto desleal de um amigo que nos trai, ante a atitude desonesta de quem acreditávamos incapaz de realizar tal deslealdade, ante êsses fatos surgem, em todos nós, os mesmos pensamentos. No entanto, ao coordená-los com outros, ao associá-los a outros fatos, ao tirar deles conclusões gerais, as divergências são as mais estranhas e impressionantes. Assim, pode cada um estar certo que tem em si um mundo de possibilidades extraordinárias que precisa despertar, que precisa trazer à luz, que precisa positivar em palavras. Para conseguir tal fim, porém, se faz mister um certo método, um certo cuidado, um certo treinamento. Defendemos, assim, a

posição de que podemos adquirir uma série de qualidades que nos tornem capazes de transmitir o que sentimos de modo a ser compreendido e vivido pelos outros. Vamos ver o que devemos fazer para atingir tais fins.

O hábito dirigido: — É o hábito um dos temas mais controvertidos e mais interessantes que pertencem à Psicologia. Não iremos analisá-lo aqui, mas apenas sob o aspecto que nos interessa.

Assim como adquirimos hábitos quase inconscientemente, também podemos dirigi-los para que se nos tornem úteis.

Quem deseja transmitir bem suas idéias precisa munir-se de bons livros, de bons autores, livros bem escritos, e lê-los cuidadosamente, para apreender as formas mais inteligentes da expressão das idéias. O constante emprêgo da leitura, não feita como mero passatempo, mas com um ensino prático, como um desenvolvimento de nosso espírito, dá-nos o hábito da boa leitura e das expressões mais inteligentes do homem, aprimorando as nossas qualidades expressivas. Mas não basta ler, é preciso escrever também.

E os primeiros exercícios consistirão em tecer rápidos comentários sobre o que lemos. Dizer o que pensamos, o que sentimos, o que nos sugere a leitura de um livro.

Tais leituras, acompanhadas de comentários escritos, mesmo usando-os muitas vezes das próprias palavras do escritor, vão-nos habituando à pronta ligação das palavras às idéias.

Os exercícios expostos mais adiante acompanharão esse trabalho de domínio do pensamento e da direção do mesmo, revestindo-o das palavras apropriadas.

Posteriormente a esse exercício, outro que se impõe é o de escrevermos alguma coisa sobre um tema de nossa predileção. Estamos agora em face de um dos aspectos mais importantes do estudo: o da predileção.

Os seres humanos são diferentes e diferenciados. Uns gostam disto, outros daquilo; uns têm predileção por isto, outros por aquilo. Essas predileções revelam os temperamentos humanos que são os mais variados. Por

isso, os homens são classificados pelos psicólogos, segundo diversos tipos de predileção, as quais são variadas e complexas e não as exporemos aqui, porque seria afastarmo-nos do âmbito do curso e penetrar no terreno da psicologia e da filosofia.

No entanto, cada um facilmente pode observar-se, verificar quais as suas predileções.

O que gostaria eu de escrever?

Esta é a primeira pergunta que deveria fazer o leitor a si mesmo. Digamos que a resposta fôsse: gostaria de escrever sobre política, ou sobre economia, ou sobre esporte, ou sobre cinema, ou teatro, ou descrever um crepúsculo, um amanhecer, uma cena de rua, ou uma luta entre animais, ou descrever um campo, uma viagem, etc.

Poderá ter disposições para os mais diversos assuntos. Pois os escolha, e sobre esses faça o leitor uma segunda seleção. Finalmente, há de sobrar um ou dois que se impõem com maior intensidade.

Pois é sobre esse assunto escolhido que deverão versar seus primeiros exercícios, porque sempre fazemos melhor o que sentimos mais de nossa predileção.

Não pretendemos aconselhar o leitor a permanecer nesse terreno, mas, apenas, permitir-lhe que se habitue a fazer bem o que lhe é mais fácil fazer. O constante exercício, nesse terreno escolhido, logo o levará a procurar outros, porque é da natureza humana o desejar alargar seu campo de ação. Então, novos campos serão descortinados, mas já irá o leitor munido de um desejo veemente de neles penetrar, e novas predileções surgirão.

O ter idéias. — Muitos, ao examinarem a si mesmos, verificarão com bastante desconforto que são poucos de idéias, que lhes faltam temas, que é muito pouco o que têm para dizer. E como ter idéias?

Para se formar um bom cabedal, são necessárias algumas providências indispensáveis. Há necessidade de formação de uma boa cultura para que ela germine, para que ela dê frutos aproveitáveis. Aconselhamos para tal:

- 1.º) uma base de humanidade;
- 2.º) a leitura de obras escolhidas.

Essas obras devem ser livros que espelhem a sabedoria humana, tais como "Pensamentos" de Pascal, "Taut-King" de Lau Tseu, "Os pensamentos" de Vauverna-gues, "Aforismos" de Lichtenberg, o "Manual" de Epicte-to, os "Caracteres" de La Bruyère, os livros aforísticos de Nietzsche, como "Aurora", "Além do Bem e do Mal", "Gaya Scientia", "Humano, demasiado Humano", os pen-samentos de Marco Aurélio, La Baunelle, Joubert, o "Ban-quete dos Sete Sábios" de Plutarco, o "Livro da Sabedo-ria" de Salomão, a Bíblia, os poemas chineses da "Flau-ta de Jade", livros da sabedoria hindu, em geral, etc.

Essas obras nos dão pensamentos, aforismos, senten-ças que sintetizam os pontos mais altos da sabedoria hu-mana. Enriquecem-nos de muitas idéias morais, políti-cas, filosóficas, sociais. São as sementes da cultura, por-que nos dão, condensadamente, tudo quanto de maior criou o pensamento humano.

Para maior fundamento da cultura, o estudo da filo-sofia é imprescindível. Como a filosofia congrega em seu âmbito o mais puro e o mais alto da sabedoria hu-mana, ela não só nos dá o conhecimento dêsse saber maior, como nos dá também o método de estudo, e dis-ciplina o pensamento pelo uso constante do raciocínio dialéctico bem organizado. De posse de livros como tais, o leitor emprega, então, nosso método de análise e de sín-tese dos pensamentos, fazendo assim constantes exercí-cios práticos que lhe darão um enriquecimento da cul-tura sempre crescente. E verá o leitor que logo às pri-meiras leituras e aos primeiros exercícios associar-se-ão idéias novas e que êle mesmo criará novas modalidades para essas manifestações, assim como invadirá novos terrenos e criará maneiras próprias, pessoais, de expres-sá-las.

Aconselhamos mais: fazer sínteses em fôlhas, à parte dos pensamentos que leu e que mais o impressionaram. E, sobretudo, **ter coragem de pensar por si mesmo.**

Nós, brasileiros, por um vício de educação que deve-mos ao grande contingente europeu, somos tímidos para o pensamento, somos colonialistas passivos. Julgamos que só a Europa pode pensar, só ela pode criar. Tive-mos a coragem de superar a Europa, de criar uma técni-ca, uma arquitetura nossa, de avançar na ciência, na psi-

cologia, em vários pontos; no entanto, somos tímidos para manifestar o nosso pensamento.

No terreno da filosofia e da sabedoria, da arte tam-bém, preferimos quase sempre permanecer dependentes da cultura européia. Tememos criar e, por isso, não cria-mos. Não construímos nada nesse terreno, porque nunca nos dispusemos a criar alguma coisa, porque prèviamente já nos colocamos numa posição de vencidos, de meros discípulos que recomendam muito mal os seus mestres, porque são discípulos que não querem nunca superá-los. Pois tenha o leitor uma vontade. Faça de si essa grande revolução de pensar por sua própria cabeça, de tentar invadir terrenos novos como outros já invadiram, de di-zer alguma coisa de pessoal também, de fazer ouvir a sua voz. Sem essa grande vitória interior não poderá reali-zar a sua superação, a qual deve ser a meta de todos nós.

Não temer julgar os trabalhos dos autores famosos do velho mundo. Não formam êles uma raça superior, de verdadeiros deuses. Se somos mais fracos, é porque nunca tivemos a vontade bastante de vencer a nossa timi-dez e tentar fazer alguma coisa por nós mesmos.

Todos nós conhecemos inúmeros operários que sem-pre ficaram subsidiários ao que lhes ensinavam os técni-cos de além-mar. Mas há ocasiões em que o caboclo bra-sileiro se vê obrigado a criar, e então cria. Há exemplos extraordinários, inventos grandiosos de brasileiros. Por que não faremos o mesmo no terreno da sabedoria?

Experimente em si mesmo o leitor êsse salto quali-tativo. Não tema o renome que ostenta a Europa. Lem-bre-se que os europeus também foram como nós, e me-nos que nós. Lembre-se que a cultura européia foi, du-rante muito tempo, apenas herdeira da cultura grega e da cultura asiática.

E como ninguém aprende a guiar um automóvel sem que tome da direção, também não começaremos a pensar por nós mesmos, enquanto não começarmos a pensar por nós mesmos. A nossa liberdade criadora começará no preciso momento em que formos capazes de usá-la.

* * *

Damos a seguir, sinteticamente, os diversos requisi-tos indispensáveis para bem redigir. São regras impres-

cindíveis, pois a sua não obediência impede a expressão do pensamento.

Vamos estudá-las:

1.^a) A unidade da composição que expressa um pensamento completo é a sentença. Pode ser composta de uma só palavra, como por exemplo *chove*, ou de um conjunto de palavras coordenadas, com sentido formado, constituindo uma frase, ou também de um conjunto de frases. Assim “Choveu todo o dia”, ou, então, “Choveu todo o dia, alagando os campos completamente”.

Que se conclui? Que deve haver um sentido formando um todo completo. Desta forma, desde que o sentido esteja completo, tudo quanto é desnecessário deve ser evitado.

A sentença deve ser **correta**, quanto à parte gramatical e **expressiva** quanto à exposição do pensamento.

Ofende a unidade do pensamento o emprêgo simultâneo de mais de uma sentença num período. Ex.: “A chuva cai sobre a cidade, resolvemos ir ao cinema”. E sim: “A chuva cai sobre a cidade. Resolvemos ir ao cinema”.

Cada período deve conter um pensamento e apenas o pensamento.

Exercício: — O melhor exercício, neste ponto, é a leitura de bons autores, prestando-se a maior atenção à formação das frases. Os trechos devem ser lidos em voz alta, fazendo as pausas menores nas sílabas, **com aumento de tom de voz** e as pausas maiores nos pontos, **com a queda do tom**, o que é peculiar à nossa forma de falar.

2.^a) A conexão das idéias — a ligação lógica, a sua idealidade, como a chamam os filósofos — é imprescindível para a boa inteligência do que se quer expressar por escrito. A clareza e a conexão, de que já tanto temos falado, devem sempre estar presentes em toda frase escrita.

3.^a) A ênfase da expressão depende da colocação da idéia principal. Quando desejamos chamar a atenção para o que vamos dizer, a idéia principal não deve vir à frente. Digamos que alguém quer expressar o seguinte: “É um desrespeito à personalidade alheia ofender-lhe os

direitos, abusar da boa vontade dos outros”. Se essa idéia fôr expressa assim: “Abusar da boa vontade dos outros, ofender-lhe os direitos, é um desrespeito à personalidade alheia”, a atenção é aumentada, por ficar suspensa a idéia principal. No estudo das figuras, examinamos a ênfase.

Estas mesmas regras podem ser aplicadas ao parágrafo que é sempre composto de várias sentenças, formando elas um todo.

Assim, por exemplo, este parágrafo de Rui:

“Enquanto Deus nos dê um resto de alento, não há que desesperar da sorte do bem. A injustiça pode irritar-se porque é precária. A verdade não se impacienta, porque é eterna. Quando praticamos uma ação boa, não sabemos se é para hoje ou para quando.

O caso é que os seus frutos podem ser tardios, mas são certos.

Uns plantam a semente da couve para o prato de amanhã, outros a semente do carvalho para o abrigo ao futuro. Aquêles cavam para si mesmos. Estes lavram para o seu país, para a felicidade dos seus descendentes, para o benefício do gênero humano”.

As sentenças que compõem o parágrafo devem ser conexas entre si, formando dêste modo um todo. A coerência é a principal qualidade que, aliada à sobriedade, à linguagem clara, torna o parágrafo perfeito.

Para obter-se a ênfase, deve-se pôr a idéia principal ao fim e não no princípio, como já vimos.

As frases não devem ser curtas demais nem longas demais. Mas deve predominar uma boa combinação ou um bom meio termo. Quanto à ordem, não deve usar-se apenas a direta, que é mais comum à linguagem quotidiana. Deve-se revezar, ora uma, ora outra. Ex.: de ordem direta e de ordem indireta: “O livro que está sobre a mesa” (ordem direta). “Sobre a mesa está um livro” (ordem indireta). Na primeira, o sujeito está em primeiro lugar, depois o verbo e, finalmente, os advérbios. Na segunda, a ordem é invertida de várias maneiras.

O PROBLEMA DAS INIBIÇÕES

É comum encontrar-se quem se acanha totalmente, na primeira vez que é levado a falar em público.

Sente que lhe desaparecem as idéias e que se encontra num deserto de palavras.

Tais fatos são psicologicamente chamados de **inibições**. Não iremos estudá-las sob o ponto de vista psicológico, mas apenas no que possa interessar aos que desejam falar sem encontrar impecilhos nem nas idéias nem nas palavras.

Vivemos hoje num mundo de inibições, num mundo de frustrações.

Não damos um passo sem que um “não pode!” não nos interrompa o caminho. Se desejamos atravessar uma rua, eis que súbitamente somos forçados a parar, porque o sinal vermelho nos diz “não pode!” São filas constantes para tudo, e em tudo somos frustrados, inibidos. Não nos interessa discutir o porquê de tais fatos e o valor que possam ter os mesmos. Interessam-nos, como já o dissemos, as inibições em sentido prático, como na oratória.

O homem, quando fala, expressa pensamentos. Quer transmitir aos outros o que pensa, o que sente, o que quer. Portanto, o pensamento é o fundamental para quem deseja falar.

Mas o pensamento reveste-se de palavras que o **significam**, que são sinais, que traduzem pensamentos e dizem a todos o que a pessoa pensa intimamente. Portanto as palavras devem corresponder aos pensamentos e não falseá-los. Devem ser, por isso, sóbrias, eficientes, claras.

Ora, sucede que entre o pensamento e as palavras há uma mudança de ordem. Os pensamentos surgem

dentro de nós sem que os procuremos, vêm com certa espontaneidade.

No entanto, as palavras muitas vezes precisam ser procuradas afanosamente.

Por que há essa disparidade na atividade de uma e de outro? Aqui há o papel das inibições motoras que impedem que as palavras surjam também com a mesma intensidade com que surge o pensamento. E vemos, então, em tais casos, oradores que procuram palavras, os “como direi?”, “queria dizer”, “não era bem isso”, “faltam-me as palavras”, “não sei traduzir meus pensamentos”, e outros do mesmo estilo.

Por outro lado vemos pessoas que, ao terem de falar, não sabem o que vão dizer. Dizem que não sabem sobre que falar, que são arrastadas à tribuna sem saberem o que dirão. E eis que se põem a formar frases várias, sobre o momento, sobre a significação da hora e, em pouco tempo, estão tomando um ritmo mais seguro e as palavras e as idéias surgem plenamente, aos borbotões.

Entre estes podem encontrar-se aqueles inibidos que, ao vencerem a inibição, não param mais de falar. São aqueles oradores, que precisam ser interrompidos com aplausos, para darem fim aos seus intermináveis discursos, e que são encontros nos comícios políticos e nas sedes dos partidos.

Exposto tudo isso, perguntará o leitor: como vencer as inibições? É o que vamos responder.

O desejo de todos é que as palavras correspondam perfeitamente à ordem em que surgem as idéias. Ora, se o vocabulário for fácil e a organização das frases espontânea, as idéias não são entravadas e encontram um veículo admirável para atualizarem-se. Eis por que desejamos chamar mais uma vez a atenção do leitor para o **Vocabulário** que oferecemos no fim deste volume. Esse vocabulário, e os exercícios correspondentes, oferecem vantagens imensas, já comprovadas por nós na prática.

O esforço que empreende o estudioso de oratória, no início, para formar frases, é compensado em pouco tempo com o fácil manejo das palavras.

Por outro lado, as palavras sugerem as idéias por que a elas estão unidas e, por meio de palavras, podemos che-

gar às idéias, como é fácil verificar através da leitura de qualquer obra, em que lemos primeiramente as palavras para alcançar as idéias.

Dessa forma, o exercício do vocabulário permite que, por meio das palavras, enriqueçamos as idéias. Esse exercício, portanto, além de dar um grande vocabulário e uma riqueza de construção de frases, é um estímulo para a formação de idéias.

Os exercícios ajudam a vencer as inibições. Mas, também, ótimo exercício para conseguir dominá-las é o que nos oferece a vida, falando com outros, empregando frases bem coordenadas, evitando a fúria, os termos grosseiros. Por outro lado deve-se falar com mais naturalidade, porque a maioria das pessoas fala abaixo do normal, do natural.

Assim, cada instante pode transformar-se num exercício de domínio das inibições. Com o decorrer do tempo, esse exercício nos liberta totalmente; as palavras passam a acompanhar perfeitamente as idéias, sem atropelões nem demoras que tanto angustiam o orador.

A leitura em voz alta é um grande exercício porque nos familiariza com a voz elevada de um tom. Devemos sempre usar a voz num tom mais alto. Dessa forma nos acostumamos a ouvir a nós mesmos falar mais alto, e não nos inibiremos, depois, quando em público ouvirmos a nossa voz, o que, embora pareça incrível, apavora a muitos.

A ARTE DE DIZER

Uma boa pronúncia das palavras é essencialmente necessária para que seja agradável a conversa. Um orador, cuja pronúncia seja irritante, carregada de defeitos, não pode, naturalmente, encontrar simpatia do auditório. Desnecessário é dizer quão importante é a pronúncia para todos. Interessa-nos, sim, saber como podemos evitar os defeitos.

Vejamos, primeiramente, os defeitos principais: falta de distinção de sons, aglomeração de sons, má dicção, como ceceo, velocidade exagerada na pronúncia ou lentidão irritante, os titubeios, etc. A primeira providência a ser tomada é pronunciar bem as palavras, sílaba por sílaba.

Exercício: ler trechos de autores, pronunciando palavra por palavra, sílaba por sílaba. Vamos a um exemplo:

“Nos a-con-te-ci-men-tos his-tó-ri-cos, os ho-mens cha-ma-dos im-por-tan-tes são as e-ti-quê-tas que dão tí-tu-lo a um a-con-te-ci-men-to...”

Logo no início do exercício verá o leitor que não manterá o ritmo e se apressará na pronúncia das palavras.

Deve, então, retornar ao exercício, e isso tantas vezes quantas forem necessárias até conseguir articular perfeitamente. O leitor pode autocriticar-se, examinar se realmente já está pronunciando as palavras batidamente.

* * *

Com esse exercício continuado, evitar-se-á essa aglomeração de sons que se fundem uns nos outros, que notamos nas pessoas que falam apressadamente, comendo as sílabas.

* * *

Um dos cuidados que se deve ter, inicialmente, na linguagem, é o de não ferir a concordância do gênero e do número. É freqüente na linguagem comum empregarem-se frases como esta: "me dá dois café" ou: "a casa foi destruído pelo fogo". Tais defeitos devem ser evitados. Para tal, convém falar mais lentamente e prestar a máxima atenção às palavras. Quando se conversar com outras pessoas, que cometem dêsses erros, deve-se mentalmente fazer a correção imediata, para evitar que se grave na memória a forma errada, causa de muitos defeitos de linguagem, em regra geral, adquiridos.

* * *

O acento tônico deve ser cuidado e bem empregado. Ex.: Caráter e caracteres têm o acento na penúltima sílaba. Alguns pronunciam **carácteres**. Imaginem um orador que empregue uma tônica errada. Que efeito desagradável pode causar!

* * *

Um dos defeitos mais comuns é o titubeio e a repetição da palavra.

Vamos dar um exemplo: "Eu ontem sabe, ontem, fui ao cinema com o Carlos, com o Carlos, etc.". Não são raras as pessoas que repetem as mesmas palavras, o que pode ser facilmente corrigido da seguinte forma: Pensar antes de falar e falar mais lentamente no início, até vencer o defeito. Tivemos um aluno que tinha êsse defeito. Era um rapaz inteligente, culto, estudioso, mas, quando falava, cansava a todos pelo excesso de repetições. Como êle falava, no entanto, muito depressa, nós o aconselhamos a falar mais devagar, prestando atenção às repetições que fizesse involuntariamente. Pensasse antes e expressasse pausadamente o pensamento. No início teve êle dificuldades, mas, em pouco tempo o defeito havia desaparecido.

* * *

O titubeio é também consequência da pressa no falar. Não aconselhamos um falar arrastado, o que seria desagradável. Mas os que têm dêsses defeitos são forçados a falar mais lentamente, até vencê-los.

Depois recobrarão a velocidade normal, mas já libertados dos defeitos. O titubeio é consequência, muitas

vêzes, das palavras andarem mais depressa do que os pensamentos.

* * *

Um defeito muito contraditório, sobretudo em São Paulo e parte de Minas, é a pronúncia caipira do l e do r. Há palavras, tais como Natal que são pronunciadas como Natar, rosar como rosar, etc. Tal defeito é adquirido, e é facilmente dominável. Basta um pouco de boa vontade e de correção constante da pronúncia.

* * *

A voz fanhosa, a voz arrastada, a voz metálica, a raspante, vozes finas, graves demais, são sempre desagradáveis. Quando não são elas resultado de defeitos constitucionais, são facilmente sanáveis pelo domínio. Tais defeitos são corrigíveis pela boa vontade do leitor e pelo exercício. O fanhoso, por exemplo, deve procurar expirar o ar pela boca sempre que possa, porque fazendo comumente a expiração pelo nariz, os sons saem anasalados. Se tiver êsse cuidado obterá pleno êxito. Uma jovem, hoje concertista, era possuidora de uma grande voz, mas excessivamente anasalada. Certa ocasião ficou terrivelmente resfriada e os sons foram totalmente expelidos pela boca. Tal facto permitiu que lhe chamassem a atenção para um exercício que talvez desse resultado e que consistia em procurar falar fechando o nariz com os dedos. Ela experimentou e o realizou e, em pouco tempo, venceu a resistência da campainha que impedia que o som saísse pela boca.

* * *

Nos casos de defeitos constitucionais, só a solução clínica poderá resolver; para tanto há médicos competentes em califasia, que é a arte de bem falar.

* * *

As imperfeições da voz devem ser evitadas. Todos sabem (e disso têm conhecimento por experiência própria) que a boa voz se impõe. Quem sabe conversar bem, e é dotado de uma boa voz, é favorecido em sua vida de relação. Os bem-falantes obtêm grandes êxitos e, no mundo moderno, mais do que em qualquer época, é ne-

cessário o domínio da palavra e uma voz agradável. A boa dicção é imprescindível.

Ninguém pode vencer em sua profissão se tiver uma voz que impeça agradar os outros. Os exercícios que já demos, e os que daremos, devem ser empregados, mesmo por aqueles que se julgam isentos desses defeitos. Nós, em geral, não conhecemos bem a nossa voz, nem percebemos os seus defeitos, porque já estamos acostumados a eles. É preciso muito critério para analisar-se, auto-criticar-se.

* * *

Deve um orador ter o maior cuidado com a sua voz, porque dela dependem muito os efeitos que possa obter durante uma oração.

Assim, um dos exercícios fundamentais é a respiração, que deve ser rigorosamente cuidada, segundo as regras estabelecidas por aqueles que a estudaram. Há uma série de conselhos práticos que devem ser seguidos pelo leitor. Naturalmente, deixamos de apresentar as considerações de ordem científica que se podem conjugar com eles, para dar os pontos práticos que, seguidos, só podem trazer benefícios inestimáveis.

* * *

Tôda emissão de som necessita da expiração do ar absorvido pelos pulmões. O som pode ser emitido sem o auxílio dêsse ar, mas dessa forma estamos forçando as cordas vocais. Portanto, devem estar os pulmões cheios de ar antes da emissão do som.

Naturalmente decorre daí que não devemos pronunciar sons quando inspiramos, mas apenas quando expiramos.

Todos sabem que forçar a voz, quando estão resfriados ou doentes, é prejudicial às cordas vocais. Essa a razão por que, nesses momentos, deve evitar-se totalmente o emprêgo da palavra, senão para o extremamente necessário. É muito comum agasalhar-se o pescoço em dias frios. Tal não se deve exagerar. Também o abuso do fumo e do álcool, como o emprêgo de pastilhas cáusticas, só podem prejudicar a voz. Ao ar livre, quando o tempo está muito frio, deve evitar-se tanto quanto possível falar. Forçar as cordas vocais é outro êrro. Há pessoas

que procuram suplantar o barulho que as cerca, aumentando o tom de voz, forçando, assim, exageradamente as cordas vocais, com graves prejuízos. Falar constantemente só pode prejudicar a voz, razão pela qual precisamos fazer pausas entre os discursos e dar-lhe o descanso conveniente.

Em suma, tôdas essas regras são muito simples e todos podem perfeitamente compreender, já por experiência própria, já pela experiência transmitida por outros, que devem ser rigorosamente obedecidas. São necessários, também, exercícios tais como os respiratórios e abdominais, que fortalecem os pulmões, e dão uma capacidade maior à voz humana, evitando seja ela forçada.

A necessidade do exercício respiratório é demonstrada pela quantidade de oradores que se sentem cansados logo às primeiras palavras. Temos tendência para marcar as pausas segurando a respiração, mas nem todos procedem assim. Há quem procure falar quando já não tem mais ar nos pulmões, cortando muitas vêzes uma frase, onde não deve ser cortada. Tais factos são graves defeitos que enfeiam constantemente um discurso, razão pela qual convém ter uma respiração regular e bem controlada para evitar tais defeitos.

Alguns exercícios de leitura em voz alta logo mostram ao leitor os defeitos de respiração, que poderão ser evitados, facilmente, procurando-se aproveitar tôdas as pausas para fazer-se uma respiração normal, nunca deixando os pulmões esvaziarem-se totalmente.

Deve, também, a respiração ser silenciosa, evitando o ruído que muitos fazem quando respiram.

As pessoas de voz fanhosa podem vencer esse defeito fazendo exercícios constantes para que os sons sejam expirados pela bôca e não pelo nariz. Um exercício aconselhado é a pronúncia isoladamente das vogais A-E-I-O-U e depois das suas combinações possíveis, como AE-IU-UO-UA-OE-EA. Finalmente, após êsses exercícios, juntar as consoantes não nasais (as nasais são M-N-NH) e fazer combinações de sons, tais como LAR-RAE-PAO, etc. Só no final dos exercícios procurará o leitor usar as consoantes anasaladas.

Quem tiver êsse defeito procurará colocar os sons como se êles estivessem na bôca, nos lábios (empostação da voz), como se o som se produzisse por entre os lábios. Êsse esforço é fâcilmente coroado de bom êxito.

RITMO DA PALAVRA FALADA — A DICÇÃO

Em todo discurso, há um certo número de palavras que têm maior valor que outras. Essas palavras, palavras-chaves, assinalam a idéia principal ou o sentimento, pontos de referência em tôrno dos quais giram os outros termos que pretendem traduzir as idéias.

Sôbre tais palavras deve recair tôda a ênfase, porque elas devem polarizar a atenção ou emoção que se deseja provocar.

Vamos dar um exemplo: “De tôdas as desgraças que penetram no homem pela algibeira, e arruinam o caráter pela fortuna a mais grave é, sem dúvida nenhuma, essa: o jôgo, o jôgo na sua expressão mãe, o jôgo na sua acepção, o jôgo prôpriamente dito; em uma palavra, o jôgo: os naipes, os dados, a mesa verde” (Rui Barbosa).

A palavra jôgo é a palavra-chave, o termo que encerra o pensamento principal, que polariza tôda a atenção e a emoção que se deseja despertar.

Não basta ao orador apenas dar ênfase pela entonação da voz mais forte e mais pausada sôbre a palavra-chave. Deve também cuidar das diversas inflexões que empregará na voz. E, além da inflexão, a cadência da voz tem também sua influência primacial.

O som agudo, fino, penetrante, o som grave, baixo, o balbuciante, o imprecativo, o forte, o solene, todos êles servem para completar o que as palavras querem dizer. Quem diz uma banalidade ou em lugar comum se empregar um tom grave e solene, torna-se ridículo. Quem dissesse, em tom professoral: “No verão os dias são quentes”, provocaria riso. Dito, porém, em tom normal, não o provocaria.

Assim, de acôrdo com a frase, e sobretudo o tema do discurso, os tons de voz variam, prestando-se às idéias que se desejam expressar por palavras.

A cadência é importante. Ora fazemos a voz erguer, ora cair. Um discurso sempre no mesmo tom é um dis-

curso monótono, portanto cansativo. A cadência pode ser ascendente, direta ou descendente.

Ela sobe, aumentando de tom, ou permanece normal, ou arrasta-se.

Segundo o assunto, deve cuidar-se da cadência. Quem descreve uma cena rápida, tem de aumentar o ritmo da voz, e a cadência é ascendente. Quem descreve uma cena normal, usa a cadência direta.

Quem procura expressar algo que se arrasta lentamente, ou um sofrimento que consome de dor a alguém, usa a cadência decrescente.

Uma alegria, um brinquedo, uma batalha; em tudo, enfim, onde há ação, deve a cadência acompanhar-lhe o ritmo.

Essa habilidade se conquista pelo exercício e a leitura dos trechos que descrevem cenas semelhantes e deve ser feita em voz alta, obedecendo, na cadência, o que se deseja expressar.

Na interrogação, a cadência varia. Ora alteia, quando numa interrogação normal “Que dia é hoje?” Ou é direta, quando a pergunta encerra desprezo, como “Pensas, acaso, que me assusta êsse vil sujeito?”

O ritmo da voz, nos discursos, é importante, e já dêle falamos várias vêzes. O movimento não pode ser sempre o mesmo, sob pena de tornar-se cansativo o que desejamos dizer.

O movimento é acompanhado pela inflexão da voz. Se observamos duas pessoas falando, notamos que variam de inflexão e de movimento. E o orador deve saber fazer o mesmo, naturalmente sem os defeitos comuns ao falar quotidiano.

Há muitas inibições da parte dos oradores as quais não lhes permitem que empreguem uma variedade de tom. Aqui só o exercício e a confiança em si mesmo podem vencê-las. Uma série de regras simples deve estar sempre em mente. Vamos examiná-las:

Não se deve falar depressa porque se perdem palavras, ouvem mal os ouvintes, a pronúncia é defeituosa, e o cansaço sobrevém tanto da parte do orador como do ouvinte. Uma série de exercícios de leitura em voz nor-

mal e com ritmo normal, bem como a organização de frases pronunciadas com normalidade, terminam por dominar completamente êste defeito muito comum.

Não se deve falar muito devagar. É o outro extremo. O cansaço de quem ouve é quase imediato; o interesse vai desaparecendo, a monotonia se apossa do audiotório.

A forma normal está entre ambos os extremos. Mas o ritmo da voz deve obedecer ao assunto, como já dissemos, e deve variar no decorrer do discurso.

Há pessoas que falam gritando. É desnecessário dizer o mal que oferece essa prática. Além de cansar a quem fala, aborrece e irrita aos que ouvem. Também se pode lembrar como defeito o falar baixo, quase imperceptível.

* * *

Quanto à dicção, vejamos algumas regras práticas.

O colorido na dicção é formado pela combinação dos tons, pela habilidade em saber dispô-los. Num momento de entusiasmo, de alegre emoção, o tom deve ser o das perorações dos discursos (a parte final). É preciso arrebatamento, emotividade. Legouvê chama-o de voz de ouro. É próprio para os poemas, onde a emotividade é intensa, entusiástica ou para os momentos do discurso em que é preciso arrebatá-los, elevá-los, erguerem-se acima de si mesmos.

Os assuntos delicados e líricos exigem uma voz delicada, clara, agradável. O tom declamatório, volumoso, presta-se para os assuntos solenes. O comovente para os momentos de emoção, em que se desejam arrancar efeitos de beleza, de doçura, de delicadeza.

Com a combinação desses sons, podem-se obter muitos outros, como o tom confidencial, o irônico, o amoroso, o acariciante, o frio, o neutro.

Um bom exercício desses tons, dos quais se deve assemparar quem deseja falar em público, consiste em ler poesias em voz alta, mas poesias de autores diversos, dando-lhes os tons, segundo os temas das mesmas poesias.

Esta prática habituará, aos poucos, o leitor ao domínio dos tons, o que é de efeito extraordinário na oração falada.

LEITURA DE VERSOS

Temos por diversas vezes aconselhado a leitura de versos em voz alta, por conterem êles certa cadência melódica, como também certa harmonia, convenientes para aumentar a agradabilidade da voz. Vamos, neste capítulo, examinar algumas regras fundamentais para a boa leitura do verso. Nada mais desagradável de ouvir-se que a declamação mal-feita. Embora seja um verdadeiro dom, muito podemos fazer em nosso benefício para alcançar a melhor maneira de recitar versos. É realmente uma arte difícil, mas se fôr evitado o cantarolar, o monomelódico das más recitações, as pausas demasiadamente acentuadas e as inflexões erradas da voz, sobretudo quanto à altura do som, muito se pode obter.

Que horror ouvir alguém recitar um verso, assim, por exemplo:

— Tátátá — tátátá —
 tátátá — tátáti
 — tátátá — tátátá —
 tátátá — tátáté
 — tátátá — tátátá —
 tátátá — tátáti
 — tátátá — tátátá —
 tátátá — tátáté

No entanto muitos recitam desse modo.

A poesia deve ser lida como poesia e não como prosa, como a prosa deve ser lida como prosa e não como poesia. Mas daí a exagerar, na poesia, o ritmo, tornando-a monomelódica e levantando a voz em cada final de verso, é simplesmente intolerável.

Outro aspecto desagradável é a voz chorosa, lacrimante de alguns recitadores que não podem ler uma poesia sentimental ou triste, sem torná-la chorosa. A cadência do verso não deve ser exageradamente acentuada. As

sílabas devem ser pronunciadas com cuidado. Na prosa, a pronúncia das sílabas pode obedecer à ordem da silabação normal. Já na poesia, tal não se pode dar.

Por exemplo, neste verso:

E a minha voz fêz-se gorjeio de ninho...

Lê-se:

Ea-mi-nha-voz fêz-se gor-jeio-de-ninho.

A silabação é verificável na leitura do verso. Umás vêzes, juntam-se duas sílabas, outras não. Os exemplos são imensamente grandes.

O ouvido é quem melhor nos ensina a fazer a silabação bem feita. A cesura é o ponto de valor sonoro mais alto do verso e coincide com o acento tônico da palavra. Ela separa o verso, e os dois lados chamam-se **hemistíquios**. Aí o ritmo ascende ao ponto culminante, decrescendo para o final.

Vamos a exemplos:

Em meu corpo fremente sem cessar,
agito os guisos de oiro da folia!

* * *

Não acentuar exageradamente as rimas, já mostramos no primeiro exemplo. Tal acentuação é exagerada. A voz deve permanecer na rima na mesma altura do segundo hemistíquio, isto é, no mesmo volume da segunda parte do verso, depois da cesura.

A desobediência a esta regra torna o verso desagradável.

O **enjambement** é a passagem de um verso para outro que completa o sentido. Os românticos não o usavam, mas os parnasianos dêle até abusaram. Lembremo-nos dêste verso de Raimundo Corrêa:

“Se a cólera que espuma, a dor que mora
n’alma e destrói cada ilusão que nasce...”

se fôr feita uma pausa em **mora**, o verso torna-se desagradável a quem ouve.

Deve ser lido assim:

Se a cólera que espuma,
a dor que mora n’alma e destrói cada ilusão que nasce...

Essa ligação é o **enjambement**.

Deve-se ler, obedecendo às citadas regras, êste soneto de Florbela Espanca:

“Mais alto, sim!, mais alto, mais além
Do sonho, onde morar a dor da vida,
Até sair de mim! Ser a Perdida,
A que se não encontra! Aquela a quem

O mundo não conhece por Alguém!
Ser orgulho, ser águia na subida,
Até chegar a ser, entontecida,
Aquela que sonhou o seu desdém!

Mais alto, sim! Mais alto! A intangível!
Turrís Ebúrnea erguida nos espaços,
A rutilante luz dum impossível!

Mais alto, sim! Mais alto! Onde couber
O mal da vida dentro dos meus braços,
Dos meus divinos braços de Mulher!”

OS GESTOS

Quando falamos, gesticulamos. Uns mais, outros menos. Não vamos examinar as diferenças de gesticulação entre os povos e as eras. Trataremos aqui apenas do que interessa para quem recita, para quem fala, para quem discursa. O gesto, que acompanha a palavra ou a idéia, deve completá-la e não exagerá-la.

Quem fala sem mover um traço do rosto ou das mãos ou do corpo, assemelha-se a u'a máquina. Por isso, para que o efeito seja o mais completo, o gesto deve ser expressivo, adequado e exacto.

Essas três qualidades são imprescindíveis. Podemos observar que, hoje, o gesto não deve ser completo, mas apenas o esbôço do gesto.

Digamos que alguém quer dizer que **seguiam para longe**... Fará o gesto indicando suavemente com o braço. Mas se este gesto fôr muito longo, estirando totalmente o braço, êle será exagerado.

Mas se levemente apontar com a mão aberta a direção, dois palmos, no máximo, de distância do corpo, o efeito será completo. Se quiser dizer:

“Seguiam para longe, muito longe...”

Então o primeiro gesto será menor, fazendo a pausa no primeiro **longe** e alargando um pouco mais quando do segundo **longe**, nunca, porém, estirando-o totalmente.

O gesto de uma **ênfase**. Digamos que alguém quer dizer:

“fiz-lhe um sinal para que parasse...”

Então, o gesto de mão aberta, palma para a frente, erguida até o peito, levemente afastado do corpo, será su-

ficiente. Mas, se a cena fôr patética e se se quer dar uma descrição da realidade, então o gesto deve ser feito como o é, quando usado na realidade.

No primeiro caso queremos apenas dar uma **impresão**, no segundo queremos mostrar a realidade.

Se alguém quer expressar:

“...dissera-lhe, então, que não fizesse...”

o abanar de cabeça será levemente feito. Não se copia aqui a realidade, mas apenas dá-se o esbôço do gesto correspondente.

Aqui está tôda a regra para quem declama: o gesto deve ser apenas o esbôço essencial do gesto real. O orador, que cuidar em fazê-los assim, obtém efeitos maravilhosos, porque os dá em seu aspecto estético e não real, contribuindo desta forma para a maior beleza da oração.

Um gesto natural, quando oramos, passa a ser exagerado, porque quem ouve uma oração está vivendo um mundo de sugestões, de imagens e não de factos que se desenrolam. No teatro, êsse cuidado tem um valor estético extraordinário.

O gesto deve preceder à palavra ou acompanhá-la, nunca sucedê-la.

Se anteceder, prepara o efeito da palavra; se acompanhá-la, reforça-a; se a suceder, perde sua força.

Os gestos devem ser sóbrios. Evitar a repetição exagerada, a monotonia; variar sempre. A posição do corpo deve ser a erecta sem ser exagerada, isto é, natural.

Deve o orador, quando em pé, mover-se com regularidade, avançar meio passo quando quer persuadir, recuar um pouco, meio passo, quando demonstra repulsa, ou deseja repelir. Por exemplo, se tornar firme a perna esquerda, ao avançar, a direita deve avançar um passo; se quiser recuar, recuará um passo a perna esquerda, quadrando, em ambos os casos, o corpo.

Vejamos alguns gestos fundamentais:

Repelir — recuar um pouco o peito, erguer a cabeça, gesto da palma da mão volvida para baixo até à altura do peito.

Aceitar — leve avanço da cabeça que baixa, peito para a frente, palma da mão aberta para cima, até à altura do peito.

Repelir totalmente — mão levada até o peito, com a palma aberta para fora e o gesto semicircular para fora, com o alçar da cabeça acompanhando.

Gesto amistoso, de aceitação — mãos abertas, palmas para cima, levemente dirigidas para os lados. A cabeça pende mui levemente.

Gesto de defesa — erguem-se as mãos à altura do peito, com a palma aberta para fora.

Gesto de desolação — as mãos caem, com as palmas abertas para fora.

Pedir — quando se pede, elevam-se as mãos até o peito, com as palmas para cima, em movimento trêmulo.

Uma negativa enérgica — ergue-se a cabeça, a qual se move, antes e durante a pronúncia da negativa. Para uma negativa suave, basta um menear de cabeça.

Cruzar os braços — indica espera. Gesto de quem aguarda.

Olhar oblíquo — de cima para baixo, indica desprezo.

O uso dos gestos da cabeça é importante. Deve-se preferir uma posição natural. A cabeça pendida, indica humilhação; elevada demais, arrogância; caída para os lados, lassidão; se firme, imobilizada, olhar fixo, lábios fechados, dará impressão de energia feroz. Nos gestos de aproximação, aceitação, o movimento de cabeça deve acompanhar a direção do gesto. Nos gestos de repulsa, ela deve seguir o lado oposto do gesto defensivo.

Os movimentos da cabeça devem ser sempre leves, o suficiente para serem percebidos.

Quanto ao rosto, devem evitar-se as caretas. Mas daí para uma impassibilidade de cera, há graus muito diversos.

Leves movimentos, sempre indicando a essência do que se deseja expressar, eis a regra para todos os gestos.

O gesto deve apenas **sugerir**, e a sugestão exige apenas o essencial, a direção inicial, o movimento inicial. Todo gesto que copie a realidade é exagerado.

Ele deve apenas dar o vislumbre, a sugestão da realidade.

Assim os gestos de lábios, de olhos, devem apenas **sugerir**.

Pode o leitor usar um espelho e falar ante êle, observando se os gestos sugerem ou são exagerados, abusivos.

* * *

Os dedos não devem permanecer muito unidos, nem muito abertos, mas levemente abertos e levemente curvados.

O dedo indicador em riste é acusador; unido ao polegar é doutoral, de quem ensina; abertos o polegar, o indicador e o médio, é o gesto de quem explica, explana.

As circunstâncias indicarão como usar e não usar tais gestos.

O movimento das mãos sobre a mesa deve ser sóbrio, variado, evitando sempre o movimento nervoso com um objecto pequeno, um lápis, por exemplo, o que revela falta de domínio.

CONSELHOS DE ORATÓRIA

Quem fala em público deve ter o máximo cuidado com os pontos que passaremos a examinar. Em primeiro lugar, deve evitar os **lugares comuns**, tais como: Neste momento cívico — solene — Escolhido para falar — Melhor que eu, outro faria — A consciência cívica de nosso povo — A significação desta hora — Com a alma em prantos ou de joelhos, etc. — Hoje mais do que nunca — Quis a presidência que eu fôsse o orador — Com a voz embarcada pela emoção — Faltam-me as palavras — Não sei como direi — Um misto de alegria e de tristeza me invade a alma — Abusando da vossa bondade — etc., etc.

O orador deve ser sóbrio e incisivo. Dar o verdadeiro nome às coisas e nunca prolongar-se na sua oração. Muitas idéias e poucas palavras. Nada mais impressiona os ouvintes do que o dizer algumas idéias e ter o cuidado de revesti-las de uma forma concisa, clara, expressiva.

Digamos que alguém, numa assembléia, queira concitar os ânimos para uma ação em conjunto, a fim de obter algo. Se falar assim:

“Minhas senhoras e meus senhores. Quis a assembléia que eu fôsse o orador desta sessão e que viesse dizer-vos o que sinto na alma. É desnecessário falar-vos da significação desta hora, desta hora de civismo. É com a alma turbada pelos acontecimentos, com a voz embargada pela emoção, num misto de alegria e de tristeza que me invade, que abusando da vossa boa vontade, vos dirijo a palavra. Em momentos solenes como êste, quando as consciências se reúnem, etc., etc.”.

Não negamos que tal oratória possa causar certo efeito. Mas como é muito repetida, muito conhecida, muito usada, já está um pouco gasta e os efeitos causados serão pequenos.

No entanto, se disser:

“Senhoras e senhores: Que nos traz aqui? Por que nos reunimos neste instante, nesta sala? Quais os desejos que animam nossos peitos? Não estamos em face de acontecimentos que exigem uma análise aguda? Não estamos em face de uma situação que exige que nos decidamos? Se cada um de nós, sózinho, entregue a si mesmo, empreender essa obra que desejamos realizar, poderá fazê-la e podemos construir o que tanto almejamos, se fôrem dispersas as nossas ações (Olhar para alguns dos circunstâncias). Todos sabem muito bem que não. Que fazemos que não unimos as nossas forças e não tornamos um só o nosso querer, e realizamos o nosso desejo? (Num crescendo). Não é êle o fim que todos almejam? (Tom enérgico, mas mais grave). Pois, senhoras e senhores, só há um caminho a seguir: unir nossas fraquezas individuais e, num só querer, torná-la uma força irresistível. A nossa vitória depende apenas de nós. Está ao alcance de nossas mãos. Que esperais ainda para alcançá-la? (Pausa, olhar firme, expressão enérgica). Unidos a essa fórmula é que trilharemos o caminho da vitória. Quereis acaso ficar para trás? (Deve pender o peito para a frente, deitar um olhar panorâmico para o auditório. Pausa. Um sorriso superior, e acrescentar): Sabia que no fundo de todos havia um só querer. Estamos unidos agora, vossos olhos dizem, vossos rostos o revelam. Agora sim, agora venceremos...”

* * *

Que nos sugere tudo isso? Sugere o cuidado que deve ter o orador com as pausas e com a inflexão da voz.

Cada palavra, cada frase tem um valor. E quem fala, e quer impressionar a quem ouve, deve ter o cuidado de não desmerecer o valor das palavras como das pausas, nem desmerecer, nem acentuar o que não deve ser acentuado.

Digamos que temos à frente de nós uma multidão que nos ouve.

Que devemos fazer antes de tudo? Ora, em geral, o auditório, está em estado de **tensão**, de grande expectativa. Espera, aguarda o inesperado. Se as primeiras pa-

lavras mantiverem essa tensão e aumentar a atenção do auditório na espera de alguma coisa que o emocione, terá o orador levado, já, uma grande vantagem. Como proceder então? Vamos a exemplos e aos comentários necessários.

O orador está em frente de uma multidão que aguarda a sua palavra. Primeiro, olha-a rapidamente. Ergue o rosto sem exagero, com naturalidade, mas com a demonstração de que tem pleno domínio de si. Tal gesto logo infunde confiança nos que ouvem. O orador é senhor de si. Forma-se, naturalmente, uma atitude de respeito, porque os homens, em multidão, são mais excitáveis do que quando isolados.

Digamos que o orador inicie assim:

O momento que vivemos é um momento glorioso (pausa),

um momento histórico... (acentua a voz e rápida pausa),

e eu vos digo... (eleva a mão, dedo em riste para o alto. Pausa),

estamos cansados de esperar.

Cada uma dessas pausas permite ao ouvinte ressonâncias interiores.

Com a primeira, valorizamos a palavra **momento**; com a segunda a acentuamos; com a terceira, aumentamos a expectativa, porque as multidões são sempre curiosas, expectantes. Com a quarta, o fecho ressoa fundo. É o que todos sentem.

Digamos que o orador continuasse nesses termos:

“Realizaram-se as promessas que nos fizeram? (olhar panorâmico e pausa). Não nos prometeram dias melhores? Não nos garantiram que tais factos não se repetiriam mais? (pausa).

(Baixa o tom, tornando-o mais grave). E o que vemos é a repetição dos mesmos erros (aumenta o tom num crescendo), a repetição das mesmas ignomínias, a teimosia das mesmas indignidades, a perpetuação das mesmas infâmias. (Pausa. O orador faz um ar de asco).

Dói profundamente em todos nós o sermos expectadores de tanta vileza. (Abana levemente a cabeça).

(Ergue a cabeça agora. Voz dura, enérgica).

Mas não julguem que estamos dispostos a permitir que tal estado de coisas se eternize. Nossa capacidade de sofrimento tem seus limites e nossa revolta está prestes a aflorar”. Etc.

Um orador que fala sem convicção não infunde convicção. Por isso, tôdas as passagens do discurso devem estar cheias da convicção que se quer infundir. Êsses pequenos exemplos nos mostram quanto se pode fazer para conseguir manter em estado de tensão aquêles que nos ouvem.

O evitar o lugar-comum é quase tudo na oratória moderna.

Passemos os olhos sôbre os oradores de partidos. Não repetem sempre as mesmas frases e as mesmas idéias? Não são os mesmos “discos”, como afirma o povo? Na realidade apenas repetem e não criam para as multidões senão estupefacientes que as adormecem e que servem para tirar delas tôda e qualquer iniciativa.

No entanto, quando alguém sobe à tribuna e fala com domínio de si e das palavras, expressa idéias novas, evita lugares comuns e repetições, causa verdadeira admiração. Esperavam ouvir o que já estão cansados de ouvir. E, dessa vez, eis que alguma coisa de novo os desperta do letargo em que viviam, do sono em que estavam.

É preciso, portanto, não imitar, mas criar.

O orador deve criar e não imitar. Em vez de repetir, deve procurar, por si mesmo e em si mesmo, a forma de expressar o que sente e pensa. É uma regra para evitar as repetições é sempre procurar falar de maneira diversa da que fazem os outros. Ser pessoal na oração. Um exercício pode oferecer-se aqui e todos podem empregá-lo, a cada instante. Consiste êle em formular mentalmente novas frases, em expressar novos modos de dizer sôbre os mais variados temas de discurso.

Imagine o leitor que está num batizado ou num casamento, ou num aniversário, e é obrigado a falar. Por êsse exercício já formula as frases que poderá empregar. Examina-se e retira delas tudo quanto é “chavão”, “frase

feita”, “lugar-comum”. Constrói as frases de nova maneira. Períodos curtos, incisivos, alternados com outros mais longos. Nesse exercício já vai joeirando o que é desagradável ou desinteressante, escolhendo o que é novo, original, não comum pelo menos. Se fizer êsse exercício e o escrever, eis que estará dando-lhe uma produtividade extraordinária.

Sobretudo devem ser aproveitadas as figuras já expostas nas lições de retórica porque elas permitem um amplo enriquecimento da redação.

* * *

Damos, a seguir, um trecho de discurso de Alves Mendes, pronunciado no século passado que, pela sua sobriedade e beleza, merece ser lido:

“Ao falar-se de trabalho e de progresso, não pode prescindir-se, não deve prescindir-se da crença; — porque quem não crê não trabalha, e quem não trabalha não progride. E se, como temos visto, a idéa científica, a idéa humana, opulentando os tesouros sociais e dilatando os horizontes da vida, serve abastadamente o progresso e impulsiona fortemente e nobremente a civilização: que diremos nós da idéa religiosa, da idéa divina! Ouço afirmar, que esta idéa está exausta, quase extinta, e que já não pode alentar as nossas aspirações ou nortear as nossas esperanças.

“Agérrima ironia, lamentabilíssimo engano! Quem isto afirma corta cercas as fôlhas da história — essa quase fototopia de tôdas as cenas da terra, e corta rentes as asas do espírito — êsse quase anjo iluminado pelos esplendores do céu.

“Ouço dizer ainda, que êste nosso século é em tudo um século positivista, utilitário, um século ateu. Tristíssima afirmação! Se assim fôra, seria bem desgraçado; seria um século gigante, porém um gigante cego. Eu ôtímadamente conheço que cada uma das grandes épocas históricas toma, por vêzes, uma direção mais acentuada, uma feição mais aberta, um caráter salientíssimo, em que algumas faculdades se avigoram e amplificam com dano de outras faculdades; mas também sei, que as correntes da matéria, impetuosas e indômitas que elas sejam, jamais anulam as correntes do espírito; e creio tenazmente, que,

cedo ou tarde, do enorme laboratório social, em que fervem e refervem as paixões e as idéias, a verdade aflora sempre mais subida de ponto, mais esplendorosa e facetada, como do enorme laboratório cósmico aflora limpidíssimo o carvão, o carvão apurado diamante!

“Que dizem?! Pois se a roda do tempo nunca tem girado sem produzir e dardejar algumas faíscas de luz; hoje, que esta rotação é intensíssima, não despediria para aí, ao menos, uma flecha de luz celeste, que é a luz de tôdas as luzes?! E assim tem acontecido. Bem quisera eu agora dar-vos conta disto, mas não mo consente a exigência da ocasião. E quem o não sabe? Quem se não sentiu piedoso, cristianíssimo, lendo, por exemplo, a “Messiada” de Klopstock, através de cujas páginas se vê crescer a obra da Redenção, e se ouve, deliciosamente, o hino grandioso dos mortos redivivos acompanhado pelas cadências das harpas angélicas? Lendo a “Divina Epopéia” de Alexandre Soumet, onde o sangue de Jesus vai caindo, gôta a gôta, até ao abismo de tôdas as culpas, e a árvore da Cruz vai penetrando, raiz a raiz, até o centro de todos os males? lendo a Oração por todos, que Victor Hugo ensina à sua filha inocente, essa oração terna, efusiva, misticíssima, vibrante como a voz do bronze, maviosa como o gorjeio da ave, nítida como a luz da estrêla, finíssima como o perfume da flor? lendo o Cântico a Deus, de Lamartine, êsse cântico sentimental e sublime, que junta as transcendências de Platão às concisões de Isaías? lendo em suma e enfim, a Harpa do Crente, de Herculano, que consola, comove, arrebatada, inspira, espiritualiza, vivifica; que rutila como a sarça do Horeb e geme como os salgueiros de Babilônia, que estrondeia como a montanha do Sinai e suspira como as virgens de Sião, que canta como o saltério de David e chora como os trenos de Jeremias? Quem desconhece ou denega tudo isto? Quem denega ou desconhece que a crença é o maior tesouro da verdade, o mais adorável surgente de virtudes, o eterno timbre da nobreza do homem, a garantia suprema, a base inconcussa da grandeza social?

“E não há de demonstrá-lo, basta vê-lo. Aqui a geografia supre a retórica. Para provar-se que a civilização social deriva essencialmente da crença religiosa, é apontar para os povos que não têm podido assumir ou compreender a idéa cristã. Jazem todos derrancados, jun-

gidos a um ignóbil fatalismo. Se são povos primitivos, vivem imbecis numa eterna infância; se são povos policiados, vivem ineptos numa eterna decrepitude. Exemplo — a Oceania e o Bósforo. Nem numa nem noutra banda floresce a cultura humana, porque os seus habitantes não têm logrado ser cristãos; e assim, aquêles arrastam a existência de um menino ignorante; êstes, a de um velho crapuloso. É natural, evidentíssimo. Não há progresso, não há civilização sem moral, e não há moral sem religião. Portanto, o progresso autêntico, a vera civilização ou é religiosa ou não existe. No homem, muitíssimo mais que na matéria, reponta e refulge a manifestação do progresso. O homem é um espírito encarnado, um espírito servido por órgãos: — aquêle homem, cujo espírito adejar acima do espírito comum, êsse será homem entre os homens. Mais, infinitamente mais que a matéria e tôdas as formas da matéria, vale em si o próprio homem, criador dessas formas, que são as suas mesmas obras. A matéria é inconsciente e inanimada; não é fim para si mesma, é meio para os fins do homem. A rigor, só o homem progride, porque só o homem entende. Supor o homem igual ou inferior à matéria é subverter, é profanar o plano do universo.

“O positivismo teórico resulta o pessimismo prático: é espírito descrente, o espírito estéril; é o coração em gelo, o coração empedrado; é a antítese de tôda a grandeza humana e de tôda a grandeza moral; não pode ser a doutrina de um povo militante, de um povo em progresso. Não pode. Povos grandes são povos progressivos, povos crentes, — porque a vida é de si uma luta e a crença é de si uma vitória!

“Desdobre-se, pois, completamente ascensional e harmônico, o glorioso e realíssimo progressimento humano. Onde o homem acepillar melhor as suas faculdades e melhor significar os seus costumes e onde irradiar mais luz e verdade, mais justiça e virtude; onde, em suma, se refletir mais danosa a perfeição infinita, é precisamente aí onde se executa melhor trabalho, se produz maior progresso, e fulgura mais civilização. Cinzelar, moralmente e socialmente, o homem, será sempre o primeiro trabalho, o grande trabalho, o mais útil trabalho do próprio homem”.

A DIALÉTICA COMO ARTE

DE

ARGUMENTAR E DE PERSUADIR

O RACIOCÍNIO DIALÉCTICO

Vamos dispensar neste curso as longas razões de ordem teórica que fundamentam os princípios da Dialéctica, quer considerada como método de raciocínio, quer como uma nova lógica que vem completar o campo da Lógica Formal. Por outro lado, vamos dispensar também o estudo das diversas dialécticas existentes, bem como da parte histórica, para nos atermos apenas à argumentação e à arte de persuadir, pontos importantes e de utilidade prática.

* * *

Um leve exame da história do pensamento, mostramos que tôdas as idéias, todos os princípios, tôdas as afirmações encontraram sempre argumentos sólidos para fundamentá-los, como também sólidos argumentos para refutá-los. Têm todos experiência prática, experiência oferecida pela vida quotidiana, de que as afirmações não satisfazem plenamente e encontram adversários que se apresentam munidos de poderosos argumentos, deixando-os indecisos entre uns e outros. A tôda tese opõe-se uma antítese. A tôda afirmação, opõe-se uma contradição. Não há ponto do pensamento humano que não seja controvertido. Não há princípio afirmado que não encontre seu mas . . . , suas dúvidas. No entanto, impõe-se que façamos aqui distinções. Nota-se que existe no terreno da ciência mais solidez nos argumentos e as controvérsias são menores do que, por exemplo, no terreno da filosofia, da política, da economia, da sociologia. É que as ciências naturais, por operarem sobre certos aspectos da natureza, têm maior homogeneidade. E vamos explicar, da maneira mais simples que é possível este ponto.

As ciências naturais estudam corpos, isto é, objectos que ocupam um lugar no espaço e se dão no tempo. Todos êsses corpos têm extensidade, e esta se manifesta nas extensões, no quantitativo. Todos os corpos são quantita-

tivos. Ora a quantidade é julgada sempre homogênea-mente. Uma quantidade pode ser comparada com outra. Como a matemática trabalha apenas com as quantidades e esta é aceita como homogênea, conhece ela uma exactidão maior do que outras ciências. As ciências naturais trabalham com os corpos que compõem o universo e todos eles são quantitativos, por isso é a matemática basilar para a ciência, que dela não prescinde. Mas sucede que não são apenas os aspectos extensivos os componentes dos corpos. Há, também, aspectos intensivos, qualitativos, de movimento, etc. A ciência, para compreendê-los, considera-os apenas quantitativos, dentro do seu campo de ação. Quando eles o ultrapassam, isto é, quando não podem ser reduzidos **totalmente** à quantidade, como os factos psicológicos, sociológicos, objectos da filosofia, os valores, etc., então a ciência só apreende a parte quantitativa e abandona a outra às demais disciplinas. Assim, ela obtém a **exactidão** na parte quantitativa e um certo **rigor** na qualitativa. Como nessa parte, a intensista, — ou onde pelo menos domina a intensidade, — não se dá a exactidão, é ela sujeita a maiores controvérsias. É o que vemos em tôdas as ciências culturais, como a história, a sociologia, a psicologia em parte, a filosofia, a religião, a metafísica, o direito, a política, a arte, a axiologia, etc.

A lógica, que predomina nas primeiras (as ciências naturais), é uma lógica que não admite contradições, é uma lógica apenas afirmativa, salvo naqueles pontos em que não foi alcançada a base quantitativa, onde ainda não surgiu, como em certos temas, tais como o da energia, o do movimento, que, por transcenderem-na, pertencem à filosofia da ciência, e dão cabimento a dúvidas. Também as controvérsias se dão mais poderosamente no terreno em que a ciência não alcançou pleno domínio do quantitativo, como nos factos da genética, da teoria da evolução, da microfísica, etc.

Não se julgue que, ao reduzir-se tudo à quantidade, tenham-se, de uma vez para sempre, liquidado as controvérsias. Absolutamente não. A redução dos factos ao aspecto apenas quantitativo é uma redução abstracta da realidade, porque a realidade não é apenas extensidade, mas intensidade também. A ciência, por isso, é abstracta, embora prática e tecnicamente seja concreta. Por is-

so, nos dias que correm, surgem grandes polémicas que atingem todos os aspectos da ciência para libertá-la da quantitatividade, da ditadura, da extensidade, tornando-a dialéctica.

Mais alguns elementos necessários e poderemos manejar a dialéctica, apenas num dos seus aspectos como arte de argumentar e de persuadir.

Há duas formas de pensamento: o **pensamento intuitivo** e o **discursivo**. A intuição é um conhecimento directo, sem meios (por isso se diz **imediató**), de um objecto de pensamento em si mesmo.

Todos os pensamentos têm um objecto, porque todo pensamento é pensamento de alguma coisa. Intuir vem de **intuire**, termo latino que significa penetrar pela visão. Assim intuir é **penetrar em**, é penetrar no objecto, é perceber o objecto como ele se nos apresenta. Assim temos a intuição deste papel que lemos, deste que está aqui, deste livro vermelho que está na mesa. Eis o que se chama intuição empírica (**empírico**, quer dizer experimental, dado pela experiência) ou também sensível porque nos é dado pelos sentidos. O fenómeno intuído pode ser **exterior**, quando é percebido pelos **sentidos** (a côr do livro, o tacto que ele oferece), ou **interior**, quando é percebido pela consciência, como uma dor, um desejo.

A intuição sensível pertence ao homem, como também pertence aos animais. A **intuição racional**, também chamada de **intelectual**, tem por objecto as relações. São relações, por exemplo, de semelhança: este livro é vermelho e aquela cortina também é vermelha; ou de contraste, este livro é vermelho e aquela cadeira é branca; de causalidade: aquela porta se abriu pela deslocação de ar; ou de finalidade: estão aquecendo a água para fazer café. Há outros aspectos da intuição, tais como a intuição do transcendente, intuição mística, intuição eidética, etc., mas que pertencem ao campo da filosofia.

Falta-nos, para o nosso estudo, falar da **intuição adivinatória**, que é um modo de conhecimento rápido, directo por ser intuitivo, mas que se funda na experiência já adquirida, como, por exemplo, a intuição de um médico no diagnóstico, a de um esportista num prélio, a de um técnico na sua função, etc.

A intuição sensível aplica-se ao singular, a esta coisa, àquela coisa, o que diferencia esta e a distingue de outra.

a intuição intelectual às relações entre as coisas ou ao que elas têm de geral, ao que elas têm de semelhante com as outras. Veremos que essa distinção é importante, porque ao chegarmos aos argumentos, no próprio corpo da arte de argumentar, poderemos polarizar de um lado o que é singular de um facto ou de um tópico que desejamos defender e, do outro lado, o que é geral, o que se assemelha aos outros. Para os advogados políticos, argumentadores em geral, esta distinção é importantíssima, porque a lei se refere ao universal e nem sempre é ela capaz de encerrar, em si, todos os factos e as singularidades. Por isso permite argumentar-se em seu favor com possibilidades de bom êxito. Estabelecida essa distinção, que cremos foi nitidamente exposta, analisemos outros aspectos que são também importantes.

Já que estudamos o pensamento intuitivo, analisemos agora o **pensamento discursivo**.

O pensamento discursivo é também chamado **raciocínio**. Atinge êle um objecto de conhecimento, não directamente como o pensamento intuitivo, mas indirectamente, por discurso (discurso é formado de duas palavras **dis-curso**, por rodeios, ir daqui para ali, discorrer, correr de um lado a outro, notar neste o que há de semelhante com aquêle).

Além disso, funda-se nos conhecimentos já adquiridos, pois para comparar isto com aquilo é preciso ter uma noção disto ou daquilo, um conhecimento disto ou daquilo. Raciocinamos sôbre um facto ou uma idéia, levando alguns de seus aspectos para compará-los com outros já conhecidos. Assim o raciocínio discorre.

Vejamos, agora, as formas do raciocínio. Temos um princípio geral já aceito, por exemplo: todos os corpos são pesados. Estamos em face dêste livro que é um corpo, porque ocupa um lugar no espaço. Logo concluímos que êle é pesado, porque todos os corpos são pesados. Isto é, deduzimos, tiramos daquele princípio geral o que já está contido nêle, uma parte dêle. Nesta forma de raciocínio estão incluídos os silogismos, que são estudados na lógica.

Mas, para afirmarmos que todos os corpos são pesados, tivemos que partir de uma série de experiências. Vimos um corpo, dois, três, milhares. E como todos os corpos que percebemos são pesados, induzimos, então,

que todos o sejam. Chama-se a tal forma de raciocinar de **indução**, isto é, partimos dos casos singulares para o geral. Mas tal não basta para têrmos uma indução, porque poderia haver corpos não pesados, mas desconhecidos para nós. Nesse caso, para a indução ser perfeita são necessárias outras providências. E essas providências consistem em controlar as induções com as deduções.

* * *

Chama-se **análise** a decomposição de um todo em seus elementos, e **síntese** a operação que consiste em compor um todo, partindo dos seus elementos.

A análise e a síntese podem ser feitas com factos reais, como por exemplo, a que procede na química, ou com factos mentais, como nas análises históricas, psicológicas, etc. A análise e a síntese se fundem, porque, na realidade, o sábio usa ambas. Assim, o pensamento científico vai de uma intuição obscura a uma intuição, através do pensamento discursivo.

Quanto à indução, na realidade, não se parte do particular para o geral, porque todo particular denuncia o geral. Já vimos que o geral é o quantitativo, o extensista; e o particular, o intensista, o qualitativo. Todos os factos, quer reais ou mentais, têm aspectos que se assemelham, ou são iguais a aspectos de outros factos, que se repetem em outros. Quando percebemos um facto singular, nêle percebemos o que se repete também em outros. A generalização é feita com o que se repete, com o geral. Fundamenta-se também a indução no princípio de que há legalidade na natureza. Os factos que sucedem obedecem a certa ordem e não sucedem desordenadamente. Ao vermos um animal pela primeira vez, concluímos que deve pertencer a uma espécie (geral) e que os indivíduos dessa espécie devem ter caracteres gerais. E que sabemos não surge um ser sem ascendentes, dos quais herda caracteres, que bem o distinguem. Nosso espírito funciona dualisticamente, e êsse é o ponto importante: a parte, que dêle apreende as singularidades, é a Intuição, e outra engloba o que há de geral nas singularidades, e eis a Razão. Êsse dualismo é importantíssimo, porque mostra o aspecto profundamente dialéctico do nosso espírito. E veremos, ao estudar a argumentação, como tal facto pode ser decisivo na formulação dos raciocínios pró ou contra.

O DESDOBRAMENTO DO PENSAMENTO EM SUAS OPOSIÇÕES

Diante de uma série de aspectos semelhantes, deu-lhes o homem uma denominação genérica: o **conceito**. Em face de um, dois, inúmeros factos semelhantes, chamou-os de **árvore, pedra, montanha, rio, chuva**, porque cada um desses termos designava, **de-nomi-nava** factos semelhantes, ou nos quais havia caracteres, dados parecidos, que se repetiam. Mas, cada árvore é uma árvore, singular, única, diferente de todas as outras; cada árvore, que é diferente, tem aspectos que se repetem nas outras que os têm em comum com aquela. Pois os aspectos que em todas se repetem formam o conceito em seu sentido ideal, formam a idéia da árvore, que não é uma árvore singular, mas a **árvore** como idéia.

Quando penso na árvore, penso na árvore ideal. Quando penso numa determinada árvore, penso **naquela** árvore singular, que afirma o geral, o universal, a idéia árvore, como generalidade, e que nega tudo quanto tem de singular, de único.

Assim, cada facto da natureza pode ser conceituado, e receber um nome.

Mas cada facto é um facto único que afirma o universal (idéia-conceito) e o nega simultaneamente como singularidade.

Quando a lei estabelece uma norma, estabelece-a em geral para todos os casos que têm semelhança e que podem ser regulados por aquêle princípio. Mas cada caso é um caso singular, único. Como deve então proceder o advogado ao analisar um caso?

Deve proceder dialécticamente: olhá-lo como singularidade e como generalidade. A lei, contudo, ou o universaliza ou o particulariza. Cabe-lhe, então, singularizá-lo,

para, através das singularidades tópicas, próprias do caso, obter elementos para a sua análise.

Um crime de morte é uma generalidade, mas cada crime de morte é uma singularidade. Sabem muito bem os criminalistas que os aspectos singulares de um crime são importantes para o estudo, para a análise da questão e é com habilidade e maestria que nessas singularidades eles vão estribar sua atitude, defensiva ou acusativa. Assim, em toda argumentação, devemos saber separar os aspectos gerais, universais, dos aspectos singulares.

Vejamos um exemplo da história: Napoleão, como fenómeno social, não varia (naturalmente sob certo aspecto) na história. O homem providencial, o bonaparte, o bonapartismo, é sempre uma solução aparente quando a ordem social está ameaçada, quando não se encontram, nos processos normais, meios de impor-se a ordem até então dominante. O **bonaparte** surge então, como surgiu na história tantas vezes. Podemos olhar o facto Napoleão Bonaparte assim, mas também temos que olhar o Grande Corso como singularidade, como aquêle individuo que surgiu na história da França, que foi único na história. O bonapartismo pode repetir-se; não pode repetir-se Napoleão Bonaparte, como pessoa, que é uma singularidade. Não podemos estudar, portanto, Napoleão apenas como um facto sociológico — aspecto geral — mas como facto histórico — aspecto singular.

Não foi Napoleão apenas o resultado das condições gerais, universalmente consideradas, como o fazem muitos mas também o resultado das condições, individual e singularmente consideradas. Do contrário agiríamos abstractamente, pois separaríamos a singularidade Napoleão da universalidade "Napoleão". Olhá-lo apenas como pessoa, ou apenas como o homem providencial de certo momento histórico, seria considerá-lo abstractamente. Não nos basta dizer que alguém, naquele momento, poderia ter sido Napoleão. E se não existisse Napoleão Bonaparte, surgiria outro nome, que teria sido considerado, naquele instante, o salvador da Revolução.

Realmente, tal poderia ter sucedido. Mas aí estaríamos apenas olhando abstractamente uma possibilidade, quando não podemos esquecer Napoleão como pessoa, como aquêle que motivou muitos factos que seriam vivi-

dos diferentemente por outros, factos que influíram também, decisivamente, nos acontecimentos da Europa daquela época. Compreendida, assim, em um dos seus aspectos mais gerais, a diléctica, como a preconizamos, procurando o variante e o invariante nos factos, temos muitos argumentos importantes para analisar qualquer acontecimento, para solidificar uma opinião, para apresentar uma perspectiva.

Analisaremos a dialéctica apenas como arte de argumentar e de persuadir, pois não podemos aqui estudá-la sob outros aspectos, como lógica das antinomias, etc. Vamos, portanto, examinar os aspectos da dialéctica que sirvam às nossas finalidades. Tudo quanto se dá na natureza mostra-nos as suas antinomias, as suas oposições polarizadas, irreductíveis (que se não podem reduzir) umas às outras. Vejamos: todos os corpos, isto é, todos os factos, que ocupam um lugar no espaço e se dão no tempo, são extensões, têm dimensões, tamanho, numa palavra, extensidade.

Mas também são intensivos, qualitativos, móveis, activos, em transformação; têm intensidade. Mas, vemos que a intensidade e a extensidade são aspectos antagônicos, um é o oposto do outro. Não há, para simplificarmos, corpos apenas quantitativos, nem apenas qualitativos. Não podemos conceber uma quantidade pura nem uma qualidade pura. Onde admitimos a quantidade, admitimos a qualidade, e vice-versa. Uma é irreductível à outra, embora não o aceitem muitos filósofos e, como é um tema de filosofia, não iremos analisá-lo aqui.

Assim vemos, por exemplo, quanto aos valores. Todo valor contrário: é o que se chama **polarização dos valores**. Por exemplo: Bem — Mal; Coragem — Covardia; Útil — Inútil; Honesto — Desonesto; em suma, todos os valores são polares. Também o são os qualitativos; uma qualidade exige a qualidade contrária, e não seria entendida uma sem a outra. Não poderíamos falar no Bem se não tivéssemos a noção do Mal, nem do útil sem a do inútil. Assim, não poderíamos falar do verde se não tivéssemos a noção do que é **não-verde**, de que há outras cores que não são verdes.

A mesma polarização (mas aqui sob outro aspecto) observamos quanto aos conceitos. Não podemos falar

de vertebrados sem conceber invertebrados. Todos os vertebrados não são invertebrados.

As ações exigem a ação contrária, ou a que não é ela, para ser concebida. Não poderíamos falar numa ação, se ela fôsse a única existente. Assim, quando dizemos **falar**, negamos o **calar**, quando dizemos **andar**, negamos o **estar parado**, etc. Desta forma, quando dizemos alguma coisa, afirmamos o que afirmamos e afirmamos também o seu contrário, que há algo que não é algo.

Mas quando afirmamos algo de algo, quando digo que este livro é verde, reconheço que este livro, ao ser verde, nega o que não é ele. Como usamos idéias polares e somos forçados, por natureza, a formar de tudo idéias polares, por isso, ao visualizarmos um facto, podemos vê-lo, fundamentalmente, de duas formas, isto é, como ele se nos apresenta e como **não** se nos apresenta.

Vamos analisar de outra forma. Quando afirmo um valor de alguma coisa, quando digo que este livro é um bom livro, afirmo um valor que eu apreendo deste livro. Nego automaticamente que ele não seja bom. Mas a idéia de bom é uma idéia polar que exige a idéia de mau. Assim afirmo que este livro não é mau, ao dizer que ele é bom. Nego portanto, ao livro o valor **mau**. Ao afirmar o que estimo do livro, nego o seu contrário, inibo o contrário, o mau. No entanto o mesmo livro pode ser julgado por outro como mau. Neste caso, dá-se o inverso do meu. Estamos aqui em face de **apreciações puramente subjectivas** e, neste terreno, todos sabem que as opiniões são as mais divergentes possíveis.

Diz-se, então, que as apreciações são relativas, porque variam segundo as opiniões, os modos de ver, as perspectivas de cada um.

Procuram os axiologistas (os que estudam a filosofia dos valores) fundamentos reais, fixos dos valores que não permitam prevalecer uma apreciação meramente subjectiva, e sim uma apreciação objectiva. Quando digo que este livro é **vermelho**, não afirmo o vermelho como generalidade, como universalidade deste livro, isto é, que a cor singular deste livro é semelhante à que eu, como idéia, considero vermelho. Assim desprezo o que é singular para afirmar o que é geral. Então, em todas as nos-

as afirmações, quando empregamos conceitos gerais, apenas dizemos o que é geral das coisas, e não o que é a sua singularidade.

Ao examinar-se um facto, durante uma discussão, pode uma das partes tomar o facto apenas em seus aspectos gerais e tirar diversas conclusões. Essas conclusões, olhadas na sua universalidade, podem estar certas, legalmente conexas com outras idéias universais.

Mas o facto, como singularidade, tem aspectos que são únicos e podem ser aproveitados pela outra parte para diferenciá-lo das apreciações gerais. E isso se dá, porque se há o semelhante, há também o diferente. Quando apreciamos uma coisa, actualizamos uns aspectos e virtualizamos outros. Actualizamos uns, isto é, damos actualidade, como acto, como algo já realizado, e virtualizamos outros, considerando-os como não actualizados, ainda não em realização, como uma possibilidade que desprezamos. Acentuamos o primeiro; inibimos o segundo. Assim, ao apreciar êste livro, actualizo apenas os aspectos bons e virtualizo os maus, e é o que me leva a declará-lo como bom; enquanto outro actualiza os maus e virtualiza os bons, o que o leva a considerar mau.

Muitas apreciações são dêsse quilate, e a habilidade de quem deseja argumentar deve fixar, procurar, desvendar quais aspectos foram observados para poder classificar a apreciação.

Por outro lado, posso considerar bom o que outro considera mau. Isto é, os aspectos que chamo de bons, são considerados maus por outra pessoa e nossa apreciação é, então, divergente.

A discussão paira, agora, em saber se tais e tais aspectos são bons ou maus. Ora, ao examinarmos uma opinião qualquer, nunca devemos deixar de considerar os valores que estão aí, nessa opinião. Eis por que hoje a axiologia é uma ciência tão importante; afinal de contas, tôdas as discussões acabam por tornar-se polémicas sobre valores.

COMO ARGUMENTAR PRÓ E CONTRA

Os valores podem ser considerados, ainda, em seus aspectos viciosos, que tanto podem ser positivos como opositivos (também chamados de negativos).

Valor positivo
Bondade

Valor negativo
Maldade

Quem deseja argumentar para provar a bondade de alguém ou de alguma coisa, procura actualizar os aspectos apenas bons. Quem deseja o contrário, procede também de modo contrário. E vai ainda mais longe: inicia por oferecer dúvida quanto à bondade dos aspectos apresentados, salientando as notas negativas. Feita essa acentuação das notas negativas, examina-as individualmente, para delas ressaltar apenas os aspectos mais negativos. Inversamente procede quem deseja o contrário. Vamos a exemplos práticos. Admitamos o Japão em sua fase imperialista, antes desta última guerra. Quem o quisesse defender procederia assim:

O Japão, descoberto pelos europeus (portuguêses), foi explorado por aventureiros que impuseram ao povo nipônico a sua vontade, tirando dêsse país todos os proventos que estiveram às mãos. Humilhados muitas vezes, espoliados muitas vezes mais, viram os japonêses que não podiam competir nem evitar que fôsem pilhados pelos europeus, se não se preparassem para enfrentá-los com armas iguais.

Por isso, os japonêses tudo fizeram para atingir uma base econômica capaz de tornar forte a nação para libertar a Ásia dos exploradores europeus, apoiados pelas forças dos seus governos.

Como povo, é o japonês bravo, trabalhador, inteligente, caprichoso e tenaz, que soube aproveitar tôdas as grandes conquistas do Ocidente, sem perder sua alma,

suas características, não poupando, para tanto, os maiores sacrifícios de sua gente, nem a tranqüilidade, o sangue e a vida de seus filhos para conquistar o lugar que lhe caberia no mundo, etc.

São errados tais argumentos? Absolutamente não, porque eles encerram muito da verdade. Mas vem outro argumentador e procede assim:

Os japoneses são ainda bárbaros. Vivendo de guerras, destruíram-se uns aos outros em suas contendas. Estariam, ainda, na mesma barbárie, se o civilizador europeu não lhes tivesse levado o conhecimento e as conquistas da técnica e da ciência. Povo guerreiro, ambicioso, desejou dominar a Ásia e o mundo inteiro, para impor o predomínio da raça amarela, sob sua hegemonia, sobre as outras raças.

Mas, suas ambições foram tão elevadas, que olhavam seus irmãos de raça como inferiores e, por isso, não trepidaram em destruir chineses, em dominar outros povos, para assim se tornarem os senhores absolutos da Ásia, etc., etc.

Têm fundamentos tais raciocínios? Não há, nêles, bases para fortalecê-los, factos para comprová-los?

Demos assim um pequeno exemplo de como, actualizando-se apenas certos aspectos (os bons), pode chegar-se a afirmações totalmente boas, e, actualizando apenas os maus, a conclusões contrárias.

Não é difícil destruir argumentos de tal forma; basta que se denuncie, de imediato, que quem os usa, emprega-os unilateralmente, acentuando apenas os aspectos que interessam ao fortalecimento da tese que deseja provar.

* * *

Que lições tiramos dêsse exemplo?

Que pela acentuação dos valores polares, quer positivos ou opositivos (negativos), fundamentam-se as argumentações. Aceito o princípio como verdadeiro, como eminentemente certo, o trabalho de quem argumenta, em geral, consiste em provar que a tese que defende está co-

nexionada com o princípio, isto é, está perfeitamente enquadrada no princípio que a justifica.

Vamos a exemplos: se se afirmar que, por ter tais características, um proceder é adequado, procura-se provar que tal facto, ou opinião, tem as características do princípio aceito como adequado, e quem deseja provar o contrário procura mostrar que as características do facto, ou opiniões, são negativas ou contrárias às aceitas.

Ao examinarmos o raciocínio que acima fizemos, quanto ao Japão imperialista, vemos que tais argumentos obedecem a essa regra.

O mesmo se poderia fazer quanto à Alemanha hitleirista ou à Itália fascista, e outra não foi a atitude, a maneira de proceder de todos quantos defenderam uma idéia ou a valia de um facto.

Por isso, é necessário colocar-se numa posição superior, bipolar, isto é, numa posição que visualize os pólos valorativos, para se poderem perceber as unilateralidades dos argumentos.

Vamos organizar uma síntese do processo de argumentação.

1) Tõda argumentação tende para afirmar ou para negar algo, ou algo de algo.

Afirma-se ou nega-se	{	uma opinião (tese, teoria, etc.).
		Um facto — aspecto quantitativo
		uma qualidade — aspecto qualitativo ou

Procura-se, quanto ao facto, provar que:

- o facto se deu ou
- que o facto não se deu.

No caso **a** como no caso **b**, corrobora-se com o testemunho: de pessoas ou de factos, ou dos indícios do facto.

Pode o facto ainda vir a dar-se no futuro, isto é, ser possível ou não.

Corroborar-se a afirmativa ou a negativa com as possibilidades reais ou o nexos com os factos actuais que o indicam, ou, contrariamente, pela negação desses aspectos. Provamos que tal facto é possível ou impossível succeder, porque tudo indica sua possibilidade ou não, baseada nos factos.

A qualidade que se deseja argumentar pró ou contra ou é positiva ou negativa, ou presente ou ausente.

Em ambos os casos é ela evidenciada pelo nexos dos actos ou factos, os quais sofrem uma apreciação racional ou intuitiva, ou então é correlacionada com outras qualidades que a exigem ou negam.

A opinião parte de uma tese, que serve de fundamento. A opinião apresenta-se como uma hipótese que se procura demonstrar, que se enquadra na tese ou num princípio já aceite ou demonstrado como certo. Buscam-se os alicerces nos factos ou nas idéias que o corroboram ou não, e o nexos da opinião com outras opiniões já comprovadas.

Assim podemos afirmar ou negar um facto, afirmando ou negando uma qualidade para comprovar ou não uma opinião.

Aplicando-se a esses métodos a dialéctica dos valores, todos os argumentos estão sujeitos a ser tomados unilateralmente.

Para denunciar a unilateralidade é necessário provar que houve unilateralidades valorativas.

No caso dos argumentos acima apresentados, podem ser aplicados esses princípios, os quais não permitem que vejamos nitidamente as actualizações dos valores ou qualidades que desejamos afirmar para, por meio delas, robustecer a hipótese ou a opinião que queremos sustentar.

Não é exagêro dizer que todas as idéias podem ser demonstradas por esse método e os sofistas provaram que poderíamos provar o que quiséssemos, quando usássemos essa maneira unilateral de raciocinar.

O conhecimento desse processo nos capacita a examinar os argumentos alheios e a robustecer os nossos, não deixando os pontos fracos que são tão comuns na experiência diária, e que permitem a destruição muitas vezes dos aparentemente mais sólidos argumentos construídos.

* * *



NOTA: — Valores viciosos são aqueles desviados dos valores mais altos, como benevolente quanto a bondoso; maldoso, quanto a mau, etc.

Há ainda os valores analógicos como simpático por belo. Quem deseja mostrar que alguém não é bondoso, procura afirmar que ele é benevolente. Aceita a afirmação, mostra que a benevolência encerra fraqueza, que a benevolência pode admitir o mal. E em poucas palavras destrói o alto valor que até então gozava a pessoa a quem ataca. Se um político, por exemplo, um alto governante, é honesto, o adversário procura mostrar que é honrado, mas cuja honorabilidade é pessoal e não impede que outros, à sua sombra, pratiquem desonestidades. Daí a acusá-lo de cúmplice por omissão é um passo.

Na discussão sobre os factos, cuja existência é evidente, está na valoração dos mesmos a tática de aceitá-los ou combatê-los.

Quando se trata de uma doutrina, ou de uma opinião, o ataque cai sobre a tese, cujo enunciado é analisado.

Toda a habilidade de quem discute ou argumenta consiste em fundar concretamente o que afirma ou alega, fortalecendo os dois lados em que pode ser analisada a sua opinião. Quando combatida, deve analisar se as razões apresentadas são ou não unilaterais, isto é, se fixam apenas um dos aspectos valorativos. Denunciada a unilateralidade do argumento, esse cai logo por terra. Pode o leitor comparar algum artigo polémico de jornal ou discurso político com a sua colocação polar, e tirar as suas conclusões. Verá, então, que a argumentação obedece quase sempre a essa unilateralidade. Quem superar a unilateralidade, isto é, abordar o que deseja provar por ambos os lados, respondendo previamente às valorações polares que o adversário poderá usar, fará uma argumentação irresponsável e decisiva.

A ARTE DE PERSUADIR

Passamos, agora, a examinar os fundamentos da arte de persuadir, dispensando as regras oferecidas por muitos autores, de frágil aplicação, para preferirmos aquelas de valor incontestável.

A “ordem demonstrativa” é aquela que prova melhor que uma coisa é verdadeira. Já examinamos os aspectos concretos para uma argumentação ou para uma demonstração. Mas trata-se agora de **persuadir**, de **fazer crer que uma coisa é verdadeira**. Na antiga retórica, como arte de persuadir, ensinava-se a eloquência, isto é, a arte de persuadir um auditório, já examinada na Retórica.

São elementos da eloquência:

a) o uso de provas que tocam à razão e aos sentimentos, excitando, por exemplo, a cólera, a compaixão, a indignação;

b) o bom uso das figuras que já estudamos, cujo valor tivemos oportunidade de evidenciar, e que são eficientes para dar ênfase ao que se diz e ao que se escreve.

Pela ordem dos argumentos, quando cuidadosa, temos os meios mais seguros da persuasão.

Examinemos um exemplo célebre de Rollin, em seu “*traité des études*”. A cidade de Cápua, que estivera aliada aos romanos, havia traído Roma para abrir as portas a Aníbal, o grande chefe cartaginês. Um dos principais da cidade era Pacuvius, o qual ofereceu a Aníbal um grande banquete. Mas soube Pacuvius que seu filho, Perolla, decidira aproveitar-se da oportunidade do banquete para matar Aníbal. Ao saber de tal intento, vai o pai à procura do filho e tenta dissuadi-lo. Emprega para tal três argumentos:

1.º — êle, Pacuvius, defenderá seu hóspede, porque assim é seu dever e precisará o filho matá-lo, antes de atingir Aníbal;

2.º — Aníbal é seu hóspede e, segundo a religião antiga, o hóspede é sagrado;

3.º — Aníbal está cercado de oficiais e de guardas e Perolla, o filho, será morto, sem dúvida pelos oficiais de Aníbal.

Qual a ordem para apresentar tais argumentos, de forma que possam êles persuadir o filho?

Ora, quem quer alinhar, numa ordem, uma série de argumentos, não pode ater-se ao valor de cada argumento em si, mas à **ordem em que devem ser empregados**, ordem capaz de persuadir, pela impressão que possam causar.

O filho de Pacuvius é um rapaz valente. Desprezará ou mostrará desprezar o perigo a que estará exposto ao atacar Aníbal.

Quanto aos escrúpulos religiosos, é êle bastante jovem e, na sua idade, nem sempre tais escrúpulos são suficientemente fortes para convencer.

Mas Perolla ama o pai e não desejaria tornar-se um parricida. Então a ordem deverá ser 3-2-1.

Que lições se tomam aqui?

Se o leitor tem de argumentar com alguém e o quer persuadir, e se dispõe de vários argumentos, deverá proceder assim:

1.º — fazer o balanço dos argumentos de que dispõe;

2.º — verificar o valor de cada um pelo seguinte processo:

a) iniciar com um argumento de força média, e depois os mais fracos;

b) os argumentos mais originais, mais inusitados, menos usados, menos comuns, devem ser empregados no fim;

3.º — dar aos argumentos uma forma expressiva, aproveitando as figuras já expostas;

4.º — nunca esquecer a pessoa para quem emprega os argumentos, e verificar qual a escala de valores que a dirige, isto é, verificar qual a hierarquia de valores aceita pela pessoa que se quer convencer. Se são os valores religiosos, os estéticos, os éticos, os utilitários, os lógicos, ou os outros. Pode a pessoa ser um artista ou um religioso, mas se o aspecto utilitário tiver força de persuasão, o argumento utilitário deve ser acentuado;

5.º — quando o conhecimento da escala de valores não é possível de ser conhecido, usar, então, das regras dos números 1-2-3, que são suficientes para obter a persuasão desejada (1).

PARTE PRÁTICA

1) Para o melhor domínio da Lógica e da arte de argumentar, aconselhamos nossos livros «Lógica e Dialética» e «Filosofia e Cosmologia».

LOCUÇÕES LATINAS USUAIS

Ab absurdo	— por absurdo
Ab aeterno	— por todo o sempre, eternamente
Ab hoc et ab hac	— a torto e a direito
Ab imo corde	— do fundo do coração, sinceramente
Ab imo pectore	— do fundo do peito, francamente
Ab initio	— desde o princípio
Ab intestato	— sem deixar testamento
Ab irato	— de modo irado
Ab origine	— desde a origem
Ab ovo	— desde o princípio, a partir do ovo
Abundantia cordis	— com a maior cordialidade
Ad ephesios	— à toa, sem fim determinado
Ad extremum	— até o extremo, até o cabo
Ad gloriam	— pela glória, para nada (sentido irônico)
Ad hominem	— contra a pessoa
Ad honores	— gratuitamente, pela honra
Ad instar	— semelhante
Ad interim	— provisoriamente
Ad internectionem	— até ao extermínio
Ad intra	— por dentro, interiormente
Ad libitum	— à escolha, à vontade
Ad litteram	— à letra, literalmente
Ad nutum	— segundo a vontade, ao arbítrio
Ad ostentationem	— por ostentação, ostensivamente
Ad perpetuam	— perpétuamente
Ad referendum	— sob condição, condicionalmente
Ad rem	— à coisa, categoricamente
A duo	— a duas vozes, emparceiramente
Ad usum	— conforme o uso, na forma usual
Ad verbum	— palavra por palavra
A fortiori	— por mais forte razão
A posteriori	— ao depois
A priori	— primeiro que tudo
Bis	— duas vezes

Bona fide	— de boa-fé
Coram populo	— em público, alto e bom som
Currente calamo	— ao correr da pena
De auditu	— de oitiva, por ouvir dizer
De plano	— de plano, sem dificuldade
De visu	— de vista
Ex abrupto	— de pronto, sem preparação
Ex aequo	— com igual mérito
Ex cathedra	— do alto de cátedra
Ex commodo	— a seu cómodo, à vontade
Ex corde	— do coração, cordialmente
Exempli gratia	— por exemplo
Ex itinere	— de caminho
Ex officio	— por imposição da lei, oficialmente
Ex professo	— francamente, cabalmente, eruditamente
Extra muros	— fora dos muros
Ex vano	— de balde, inútilmente
Ex vi	— por efeito, por força
Gratis pro Deo	— gratuitamente pelo amor de Deus
Grosso modo	— sumariamente
Hic et nunc	— imediatamente, já, aqui e agora
Ibidem	— aí mesmo, no mesmo lugar
Imprimis	— principalmente, sobretudo
In brevi	— brevemente
In continenti	— imediatamente
In extenso	— por inteiro, por extenso
In extremis	— no último momento
In fine	— no fim
Infra	— abaixo
In hoc tempore	— presentemente
In limine	— no limiar, à entrada
In nomine	— nominalmente, em nome
In perpetuam	— para todo o sempre
In solidum	— solidariamente
In tempore opportuno	— oportunamente
In terminis	— em último lugar
In totum	— no todo, totalmente
Infra muros	— dentro dos muros (entre íntimos)
Invita Minerva	— contra a vontade de Minerva
Ipsis verbis	— exatamente, sem tirar nem pôr
Ipso facto	— pelo próprio facto

Latu sensu	— no sentido geral
Motu proprio	— de modo próprio, voluntariamente
Nemine discrepante	— unânimemente, sem que ninguém divergisse
Non liquet	— pouco inteligível, obscuramente
Omnium consensu	— pelo assentimento de todos
Pari-passu	— a passo igual
Per fas et nefas	— a todo transe, por todos os meios
Per summa capita	— pela rama, superficialmente
Primo	— primeiramente
Pro domo sua	— interessadamente, em seu interesse
Pro forma	— por formalidade
Pro rata	— em proporção, proporcionalmente
Pro tempore	— temporariamente
Quantum satis ou quantum sufficit	— suficientemente, o bastante
Retro	— atrás
Revera	— efetivamente, com efeito
Secundo	— segunda vez, em segundo lugar
Sic	— assim, dêste modo
Sine die	— indeterminadamente, sem fixar dia
Sponte sua	— espontâneamente, por sua própria iniciativa
Stricto sensu	— de modo restrito, no sentido restrito
Supra	— acima
Tertio	— terceira vez, em terceiro lugar
Una voce	— a uma voz
Ut supra	— como acima
Verbi gratia	— por exemplo
Vice-versa	— reciprocamente

REGRAS SÔBRE O EMPRÊGO DO INFINITO PESSOAL

Regra de **Jerônimo Soares Barbosa**: — “Usa-se o infinito pessoal, quando o sujeito fôr próprio, isto é, diferente do modo finito.

Usa-se o infinito impessoal quando o sujeito fôr comum”.

Regra de **Frederico Diez**: — “Desde que o verbo no infinito, possa ser desdobrado para o modo finito, deve pessoalizar-se, em caso contrário, permanece impessoal”.

Júlio Ribeiro aceita a regra de Diez, e dá como razão da regra: “Se o infinito pode ser **construído** analiticamente, é porque o verbo regido pode subtrair-se à relação de dependência, que o prendia ao verbo principal; é porque pode construir em outra oração com sentido distinto a vida própria”.

AS TRÊS EXCEPÇÕES DE SOARES BARBOSA

Personaliza-se o infinito:

- a) quando a construção da frase oferece o equívoco sôbre o sujeito;
- b) quando a oração do infinito é o sujeito ou atributo de outro verbo, não em sentido abstracto;
- c) quando êle vem no princípio da frase, regido ou não de preposição.

Exemplos: — Julgo seres sabedor — Os soldados trabalharam para vencerem a batalha — Cremos têmos vencido — O louvares-me causa-me novidade — Com negares o crime não consegues absolvição.

Entretanto, a harmonia tem prevalecido sôbre as regras.

Anotemos esta regra de **Taunay**:

“Quando o sujeito do verbo no tempo finito é o mesmo que o do infinito, êste infinito fica invariável. Quando os sujeitos são diversos, isto é, quando o infinito tem sujeito próprio, torna-se variável”.

José de Sá Nunes acrescenta ainda:

“Quando o infinito está na voz reflexa, é preferível, é melhor, é mais da índole da língua o seu emprêgo na forma pessoal, ainda quando o sujeito da oração regente seja idêntico ao da oração regida”.

Conclui **Maurell Lobo**: “Não há norma segura sôbre o emprêgo das formas infinitivas; em muitos casos, fica ao arbítrio do escritor usar do infinito pessoal ou impessoal, ou para maior clareza e vigor da frase ou para melhor consonância”.

Said Ali dá as seguintes conclusões:

Infinitivo sem flexão:

1.º — Sempre que o verbo indicar a ação em geral, como se fôra um nome abstracto, ou quando não se cogita de pessoa, ex.: estudar (— o estudo) aproveita. — É o caso mais comum.

2.º — Nas linguagens compostas e perifrásicas, sendo apenas lícita a flexão no caso de vir o infinitivo, afastado de seu auxiliar a ponto de tornar-se obscuro o sentido, se êsse auxiliar não fôr lembrado pela flexão.

Infinitivo flexionado:

1.º — Sempre que o infinitivo estiver acompanhado de um nominativo sujeito, nome ou pronome (quer igual ao de outro verbo, quer diferente).

2.º — Sempre que se tornar necessário destacar o agente e referir a ação especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pen-

samento, o infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente.

3.º — Quando o autor intencionalmente põe em relêvo a pessoa a que o verbo se refere.

Exemplos:

“Fingiu serem vindos os embaixadores d’el-rei da Pérsia a cobrar o tributo” (Bernardes).

“Ordenou o governador ficarem ali todos os pedreiros” (Diogo Couto).

“Trabalha, meu filho, para agradarem tuas obras a Deus” (F. M. Pinto).

“É Sócrates quem afirma serem os gregos conjuntos e domésticos” (L. C.).

“O primeiro e infalível prognóstico é encontrarmos neste mundo todos chorando” (Vieira).

“Convidou o Arcebispo muitos Prelados Italianos e de outras nações para ouvirem o sermão da vinha” (Fr. Luís de Souza).

“Se buscarmos... a causa de tôdas as ruínas e males do mundo, acharemos que a única é a não acabarem os homens de concordar o seu querer com seu poder” (Vieira).

* * *

REGRAS PRÁTICAS ACERCA DO EMPRÊGO DOS PRONOMES OBLÍQUOS

se — si — sigo

Esses pronomes são sempre correlatos à palavra que representa o sujeito da oração em que êles se acham como complementos:

a) pelo facto de refletir a ação verbal sôbre o mesmo sujeito que a põe em prática, é que o pronome se — recebe o nome de reflexivo.

Epifânio aceita o emprêgo de si e consigo, sem caráter reflexivo, representando a pessoa com quem falamos

e a quem tratamos na 3.º pessoa. Epifânio, no entanto, não traz grandes exemplos, senão Eça. Mário Barreto defendeu o uso do pronome si em caráter reflexo. Essa forma, porém, é estigmatizada pelos nossos gramáticos. Há êrro nessas frases:

“Tenho dó de si” e sim: “Tenho dó de você”.

“Eu vou consigo” e sim: “Eu vou com você”.

“Este livro é para si” e sim: “Este livro é para você”.

São erros porque si e sigo são reflexivos.

Não é correto dizer-se:

Falei consigo (com você)

Falei de si (de você)

o uso correto manda dizer:

Pedro falou de si (dêle Pedro e não de você).

Você quer tudo para si (isto é, para você).

Leve o revólver consigo (isto é, com você).

* * *

lhe e a êle

Há verbos que pedem como complemento indireto, em vez da forma sintética: **lhe**, a forma analítica **a êle**.

É preferência observável no Brasil, a preferência da forma analítica: a **mim**, por **me**; a **ti**, por **te**; a **êle**, a **ela**, por **lhe**; a **êles**, a **elas**, por **lhes**.

Há o exemplo do verbo **assistir**, **ajustar**, **socorrer**, **servir**, que dão preferência à forma analítica:

“...mas não servia ao pai, servia a ela, que a ela só por prêmio pretendia” (Camões).

“Continuam a ser convidados e rogados para assistir a êles todos os mestres e mestras” (A. F. de Castilho).

“Não serei eu que assista a êle” (Herculano).

“...tão particular que nem o marido assistiu a ela (conferência)” (Machado, “Esaú e Jacó”).

O **lhe** usado, às vezes como complemento direto é barbarismo usado até por escritores de renome:

Exemplos: — “Amo-lhe muito”. “Tenho grande satisfação quando **lhe** vejo”. “Brevemente **lhe** visitarei”.

Nos antigos escritores não raro se encontrava o **lhe** fazendo papel de complemento direto.

Atende-se a êstes exemplos: “Deus guia o cego” — “Deus o guia”.

“Deus guia os passos do cego” — “Deus **lhe** guia os passos”.

“Pedi o livro — Pedi-o” — “Pedi o livro a Pedro” — “Pedi-lhe o livro”.

O objecto direto muitas vezes vem regido de preposição (a, de) por eufonia ou para evitar confusão com o sujeito.

Exemplos: — Amar a Deus — Abraçou a Pedro — Bruto assassinou a César — Comer do bôlo — Pedro, a quem espero desde ontem — Reger ao verbo — Saudar à aurora — A noite vence o dia — Gritar por socorro — Arrancar das espadas — Amara-o apenas a êle, etc.

Não é legítimo o emprêgo do reflexivo se com as formas oblíquas: **o, a, os, as**.

* * *

No emprêgo da forma **nós, vós, nos, vos**, por modéstia, em vez de **eu**, ou para dar relêvo ou autoridade a alguém, é costume nos autores levar os adjectivos em relação atributiva ou predicativa com os ditos pronomes ao singular.

“Antes sejamos breve que prolixo” (Júlio Ribeiro — **Gramática Portuguesa**) — “Chegado, porém, à conclusão dêste livro, pôr-lhe-emos remate com uma reflexão” (Herculano — **História de Portugal**).

Entretanto, a índole da língua manda que ponhamos o adjectivo no plural.

Há ainda um exemplo de Carneiro Ribeiro, em abono da primeira forma: “Nós é que não sei se o fazemos”, extraído de Alexandre Herculano.

Conclusão: — Ambas as formas são lícitas, portanto.

* * *

O emprêgo de Vossa Reverência, Vossa Senhoria, Vossa Alteza é próprio da 3.^a pessoa e usam-se como dativo e acusativo as formas correspondentes: **lhe, o, a**. Estas últimas **o, a**, não concordam em gênero, mas devem concordar em sexo.

Não se admite o emprêgo do verbo na 3.^a pessoa, com o pronome **vós**, na 2.^a pessoa. Só o **Vossa mercê** que assumiu a forma de **você** conjuga-se, hoje, na 3.^a pessoa.

No entanto, em Rui e Castilho (Feliciano) encontram-se exemplos do emprêgo dúplice da 3.^a e da 2.^a pessoa.

Os pronomes oblíquos: **me, te, lhe, nos, vos, lhes**, podem indicar relação de propriedade, equivalente aos possessivos.

Vejam os:

a) permite evitar o uso exagerado dos possessivos, que só devem ser preferidos, para dar maior clareza à frase, quando necessária;

b) o exagêro do **meu, teu, seu**, “desvigora, peia, e arasta a prosa vernácula”, segundo Rui, quando repetida tôda a vez.

São de Castilho os seguintes conselhos para evitar o abuso dos possessivos:

1.^o — “refugar do discurso os atravancos dos pronomes e dos possessivos;

2.^o — colocar os têrmos que vos restarem em ordem diversa da francesa, e mesmo contrária; aqui fugir do francês, é chegar para o latim; e chegar para o latim, é adquirir novos meios para produzir, com um discurso, bizarros efeitos artísticos e até lógicos”.

Vejam os exemplos: — “Saiba bem conhecer as boas das bêstas e mandar-lhes fazer freios” (D. Duarte, cit. por Rui).

“Comeram-lhe as fazendas, comeram-lhe as cidades, comeram-lhe as vidas” (Antônio Vieira).

“Fumegava-lhe aos pés tartáreo lume” (Bocage).

c) Por elegância costumavam os nossos clássicos substituir os adjectivos possessivos pelos pronomes das

peças correspondentes aos possessivos, ou sujeitos, sempre precedidos do artigo indicativo.

“Vendo escondido no Pireu, descubro-lhe a guarida” (Latino Coelho).

“Não se lhes gastou o calçado, nem se lhes rompeu o vestido” (Bernardes).

Os outros exemplos de uso do adjectivo possessivo são mais vulgares e dispensam comentários, aqui.

* * *

O emprêgo do quem.

Não só se refere a pessoa, ou coisas personificadas. Em nossos clássicos, há exemplos contrários também, referindo-se à pluralidade e a coisas.

Na sintaxe do pronome quem é de notar essas características citadas por Laudelino Freire (“Estudo de Linguagem”):

- a) pode substituir o relativo — que —;
- b) pode referir-se tanto à pessoa como a coisas, assim no singular como no plural;
- c) como sujeito de uma oração subordinada, pode levar o verbo a concordar com o sujeito da principal, ou concordar consigo mesmo.

Exemplos: — “Não foram eles quem vos mataram” (Diogo Bernardes).

“Eram Cristo e São Tiago e outros batalhadores invulneráveis que venciam as lides homéricas dos Afonsos contra os sarracenos” (Camilo).

“Nessas palavras conheceu a donzela que o ciúme era quem as ditava” (A. Herculado, “O Bôbo”).

DA COLOCAÇÃO DOS PRONOMES

Algumas regras fornecidas por Cândido de Figueiredo merecem ser anotadas:

1.º — O pronome *pospõe-se* ao chamado gerúndio: — “Antônio, levantando-se, disse”. Excepto quando o gerúndio é precedido da partícula *em*: — “Meu pai, em se levantando, vem ter comigo”.

2.ª — Quando os pronomes indefinidos **tudo, nenhum, ninguém, nada**, e outros, antecedem um verbo, o pronome *se*, como reflexo e como partícula que apassiva os verbos, também antecede, e vice-versa: “Muito se falou hoje” — “Hoje falou-se muito”.

3.ª — Nas proposições afirmativas e independentes, o pronome é enclítico, isto é, segue o verbo: — “João suicidou-se”.

4.ª — Se a proposição é subordinada e começa por certas conjunções ou proposições, então o pronome antecede o verbo: — “Dizem que João se suicidou”. “Veio cá para me falar”.

5.ª — A mesma coisa nas interrogativas: — “Que me dizes?” “Para que lho disseste?” “Aonde te diriges?”

6.ª — Nas proposições optativas ou subjuntivas, o pronome está antes ou depois do verbo, consoante o sujeito: “Acuda-lhe Deus — Deus lhe acuda”.

7.ª — Nas proposições negativas, o pronome é sempre proclítico: — “Não lhes fales”. “De modo nenhum te atendo”.

8.ª — Quando concorrem dois verbos, um no modo finito, e outro no infinito, dá-se próclise ou ênclise, desta forma: — “Quero que me venhas falar; quero que venhas falar-me”.

O pronome átono nunca deve iniciar um período. Os exemplos populares, e o de José de Alencar e de Vieira, na carta a Duarte Ribeiro de Macedo: “Me avisam em mui secreto, que Espanha tem resolutamente romper a guerra com França, etc...” não justificam, de todo, o emprêgo.

O carácter afectivo, amigável do “me ajuda”, “lhes cabe a vez agora”, “me passa o pão” e outros são inegavelmente impressionantes. Há essa tendência entre nós. Registra-o a linguagem popular. Querem implantá-lo os escritores mais libertados dos cânones tradicionais da língua. O emprêgo do “me parece”, nas proposições intercaladas, o expressivo: “me melem”, de Portugal, tudo favorece essa orientação nova, que acompanha o movimento natural da língua portuguesa, entre nós.

Não é de desprezar os argumentos que “afectivam” a língua, pois há nisso um quê de sentimento que merece reparo e cuidado.

* * *

“Nas expressões verbais compostas de auxiliar mais particípio passado, não se coloca o pronome átono após o dito particípio nem antes dele: o pronome fica ligado ao verbo auxiliar no hífen, ou, no caso de o preceder, qualquer elemento atrativo, disposto procliticamente”.

Exemplo: — “já êle se havia sumido”.

“Nunca se liga, em português, o pronome átono, nem ao particípio passado, nem ao mesmo precedido de auxiliar. Sômente nas inversões — (prometido lhe está) — vem êle proposto ao verbo principal mas continua a pertencer sintaticamente ao auxiliar”.

Segundo Said Ali, funda-se tal regra em razões históricas. Esse particípio era considerado adjectivo qualificativo, e os verbos juntos dos quais vinha, hoje auxiliares, denotavam noções concretas e só a êles pertenciam. Fixou-se a colocação neste sentido, sem embargo das modificações semânticas ulteriores”.

“Nas proposições que têm antes do verbo um advérbio, (ou expressão equivalente), excluídos os de negação que merecem estudo particular, — é de meneio habitual em português o antepor-se o pronome átono, ao verbo, em não havendo pausa logo em seguida ao advérbio; mas, no caso contrário, é comum a ênclise”.

—Exemplo: — Assim se mudam os tempos (aqui não há pausa).

Mas: — Assim, mudam-se os tempos... (depois do advérbio, há pausa).

“Nas proposições independentes (principais ou coordenadas), em se não infringindo outras normas de carácter obrigatório, é mais comum:

1.º — Dar-se a próclise:

a) com as formas verbais proparoxítonas: “Nós te louvaríamos”;

b) nas frases optativas e imprecativas: “Deus te acompanhe”;

c) quando precede ao verbo o objecto e se deseja pôr em destaque o conceito inicial. “Feliz me sentiria por ter assim contribuído de modo modesto, mas, eficaz, para a defesa da nossa opulenta e formosa língua” (Mário Barreto).

2.º — Dar-se indiferentemente a próclise ou a mesóclise:

a) com o futuro imperfeito do indicativo;

b) com o presente do condicional.

3.º — Dar-se a ênclise:

a) com o verbo no imperativo;

b) quando o verbo precede o sujeito representado por substantivo próprio ou comum;

c) quando o pronome átono mantém relação pleonástica com o objecto mencionado antes do verbo: Exemplo: “A carta levou-a meu amigo”.

Quando o verbo está no gerúndio:

1.º — Dá-se usualmente a ênclise, se a essa forma verbal precedem os vocábulos — já... já, ora... ora, ou... ou, agora... logo e outras expressões de sentido análogo.

2.º — Dá-se de ordinário a próclise, se o gerúndio é regido da preposição — em —.

É facultativo o emprêgo da próclise ou ênclise, em se tratando de infinitivos preposicionais. Essa faculdade, porém, tem a freá-la o bom soído da frase, tanto que só em certos casos deve a ênclise preterir o próclise” (Mário Barreto).

* * *

“Nas formas verbais constituídas de verbo auxiliar ou regente mais gerúndio, verifica-se: a ênclise ao verbo determinante, não ocorrendo antes dele elemento capaz de atrair o pronome átono; a próclise, no caso contrário. Sendo enfático o gerúndio ou algum complemento que se lhe seguir, é a construção enclítica, em relação ao verbo determinado, a mais habitual”.

* * *

“Nas locuções verbais constituídas de gerúndio mais infinitivo: antepõe-se o pronome átono ao verbo determinante, se o preceder elemento atrativo; dá-se a ênclise no caso contrário; e se o verbo determinado fôr enfático, ou se a ênfase recair em palavra ou expressão que lhe suceder, o pronome complementar pospor-se-á ao infinitivo”.

* * *

“Em se tratando de expressão verbal composta de infinitivo de verbo auxiliar, o pronome complemento: ou se pospõe ao infinito (caso mais comum), ou se coloca antes ou depois do verbo regente.

Há que ressaltar o caso da proposição negativa, em que o pronome se há de antepor ao regente ou pospor ao infinitivo”.

Exemplo: — “Mister lhe era aparentar de melindrado e ofendido” (Carneiro Ribeiro).

“Em se tratando de expressões verbais formadas de dois infinitivos e precedidos de preposição, o pronome átono “antepõe-se ao primeiro infinitivo; mas, se este é enfático, o pronome pospõe-se-lhe; e se a ênfase recai no infinitivo determinado ou em palavra ou em expressão que vem após êle, dá-se a ênclise a este”.

Exemplos: — “Tive a fortuna de o ver chegar a acôrdo comigo em muitos pontos” (Heráclito Graça).

“Para fazer-nos sorrir, Sílvia contava anedotas” (Francisco Castro).

“Falava emendando os assuntos, variando dêles ou tornando aos primeiros e rindo para fazê-la sorrir e ver-lhe os dentes que luziam de brancos, todos iguaizinhos” (Machado).

“Obtive acaso o que pretendia? Bem longe estou de poder afirmá-lo” (Rui Barbosa, “Réplica”).

* * *

“Quando ocorrem verbos sucessivos, bem pode ser que todos êles admitam um complemento pronominal comum; ou, ao contrário, exijam complementos de natureza diferente.

Naquele caso, em havendo razão que intime a colocação proclítica, deve ser expresso o complemento prono-

minal comum somente; antes do primeiro verbo se o intuito fôr de ênfase, repete-se o mesmo complemento antes de cada verbo.

No segundo caso, convindo a próclise, deve antepor-se a cada verbo o pronome complemento dêle.

Em ambos os casos, fazendo-se a colocação enclítica, é obrigatória a repetição do pronome regido depois de cada verbo coordenado”.

Veja-se o exemplo de Alencar que buscava a eufonia, afrontando as regras. Mário de Alencar defende-o brilhantemente.

Esses exemplos, tais como: “... a grande voz da floresta que exala-se...” “... sombras das pessoas que moviam-se pressurosas...” “... nenhum estôrvo surge-lhe avante...” “sombras que sumiram-se na mata”.

(Regras extraídas da obra de diversos gramáticos).

CONSELHOS PRÁTICOS DE PORTUGUÊS

Partilho suas dores. Diga-se: Compartilho as suas dores; participo das suas dores.

Haja vista aos. Diga-se: haja vista o.

Uma criança lembra-me o passado. Diga-se: lembra-me do passado.

Falar a verdade. Diga-se: falar verdade.

Encontrar-se com. Diga-se: encontrou-o.

Cortar com as despesas. Diga-se: cortar as despesas.

Dentro em dois meses. Diga-se: dentro de dois meses.

De resto... Diga-se: quanto ao mais, em tudo o mais.

Reclamar algo. Diga-se: reclamar contra algo.

Tenho ainda a dizer. Diga-se: tenho ainda que dizer.

Enquanto a isto... Diga-se: quanto a isto (enquanto só se emprega em circunstâncias de relação, tempo ou modo).

Os olhos fitam... Diga-se: os olhos fitam-se; ou alguém fita os olhos.

Acabem-se com os gritos. Diga-se: acabem-se os gritos.

Pedindo para que. Diga-se: pedindo que.

As coisas tal qual se passaram. Diga-se: tais quais se passaram.

Tal qual com. Diga-se: tal qual.

O advérbio **melhor** substitui normalmente a locução — **mais bem**.

Assim **pior**, por **mais mal**. Há exemplos da forma, sintética e da analítica. Cândido de Figueiredo prefere a analítica: O aluno mais bem classificado... a obra mais bem feita.

Herculano e Garrett preferiam, às vezes, a sintética.

* * *

Através os vidros... Diga-se: Através dos vidros.

Trajava-se com. Diga-se: Trajava com.

Haviam muitas pessoas no baile... Diga-se: **Havia** muitas pessoas...

Fazem três semanas... Diga-se: Faz três semanas.

Deu-me recursos **para mim** fazer as despesas... Diga-se: Deu-me recursos **para eu** fazer as despesas.

Não tem remédio... Diga-se: Não há remédio.

Ele **fêz eu** cair... Diga-se: Ele **me fêz** cair.

É **capaz** de chover. Diga-se: É **possível** que chova.

Fácil de **se imaginar**... Diga-se: Fácil de **imaginar**.

Ninguém **o** resiste... Diga-se: Ninguém **lhe** resiste.

Custei muito a fazer essas obras... Diga-se: **Custou-me** muito fazer essas obras.

Hão de **cederem**... Diga-se: Hão de **ceder**.

Chame **êle**... Diga-se: Chame-o.

Tôdas duas. Diga-se: ambas.

Estavam **meias** resfriadas... Diga-se: Elas estavam **meio** resfriadas.

Use dos meios que julgar **necessários**. Diga-se: Use dos meios que julgar **necessário**. (O adjectivo não concorda porque há eclipse do verbo, como se fôsse: Use dos meios que julgar **necessário usar**).

Foram os heróis da África quem levantaram, etc. Diga-se: Quem levantou ou quem levantaram.

Deve-se preferir o uso do pronome aos possessivos.

Exemplo: — “Vou contar-lhe o nascimento”, em vez de “vou contar o seu nascimento”. “Quem em rubros borbotões lhe escoa a vida”, em vez de “sua vida”.

Estava desolado (galicismo). Diga-se: estava consternado.

Estava intrigado (galicismo). Diga-se: embaraçado, suspenso, perplexo.

Obrigações a cumprir. Diga-se: obrigações que **cumprir**.

O quer que seja... Diga-se: o que quer que seja.

Portuguêsamente. Diga-se: portuguêsmente.

Mantive íntegras e inalteráveis as disposições. Diga-se: Mantive íntegras e inalteradas...

No que pensas? Diga-se: **Em** que pensas?

Do que trata êste livro? Diga-se: **De** que trata êste livro?

Pelo que demoras? Diga-se: **Por** que demoras?

Não se diz: preferir antes...

Não há meios dêstes demônios saírem. Diga-se: Não há meio **de** êstes demônios saírem.

Responda-me estas perguntas. Diga-se: responda-me a estas perguntas.

Êle se absteu... Diga-se: êle se **absteve**.

Só se é feliz. Diga-se: **só** somos felizes.

Ser-se rico é a ambição. Diga-se: **ser** rico é...

As portas abriram-se por si mesmo. Diga-se: por si mesmas.

Vimos de narrar (francesismo). Diga-se: **Acabamos** de narrar.

Partilhar as idéias... Diga-se: Participar das idéias.

Olhar no espelho... Diga-se: Olhar-se ao espelho.

Deve-se considerar anacrônicas essas modas... Diga-se: **Devem-se** considerar anacrônicas essas modas.

A que serve tanto luxo?... Diga-se: **De** que serve tanto luxo?

Proceder de maneira a satisfazer a todos... Diga-se: Proceder de maneira **que** a todos satisfaça.

Não se compreende... Diga-se: Ninguém **o** compreende.

Preveni-lhe que ficasse... Diga-se: Preveni-**o** que devia ficar.

Aspirar altas posições. Diga-se: Aspirar **a** altas posições.

Objecto em questão. Diga-se: Objecto **de** que se trata.

Guardar o leito. Diga-se: Estar de cama.

Influi sôbre a existência. Diga-se: Influi **na** existência.

Na cidade tem lindos arrabaldes. Diga-se: Na cidade **há** lindos arrabaldes. — Tem a recear muito de seus inimigos. Diga-se: Ter **que** recear muito de seus inimigos.

Abstração feita. Diga-se: Fazendo abstração.

Qual de nós faremos isso? Diga-se: Qual de nós **fará** isso?

Quando se tem muito dinheiro gasta-se à larga. Diga-se: **Quem** tem muito dinheiro gasta-**o** à larga.

Ajudei-lhe a desatar os cordões dos sapatos. Diga-se: Ajudei-**o** a desatar os cordões dos sapatos.

Pretendem-se derrubar aquelas árvores. Diga-se: **pretende-se** derrubar aquelas árvores.

Um barril contendo 20 litros. Diga-se: Um barril que contém 20 litros. — Custa-me a crer. Diga-se: Custa-me crer.

Gritou de modo a ficar rouco. Diga-se: Gritou de modo tal que ficou rouco. — Assisti um espetáculo. Diga-se: Assisti **a** um espetáculo. — O médico assistiu ao doente. Diga-se: O médico assistiu **o** doente. (Aqui assistir no sentido de ver, apreciar).

Contentarei a meu filho. Diga-se: Contentarei meu filho.

Paguei os empregados. Diga-se: Paguei **aos** empregados.

ALGUMAS NORMAS DE ACENTUAÇÃO DAS PALAVRAS

1.^a — Tôdas as palavras proparoxítonas ou esdrúxulas são acentuadas. Exemplo: escriturário, comércio, formulário.

2.^a — Tôdas as palavras agudas ou oxítonas, com exceção das que terminam em **i (s)** ou **u (s)**, quando não constituem hiato, e das que terminam em letras que tenham poder de tonicidade, como **l, r, z, ã, ão**. Exemplo: amor, louvor, feliz, paixão, amanhã.

3.^a — Tôdas as palavras graves ou paroxítonas não são acentuadas com exceção daquelas que terminem com letras que tenham valor de tonicidade. Exemplo: amável, bênção, órgão, fútil. Ou então, aquelas que tenham homônimas, tais como **êsse** (que tem a letra **S**, esse), **êste** (que tem este, ponto cardeal); **pôrto** (tem o verbo portar, porto).

4.^a — Todos os monossílabos tônicos. Exemplo: pá, pé, fá, dó.

Nas mesmas condições é empregado o acento circunflexo, desde que as tônicas sejam fechadas.

Diga-se: Por que está você com êsse ar? e não: Por que você está com êste ar? Quando se começa a frase

interrogativa pela expressão **por que**, o sujeito fica depois do verbo.

* * *

O verbo ajudar pode constituir-se com objecto direto ou objecto indirecto. Exemplo de Castilho: "Tendes vossos pais; ajudai-lhes a levar a sua cruz; convencei-vos bem de quanto eles vos querem" (objecto indirecto).

* * *

Em vez de:

Presidir o ato Diga-se: Presidir **ao** ato. Mesmo se não tivesse havido. Diga-se: **Ainda que** não tivesse havido. Substitua-se o emprêgo de **mesmo** por **ainda**, sempre que possível.

* * *

Não quero desfazer os seus serviços. Diga-se: não quero desfazer **dos** seus serviços (no sentido de julgamento).

Nós outros e Vós outros podemos usar para reforçar o nós e o vós. Exemplo: Catalina, e vós outros dos antigos (Camões).

* * *

Entre eu e tu. Diga-se entre **mim** e **ti**.

Não se empregam os artigos **um** e **o** depois da palavra **como**. Nem antes das palavras: **outro**, **certo**, **semelhante**, **tal**, **igual**, **mero**, **tão**.

Conosco mesmo... Diga-se: **Com** nós mesmos.

Hão de me obedecerem... Diga-se: Hão de me **obedecer**.

Teve lugar a inauguração... Diga-se: **Realizou-se** a inauguração.

Antipatizou-se com o colega... Diga-se: **Antipatizou** com o colega.

É o homem o mais sábio... Diga-se: É o **homem mais** sábio.

Tem muito gosto pela música... Diga-se: Tem muito gosto **para a** música.

Este trabalho é quase que exclusivo de mulheres... Diga-se: Este trabalho é **quase exclusivo** de mulheres.

Ter amor do estudo... Diga-se: Ter amor **ao** estudo.

Não havendo mais nada a tratar... Diga-se: Não havendo mais nada **que** tratar.

Tirar partido. Diga-se: Tirar **proveito**.

Usou esta frase... Diga-se: Usou **desta** frase.

Prefiro do que... Diga-se: Prefiro **a**.

O advérbio **talvez**, precedendo ao verbo, pede o subjuntivo, e, posposto, o indicativo. Exemplo: Talvez **seja** isso exato. Isso é talvez exato.

Tenho muito a fazer. Diga-se: Tenho muito **que** fazer.

Tenho a estudar. Diga-se: Tenho **de** estudar.

De maneira a: de modo a acontecer alguma coisa. Diga-se: de maneira **que** alguma coisa aconteça.

Tenho coisas importantes a lhe dizer... Diga-se: Tenho coisas importantes **que** lhe dizer.

Tenho muito a te contar. Diga-se: Tenho muito **que** te contar.

Tenho a te pedir. Diga-se: Tenho muito **que** te pedir.

É tempo deles irem embora. Diga-se: É tempo **de** eles irem embora.

Proposital. Diga-se: **Propositado**.

Dezenas de mil anos. Diga-se: Dezenas de **milhares** de anos (o complemento que restringe, ou em que incide a palavra dezena, nunca pode ser adjectivo, e **mil** é adjectivo).

Através o campo. Diga-se: **Através do** campo.

Onde vais hoje? Diga-se: **Aonde** vais hoje?

Eu sinto um mau estar. Diga-se: Eu sinto **mal** estar.

Recorda-nos de ter havido. Diga-se: **Recordamo-nos** de ter havido.

Enquanto a. Diga-se: **quanto a**.

Haja vista os regulamentos. Diga-se: Hajam vista os regulamentos.

De maneira a. Diga-se: De maneira **que** (seguido do infinito).

O seu crime é grande para merecer perdão. Diga-se: **O seu crime é tão grande que não** merece perdão.

Conforme nas condições. Diga-se: Conforme às condições.

Preferir que. Diga-se: Preferir **a**.

Vão haver partidas. Diga-se: **Vai** haver partidas.

Ele fez com que... Diga-se: Ele fez **que**.

Dignatários. Diga-se: Dignitários.

Insistir sobre alguma coisa. Diga-se: Insistir **em** alguma coisa.

Prevalecer da ocasião. Diga-se: **Valer-se** da ocasião.

EXERCÍCIOS PRATICOS

Oferecemos temas para redação e para exercícios orais, ou para rápidas palestras. No primeiro caso, no da redação, pode o leitor escrever algumas páginas sobre o tema apresentado. No segundo, fará uma palestra a um **auditório imaginário**, em sua casa, ou em lugar ausente de ruídos exteriores, e pôr-se-á a explicar para êsse "auditório" o tema da palestra.

Vejamos um pensamento de Pascal:

"A última diligência da razão é reconhecer que há uma infinidade de coisas que a sobrepassam; ela é fraca porque nem isso consegue conhecer. Se as coisas naturais a sobrepassam, que se dirá das sobrenaturais?"

Seja êste o tema da redação ou da palestra. Que deve fazer o leitor, se quiser explaná-lo? Dar uma **ordem** aos pensamentos que êsse tema possa sugerir, associar, exigir. Em suma, esquematizar o assunto para desenvolvê-lo sem confusões; fazer um **esquema** que lhe seja um guia da oração ou da redação. Estabelecido o esquema, poderá o leitor corrigi-lo, ampliá-lo, notar os defeitos, melhorá-lo. Estabeleçamos êste esquema:

1.º — Blaise Pascal (1623-1662), nasceu em Paris, filósofo e matemático francês.

2.º — Êste pensamento reproduz, em síntese, a sua filosofia. (Reproduzir o pensamento de Pascal).

3.º — Ê a razão uma alta função do nosso espírito.

4.º — Ê pela razão que o homem se distingue dos animais.

5.º — A razão permitiu o conhecimento inteligível e, por isso, o progresso do homem.

6.º — Alguns filósofos endeusam a razão, tornando-a todo-poderosa.

7.º — Outros a consideram, ao contrário, um órgão frágil, um “órgão coxo”, como dizia Nietzsche.

8.º — Estes dão mais valor à intuição, porque esta nos revela as coisas como são em sua **singularidade**, e a razão apenas como **universalidade**. A intuição mostra-me este livro como ele se me apresenta, aqui e agora. A razão, que esse livro é um **livro**, reduz o livro a conceitos: livro, azul, grande, etc. Mas a intuição capta o livro como um todo, como este livro é, no que tem ele de singularidade, de único, de diferente dos outros objectos do mundo.

9.º — Assim os filósofos se dividem em racionalistas (que dão mais valor à razão) e irracionais (que dão mais valor à intuição). Outros, porém, julgam que a razão, embora fraca, é senhora de certo domínio, os universais, onde ela trabalha com plena eficiência. Assim, o homem é dotado de razão e de intuição. Uma não nega a outra; uma completa a outra. Pascal colocava-se nessa posição.

10.º — Os dogmas da Igreja sobrepõem os limites da razão. Por isso não podiam ser explicados por esta.

11.º — Assim não devemos temer usar de outros meios, não racionais, para penetrar no que há de mais elevado.

Com esse esquema na mão, o leitor aumenta-o, corrige-o, modifica-o, acrescenta as associações que possam interessar. Depois de feito o esquema é que inicia a escrever a redação ou articular a sua palestra.

Vejamos este pensamento de Mong Dei:

“Nada revela melhor do que os olhos o que há dentro do homem.

Os olhos não podem ocultar nada mau. Quando dentro do peito de um homem, tudo está como deve ser, os olhos brilham. Quando não está tudo como deve ser dentro do peito, os olhos carecem de brilho. Escuta o que ele diz, e olha-o nos olhos... Como haveria de escapar-te um homem?”

Organizemos um esquema:

1.º — O homem não expressa tudo quanto é em seus gestos e palavras.

2.º — O homem dissimula seus sentimentos, afeições, intenções.

3.º — Oculta-se atrás das palavras, gestos, atitudes.

4.º — Mas, por mais que o queira, sempre se denuncia.

5.º — Pequenos gestos, aspectos, atitudes denunciam-no.

6.º — O psicólogo sabe distingui-los.

7.º — São fios, rastros que levam ao fundo da alma.

8.º — O valor dos olhos.

9.º — Os olhos não obedecem às dissimulações.

10.º — Olhar bem nos olhos revela-nos as intenções.

11.º — Comentar a lição de Mong Dei.

Por si mesmo deve o leitor organizar esquemas de pensamentos, aforismos que encontra em livros, revistas. Digamos, que, ao ler uma revista, encontre esse pensamento de La Bruyère que, como Rochefoucauld, é tão preferido:

“Escarnecer dos outros é muitas vezes sinal de pobreza de espírito”.

Que deve fazer? Meditar sobre o tema e discorrer mentalmente sobre ele. Que é escarnecer? É fazer escárnios, zombar, menosprezar, diminuir alguém por seus erros ou defeitos físicos. Ninguém gosta de ser escarnecido. Além disso, há no escárnio um gozar da inferioridade alheia ou uma manifestação clara de má vontade. Ora, um caráter se revela pelos seus atos, preferências, disposições, tendências. Escarnecer revela fraqueza de espírito, porque um espírito forte, um espírito altaneiro não iria zombar da desgraça alheia.

Saberia respeitá-la, compadecer-se dela ou enfrentá-la com hombridade, com superioridade, com simpatia superior e humana. Zombar de pequenos defeitos, de atitudes que não afectam à dignidade de uma pessoa, zombar, por exemplo, de quem comete um pequeno erro num jogo, numa brincadeira, não é ofender-lhe a dignidade.

Então, aí, não há manifestação de pobreza nem de mesquinhez de espírito. Mas como estabelecer os limi-

tes? Quando a zombaria ofende a dignidade alheia e quando a não ofende? É preciso considerar o zombado, sua educação, sua psicologia, seu feitio, seu caráter. Achar o limite, saber até onde se pode ir, sem que se ofenda a sua dignidade, mostra tacto, inteligência, habilidade, respeito humano.

Vê assim o leitor quantas sugestões, associações nos dão as idéias e como, por um exercício que podemos fazer em tôdas as nossas horas disponíveis, podemos ir desenvolvendo a nossa inteligência, os nossos meios de expressão, o nosso raciocínio e alcançar, dessa forma, em pouco tempo, o domínio das idéias e das palavras.

Para auxílio do leitor, vamos dar aqui alguns pensamentos que servem para organização de **esquemas analíticos**:

“Tôda verdade é simples. Não é isto uma dupla mentira?” — Nietzsche.

“Tudo o que não muda está morto” — Azorin.

“Acusar a outrem das próprias desgraças é próprio dos ignorantes; acusar-se unicamente a si, é próprio do homem que começa a instruir-se; não acusar nem a si nem aos outros, é qualidade do homem já instruído” — Epitecto.

“Podemos porque cremos poder” — Virgílio.

“Os homens são de duas categorias: uns estão desper-tos nas trevas, outros são sonâmbulos na luz” — Gibran.

* * *

Damos preferência a esquemas onde há certa sabedoria humana, em vez de propormos esquemas simples, como descrever um passeio, um crepúsculo, um amanhecer, um facto que se passou conosco. Absolutamente não o fazemos por preferir isto àquilo, mas simplesmente porque no exercício dos esquemas em que não entra apenas a memória (como são os que encerram descrições) e penetram raciocínios e meditações, o progresso é maior.

Pode o leitor organizar esquemas de factos que deseja descrever. Mas preferimos sempre os que encerram

meditações e pensamentos mais profundos, porque já dispõem um exercício sôbre temas mais elevados, pois quem se afeita a êles está sempre apto a tratar de temas mais fáceis.

Neste caso, o que parece mais difícil é o melhor, porque, ao vencê-lo, são vencidas muitas dificuldades posteriores.

* * *

Examinemos outros exercícios:

Com o auxílio de um dicionário de sinônimos pode o leitor fazer uma série de exercícios proveitosos.

Vejamos por exemplo o verbo **abaixar**. Notamos alguns sinônimos: abater, deprimir, humilhar, baixar, descer, curvar, inclinar, aluir, prostrar, apoucar, diminuir, minguar.

Deve o leitor, então, formar frases com êsses verbos. Por exemplo: Abaixar o véu, abaixar a cabeça, abaixar os olhos ante alguém.

Com **abater**: abater um pássaro, a casa abateu, um temporal abateu-se sôbre os campos, etc.

Deprimir: êle deprimiu o outro, deprimir o nome de alguém.

Humilhar: humilhou o inimigo, foi humilhado pelo outro, etc.

Êsses exercícios, feitos continuamente, dão um domínio constante e crescente do vocabulário, bem como representam uma verdadeira ginástica do espírito.

No início, encontrará o leitor algumas dificuldades em formar sentenças que o satisfaçam. É que estamos mais acostumados a ter primeiro as idéias para depois expressá-las. Este método permite que as palavras suscitem as idéias, e se acostume o leitor a formar idéias associadas às palavras que tem à sua frente, quer quando as pronuncia, quer quando as ouve.

Assim, quando alguém discursa de improviso, não pode contar apenas com as idéias, mas também com as associações que as palavras podem provocar. Realizando

êsse exercício, em pouco tempo, o espírito do leitor torna-se afeito às associações rápidas, imediatas. As palavras surgirão fáceis, precisas e abundantes, evitando os tropeços que são tão desagradáveis aos que discursam.

Se o leitor tiver um dicionário à mão pode prescindir do dicionário de sinônimos. Entretanto, sempre aconselhamos ter um, pois seu manuseio é necessário, muitas vezes, para evitar as repetições que são tão desagradáveis.

Oferecemos agora dois tipos de exercício de Retórica:

- a) exercícios práticos **sintéticos**;
- b) exercícios práticos **analíticos**.

Os primeiros consistem em tornar **intensivas** as idéias, e os segundos em torná-las **extensivas**.

Os exemplos nos mostrarão melhor como revestirmos sinteticamente de beleza as idéias, e como as completarmos pela análise das associações. Estudemos, primeiramente, os exemplos **sintéticos**.

A leitura e a análise de cada um desses trechos, muito contribuirá para o desenvolvimento do bom gosto. Vejamos:

O ódio é uma paixão que se manifesta nos seres humanos. Mas ninguém iria odiar quem julga desprezível, inferior, mesquinho.

O ódio dirige-se apenas àqueles que ficam acima de nós ou que nos igualam, que se ombreiam conosco. Essas idéias, vejamos como as revestiu com singeleza e profundidade Nietzsche:

“Não se odeia a quem se despreza; odeia-se a quem é julgado igual ou superior”.

Por ocasião de um discurso ou de uma conferência, uma idéia revestida de simplicidade, de palavras expressivas e claras, com essa orientação, reflete-se profundamente no auditório. Vejamos outra:

Todos nós sabemos que os homens, quando injuriados, sofrem profundamente. A injúria angustia-os, tralhes horas de aborrecimento, de mal-estar. Em compensação, quando recebem benefícios, não são todos os que

conservam boa memória e esquecem facilmente os favores recebidos, num gesto de ingratidão muito comum. Vejamos como Boiste, com simplicidade sublime, revestiu essas idéias com poucas e expressivas palavras:

“Escrevei as injúrias na areia; gravaí no mármore os benefícios”.

Quem dissesse a um auditório essas idéias, da forma como fizemos acima, não a de Boiste, atrairia interesse, não lhe daria, porém, o prazer profundo como se a pronunciasse igual a êle. Por quê? Porque, no primeiro caso, o auditório seria levado, a um passo normal, ao assunto de que se deseja tratar. No segundo caso, é êle arrancado da sua inércia, projetado mais alto, exaltado em sua emoção, pela rapidez com que as palavras o levariam ao tema, fazendo-o sentir mais agudamente e, conseqüentemente, dando-lhe mais prazer, tornando assim a palestra mais agradável, mais interessante e também inesquecível.

Um outro exemplo:

Todos os aborrecimentos que encheram a nossa vida, as angústias por que passamos, os momentos em que cometemos certos erros, retornam à memória para nos encher de desgosto.

Lembramo-nos das injúrias recebidas, dos momentos de humilhação que sofremos, das cenas desagradáveis que presenciamos. Tudo isso, voltando à memória, nos compunge, nos desgosta. Se pudéssemos esquecer tudo, já não sofreríamos tanto, e poderíamos gozar os momentos que passam, sem a presença dessas recordações tão desagradáveis.

Apreciemos agora como Secrétan, aproveitando essas idéias, revestiu-as da simplicidade aguda que eleva ao sublime”.

Ao pronunciar tal período, deixa o orador ou conferencista uma porta aberta às sugestões. O ouvinte ou leitor não se satisfaz apenas em ouvir. Exposta assim a idéia, põe-se logo a meditar, a associar casos passados, a comprovar com sua própria experiência a profundidade do que é afirmado. E, dessa forma, a actividade que tem de empreender o anima, o entusiasmo, o exalta.

Que conclusões de caráter prático podemos tirar?

Que, ao desejarmos expressar idéias, devemos revesti-las da forma mais simples e aguda. Uma imagem bem escolhida e bem colocada, sem exagero, pode perfeitamente elevar o sentido por oferecer sugestões.

Vejamos essas palavras eloquentes de Rui Barbosa quando tratou do Caso Dreyfus. Quantas idéias, quantas razões, quantos argumentos, sintetizados com hábil maestria e que, nas mãos de um orador ou de um conferencista mediocre, seriam usados, empregados ao extremo, por minutos e minutos, terminando por cansar o auditório.

No entanto Rui, com sobriedade, expressa-as assim:

“Essa multidão espumante, que cercava ameaçadora, a Escola Militar, bramindo insultos, assuadas e vozes de morte, — que mais era, portanto, afinal, do que uma força violenta e cega, como os movimentos inconscientes da natureza física? Pela minha parte, não conheço excessos mais odiosos do que essas orgias públicas da massa irresponsável. Nada seria menos estimável, neste mundo, que a democracia, se a democracia fôsse isto. Esses escândalos representam o pior desserviço à dignidade do povo, e constituem o mais especioso argumento contra a sua autoridade. Não é sob tais formas que êle se há de mostrar digno da soberania, cujo cetro as tendências da nossa época lhe reconhecem. Se o número não souber dar razão dos seus actos, se as maiorias não se legitimarem pela inteligência e pela justiça, o governo popular não será menos aviltante que o dos autocratas.

Nem a invocação da pátria imprime tais desvios fisionomia menos antipática. Mal honram a pátria as contorsões de um patriotismo histérico, que vive a se superexcitar com a obsessão de traições, que julga de oitiva, fulmina por palpites, e instiga os magistrados a prevaricarem, antepoando a popularidade à justiça”.

Agora responda o leitor quantas sugestões, quantas associações redemoinham, chocam-se, conjugam-se dentro de seu espírito?

Quantas opiniões favoráveis, desfavoráveis, quantas contradições tumultuam ao ouvir tais palavras?

Conselhos: — Depois dessas leituras, deve o leitor organizar por si mesmo períodos simples, incisivos, onde domine a **intensidade** e não a **extensidade**, para ir adquirindo, por si mesmo, a maestria que é apanágio dos grandes gênios da humanidade.

* * *

EXERCÍCIOS ANALÍTICOS

Vejamos estas palavras de Epicteto e organizemos com elas um esquema: “Esperas ser feliz quando tiveres obtido o que queres. Enganas-te; terás as mesmas inquietudes, iguais cuidados, idênticos desgostos, semelhantes ternores, desejos parecidos. A felicidade não consiste em adquirir e em gozar do adquirido, mas sim em não desejar, porque consiste em ser livre”.

Um esquema:

- 1.º — Epicteto, pensador grego do século I depois de Cristo;
- 2.º — todo homem deseja a felicidade;
- 3.º — como o conceito de felicidade varia de homem para homem, varia também o seu objecto; uns põem a felicidade nisto, outros naquilo;
- 4.º — o objecto da felicidade é o que é desejado, que, obtido, dá a impressão de havê-la alcançado;
- 5.º — então, as inquietações e cuidados terão desaparecido;
- 6.º — mas a felicidade não consiste numa aquisição nem no gozo do adquirido, porque sobrevêm a saciedade, o cansaço;
- 7.º — pensamos na felicidade porque a desejamos. Todo desejo de felicidade tende para um objecto;
- 8.º — porque desejamos, somos prêsas do desejo, submetidos ao desejo, escravos do desejo;
- 9.º — liberta-nos do desejo de obtenção de um objecto, livra-nos de colocar a felicidade em alguma coisa;
- 10.º — a felicidade, então, será vivida pela ausência do desejo, pela nossa libertação do desejo. — Eis o pensamento de Epicteto.

Agora uma bela fábula de Florian:

“Passeava um jovem príncipe com seu ministro por um bosque. Como é natural entre os grandes, aborreceu-se e sentou-se à sombra de uma árvore. Num galho, um rouxinol pôs-se a cantar.

Maravilhado com o canto, o príncipe quis imediatamente caçá-lo, para pô-lo numa gaiola, mas o ruído que fez afugentou o pássaro.

Por que — disse encolerizado, — o mais amável dos pássaros vive nos bosques, sombrio e solitário, enquanto meu palácio está cheio de pardais?

Pois — disse-lhe o ministro — que vos sirva de lição este facto. Os néscios sempre se apresentam, enquanto o mérito se esconde. É preciso ir procurá-lo”.

Façamos o esquema:

1.º — que nos ensina a fábula de Florian?

2.º — os grandes sábios, os homens estudiosos, precisam da solidão. É na solidão que eles se entregam à meditação;

3.º — os mediócrs e ambiciosos precisam do ruído da praça pública;

4.º — os mediócrs apresentam-se para os cargos mais elevados. Julgam-se sempre capazes de ocupá-los e pensam que são suficientemente competentes;

5.º — vemos nos jornais, revistas, estações de rádio, repartições públicas, editôras, sociedades culturais, etc. mediócrs e mais mediócrs a se elogiarem uns aos outros, para, apoiados uns nos outros, obterem os cargos mais elevados;

6.º — o sábio, que sabe o que sabe e sabe o que não sabe, cultiva a solidão, o silêncio, a modéstia;

7.º — quem quiser escolher homens de valor não irá à praça pública, não se deixará levar pelos elogios fáceis que uns fazem em benefício dos outros. Procurará na solidão os verdadeiros talentos;

8.º — já houve quem dissesse que os maiores valores permanecem ocultos. Um homem de genuíno talento não irá mendigar a mediócrs que o reconheçam, porque sabe que esses o combaterão sempre.

9.º — assim como em certas repartições e oficinas aquêle que trabalha, aquêle que cumpre o seu mister é combatido pelos “colegas” porque mostra a incompetência dos outros, assim também os verdadeiros talentos, sempre, na história humana, foram combatidos pelos mediócrs. Eles temem a concorrência do mais capaz, porque essa eles não podem enfrentar. Então, que fazem?

10.º — A conspiração do silêncio é uma das suas armas. A outra é fechar-lhes as portas aos lugares onde possam esplender o seu talento. Assim verdadeiras “camorras” se formam nos jornais, revistas, editôras, cargos culturais, etc., para impedir a entrada dos que possam mostrar a mediocridade do grande número.

11.º — Se o rouxinol da fábula se apresentasse no palácio do príncipe para mostrar o seu canto, todos os pardais corrê-lo-iam a bicadas.

* * *

Há crenças que constroem de Deus uma imagem bem humana. Atribuem-lhe uma função de pensar, de medir mentalmente, de comparar mentalmente como as dos homens. Como não podem concebê-lo como puro espírito, dão-lhe uma dimensão, concebem-no como estando em algum lugar, isto é, ocupando uma parte do espaço e, naturalmente, como algo que se dá no tempo. Outros crenças, porém, vêem em tais afirmativas, erros palmares e as acusam. Essas idéias, tôdas, que poderiam dar margem para páginas e páginas, vejamos como as sintetizou Kierkegaard:

“Deus não pensa, cria; não existe, é eterno”.

Quanta síntese e quantas sugestões para a meditação. Ao pronunciar essa frase, o espírito se recolhe, a meditação agudizava-se e a sugestão de temas dos mais variados se impõe. A criação seria o pensamento de Deus. Não pertence êle ao tempo, mas sim à eternidade, que é a superação absoluta do tempo, onde o futuro e passado não existem, onde tudo é um presente perene.

Vejamos outro: Todos notamos que, no amor, não nos deixamos guiar perfeitamente pela razão. Quem ama friamente não ama, dizem todos, porque sendo o amor um sentimento, uma forte emoção, êle nos arrebatava, não nos permite que meditemos, que fixemos a atenção para

analisar os factos com frieza. Há, no amor, essa paixão que arrebatava, uma espécie de loucura que nos empolga. Mas se notarmos também a loucura, veremos que, nesta, nem tudo é loucura, nem tudo é desordem, nem tudo é confusão. Entremeiam-se, nela, momentos de raciocínio lógico, frio, dominado, perfeito. Vejamos como Nietzsche sintetizou de maneira sublime tudo isso:

“Sempre há um pouco de loucura no amor. Mas há, sempre, também, um pouco de razão na loucura”.

A simplicidade com que tudo isso é dito, mais a rapidez com que as idéias são jogadas e as sugestões que elas encerram e provocam, dão a quem ouve ou lê um momento de alta emoção que o eleva.

Vejamos agora exemplos analíticos e organizemos os esquemas correspondentes.

Um dia perguntaram a Meng-Tseu (mais conhecido entre nós por Mencius), quais eram as condições de uma verdadeira amizade. Assim ele respondeu: “Se não vos prevalecerdes da superioridade de vossa idade, se não vos prevalecerdes de vossas honras, se não vos prevalecerdes da riqueza ou do poder sobre vossos irmãos, podereis contrair laços de amizade. Contrair laços de amizade com qualquer um é contrair amizade com a sua virtude”.

Organizemos, agora, analiticamente essas idéias, sobre as quais desejamos fazer uma palestra a um auditório invisível ou, então, uma redação.

1.º — Nenhum sentimento é mais nobilitante para o homem que a amizade.

2.º — Entre todos os sentimentos, a amizade é o mais desinteressado, o que pode ser tocado pelo espírito do legítimo desinteresse.

3.º — Quem é amigo tem naturalmente que respeitar esse direito que cabe a todo o ser humano: o direito à sua completa dignidade.

4.º — Respeitar a dignidade humana é negar-se a aviltá-la, a tomá-la aquém de seu alto valor.

5.º — Não há amizade onde não há igualdade de consideração. Se nós considerarmos mais porque temos mais idade e dela nos prevalecermos, procuramos, por esse meio, criar uma separação que não a fortalece.

6.º — Se as nossas honras, méritos, renome, consideração que gozamos servem para que nos mostremos superiores a um amigo, não praticamos amizade.

7.º — Se pelo poder ou pela riqueza de que goza a nossa família, procuramos exercer ou atribuirmo-nos uma posição mais elevada que a do nosso amigo, estamos separando-nos dele.

8.º — A amizade é uma virtude, é um sentimento que revela grandeza de alma e ao contrairmos uma verdadeira amizade com alguém, contraímos amizade com a própria virtude.

9.º — O verdadeiro motivo de ligação de uma amizade é a virtude e, sem ela, não há sincera amizade.

Damos aqui alguns pensamentos que podem servir para desenvolvimento de esquemas analíticos para palestra a “um auditório imaginário”. Ei-los:

“O mal é uma barreira entre Deus e o homem; mas uma barreira que dá existência individual ao homem. Se ela não existisse, o homem seria um com Deus” (Hebbel).

“Não admiro de forma alguma um homem que possua uma virtude em toda a sua perfeição, se não possuir, ao mesmo tempo, em igual intensidade, a virtude oposta, tal como era Epaminondas, que tinha o extremo valor ao lado da extrema benignidade; pois o contrário não é subir mas cair. Não se mostra grandeza por se estar numa extremidade, mas tocando simultaneamente as duas, e enchendo o espaço entre ambas” (Pascal).

“Desejar que não pertença somente a nós a nossa miséria, e querer difundi-la entre os outros, para que nos doa menos o nosso desencanto, essa é a miséria das misérias; desejar que não pertença somente a nós a nossa alegria, e querer difundi-la entre os outros, para que maior seja a nossa fruição, esse é o prazer dos prazeres” (Mahdi Fezzan).

“Qual é a diferença entre os deuses e os homens? Consiste em que, diante dos primeiros, muitas ondas passam numa torrente eterna: em nós as ondas nos levantam, as ondas nos tragam, e desaparecemos” (Goethe).

“A vida iguala a todos os homens: a morte revela o eminente” (Bernard Shaw).

“Chegará um dia em que nossas recordações serão nossa única riqueza” (Paul Géraldy).

“A ciência rejuvenesce a alma, minora a amargura da velhice.

Ajunta pois sabedoria que será o alimento dos teus dias de velho” (Marejkovsky).

“Se és trabalhador, não morrerás de fome; a fome pode chegar à porta do homem laborioso, mas não se atreve a entrar” (Franklin).

* * *

Aquêles que, na vida, se vêem obrigados a lutar contra criaturas moralmente disformes, contra indivíduos que usam todos os meios para se impor, que empregam o melhor de suas fôrças nesse combate aos maus, precisam ter o máximo cuidado para não se deixarem empolgar pelos métodos dos inimigos, não adquirir seus aspectos, seus meios de luta, nem usarem tampouco as monstruosidades empregadas pelos outros.

Nietzsche traduziu tudo isto em dois períodos:

“O que luta com monstros deve ter cuidado de não se tornar também monstro.

E se olhas muito para um abismo, o abismo acabará por olhar dentro de ti”.

* * *

Fala-se muito do amor. Muito do que os homens escreveram referiu-se a êsse sentimento. As páginas mais contraditórias, as idéias mais diversas foram expressadas, discutidas, comentadas.

O amor-sentimento, essa flor nascida e animada na idade média européia, cantada pelos trovadores provençais e vivida em seus momentos mais altos pelos cavaleiros andantes, não pode ser confundida com os actos de amor, puramente físicos, que, quando exaltados, valorizados exageradamente, acabam por esconder o amor-sentimento em tôda a sua pureza e intensidade. Assim há duas maneiras de amar. Vejamos como Mahdi Fezzan, sinteticamente, os descreveu: “Há os que amam e os que praticam actos de amor. A persistência de um dêesses es-

tados não implica a do outro. A duração de um ou de outro é muitas vêzes um engano”.

* * *

Façamos agora algumas análises sôbre pensamentos célebres, transportando-os em temas para palestras-exercícios:

“Não sabem ser justos e querem ser livres!” (Seyès).

Podemos analisar assim essa imprecisão famosa do grande político francês:

1.º — A história humana é uma luta constante contra a opressão. Mostrar factos.

2.º — A liberdade foi sempre considerada activa, isto é, uma ação prática, porque uma liberdade que se não pratica não é liberdade, mas apenas uma idéia abstracta da liberdade.

3.º — Não é liberdade ofender a liberdade. Assim não é livre quem ofende a liberdade alheia.

4.º — Conseqüentemente, a liberdade tem a sua ética, que consiste no respeito mútuo.

5.º — Que evidencia êsse respeito mútuo senão uma consciência da justiça?

6.º — Se a justiça é dar a cada um o que é de seu direito, não prejudicar quem quer que seja, não lesar os direitos dos outros, a liberdade é inseparável da justiça.

7.º — Assim sendo, como podem ser livres aquêles que não sabem ser justos, aquêles que ofendem os direitos alheios?

8.º — Pratiquem os povos a justiça, pratiquem os homens em sua vida privada e pública a justiça, e só de pois terão o direito de exigir a liberdade, porque a liberdade se consolida onde a justiça é respeitada.

* * *

Vejamos êste pensamento de Crisipo, famoso filósofo grego:

“O sábio não carece de nada e, contudo, necessita de muitas coisas; pelo contrário, o tolo não necessita de nada, porque de nada sabe fazer uso, mas carece de tudo”.

“Chegará um dia em que nossas recordações serão nossa única riqueza” (Paul Géraldy).

“A ciência rejuvenesce a alma, minora a amargura da velhice.

Ajunta pois sabedoria que será o alimento dos teus dias de velho” (Marejkovsky).

“Se és trabalhador, não morrerás de fome; a fome pode chegar à porta do homem laborioso, mas não se atreve a entrar” (Franklin).

* * *

Aquêles que, na vida, se vêem obrigados a lutar contra criaturas moralmente disformes, contra indivíduos que usam todos os meios para se impor, que empregam o melhor de suas forças nesse combate aos maus, precisam ter o máximo cuidado para não se deixarem empolgar pelos métodos dos inimigos, não adquirir seus aspectos, seus meios de luta, nem usarem tampouco as monstruosidades empregadas pelos outros.

Nietzsche traduziu tudo isto em dois períodos:

“O que luta com monstros deve ter cuidado de não se tornar também monstro.

E se olhas muito para um abismo, o abismo acabará por olhar dentro de ti”.

* * *

Fala-se muito do amor. Muito do que os homens escreveram referiu-se a êsse sentimento. As páginas mais contraditórias, as idéias mais diversas foram expressadas, discutidas, comentadas.

O amor-sentimento, essa flor nascida e animada na idade média européia, cantada pelos trovadores provençais e vivida em seus momentos mais altos pelos cavaleiros andantes, não pode ser confundida com os actos de amor, puramente físicos, que, quando exaltados, valorizados exageradamente, acabam por esconder o amor-sentimento em tôda a sua pureza e intensidade. Assim há duas maneiras de amar. Vejamos como Mahdi Fezzan, sinteticamente, os descreveu: “Há os que amam e os que praticam actos de amor. A persistência de um desses es-

tados não implica a do outro. A duração de um ou de outro é muitas vezes um engano”.

* * *

Façamos agora algumas análises sobre pensamentos célebres, transportando-os em temas para palestras-exercícios:

“Não sabem ser justos e querem ser livres!” (Seyès).

Podemos analisar assim essa imprecação famosa do grande político francês:

1.º — A história humana é uma luta constante contra a opressão. Mostrar factos.

2.º — A liberdade foi sempre considerada activa, isto é, uma ação prática, porque uma liberdade que se não pratica não é liberdade, mas apenas uma idéia abstracta da liberdade.

3.º — Não é liberdade ofender a liberdade. Assim não é livre quem ofende a liberdade alheia.

4.º — Conseqüentemente, a liberdade tem a sua ética, que consiste no respeito mútuo.

5.º — Que evidencia êsse respeito mútuo senão uma consciência da justiça?

6.º — Se a justiça é dar a cada um o que é de seu direito, não prejudicar quem quer que seja, não lesar os direitos dos outros, a liberdade é inseparável da justiça.

7.º — Assim sendo, como podem ser livres aquêles que não sabem ser justos, aquêles que ofendem os direitos alheios?

8.º — Pratiquem os povos a justiça, pratiquem os homens em sua vida privada e pública a justiça, e só depois terão o direito de exigir a liberdade, porque a liberdade se consolida onde a justiça é respeitada.

* * *

Vejamos êste pensamento de Crisipo, famoso filósofo grego:

“O sábio não carece de nada e, contudo, necessita de muitas coisas; pelo contrário, o tolo não necessita de nada, porque de nada sabe fazer uso, mas carece de tudo”.

1.º — O sábio é quem sabe o que sabe, e sabe que não sabe o que não sabe.

2.º — Esse saber, se lhe mostra tudo quanto lhe é já próprio, é também um saber de tudo quanto necessita saber.

3.º — Não tem o sábio carências: o pouco que tem é suficiente para encher-lhe a vida, porque não se deixa perder nem dominar pelas coisas exteriores, mas por aquelas do espírito.

4.º — Necessita, sim, de muitas coisas; essas não são as exteriores, mas, sobretudo, as do espírito, as do conhecimento, porque o sábio é sempre ávido de saber, pois êle sabe que não sabe o que não sabe, e quer saber o que não sabe.

5.º — O tolo não necessita dêsse saber, porque dêle não pode fazer uso.

6.º — E como não sabe usar êsse saber, êle carece de tudo porque não tem o que lhe enriqueceria a vida.

7.º — Os tolos procuram nas coisas exteriores o que lhe encha o vazio interior; mas como elas nunca ressoam em seu interior, senão vaziamente, é êle sempre um necessitado, um carente de tudo, e sua vida é uma constante insatisfação, um desejo informe, insatisfeito, que a posse das exterioridades não alivia, mas, apenas, exacerba.

8.º — Assim a felicidade que dá às coisas é uma felicidade fugidia e cansativa, enquanto a outra felicidade é plena e duradoura. A avidez do tolo é uma tortura e uma angústia, porque se tivesse tôdas as coisas seria ainda mais infeliz, enquanto a avidez do sábio é uma avidez de saber que cada conquista lhe enche de profunda felicidade.

Mais alguns pensamentos para esquemas analíticos:

“Aquêlê que nunca amou não pode ser bom” (Êsquilo).

“Poucas vêzes aquêles que amamos nos enganam: na maioria das vêzes somos nós mesmos que nos enganamos com êles” (Condêssa d’Agoult).

“Faze tudo como se alguém te contemplasse” (Epicuro).

“Assombras-te de que as viagens não te dão proveitos? Quando vais contigo mesmo em tôda parte?” (Sócrates).

“Queres contar teus amigos? Cai no infortúnio” (Napoleão).

“A palavra é do tempo; o silêncio, da eternidade” (Maeterlinck).

“A dúvida é o comêço da sabedoria” (Segur).

“Retira-te dentro de ti próprio, sobretudo quando necessites de companhia” (Epicuro).

“Deus ordenou ao tempo consolar os desditosos” (Joubert).

O espetáculo da vida humana nos mostra que temos em abundância boas e más qualidades. Chegamos ao extremo elevado da nobreza e ao extremo inferior da mesquinhez. Somos capazes de grandes desinteresses, mas também de atitudes utilitárias e baixas que repugnam aos outros como a nós as atitudes dos outros nos repugnam. Entretanto, sabemos que pairamos entre êsses dois extremos, em graus diversos, ora mais tendentes para um extremo, ora para outro. Se observamos bem, quantas atitudes nobres e elevadas são apenas aspectos qualitativamente melhores de sêres mesquinhos? Quantos são capazes de um acto não utilitário, apenas porque, ao praticá-lo, causam admiração, inveja aos outros?

Não é a vaidade que consegue reunir em nós o mesquinho ao nobre? Não é por meio dela que nos elevamos ao mais alto?

Vejamos como tais pensamentos, sintética e belamente são expressados por Scheller:

“Como procede a natureza para reunir no homem o nobre com o mesquinho? Põe a vaidade de permeio”.

* * *

Há homens que não têm iniciativa. Não são capazes de se imporem, de ser o que são, nem de construir uma personalidade. Não pensam por si sós, mas apenas repetem o que outros dizem. Temem expressar seus sentimentos e pensamentos, receosos de errar, como se não errassem também os grandes. Não escolhem por medo

de escolher. Preferem pensar com os outros, raciocinar com os outros, guiarem-se por palavras de ordem, ter as mesmas idéias dos que julgam superiores.

Vejamos como Epicteto referiu-se a êles:

“Pretendes ser como os maus que só podem cantar nos coros?”

* * *

ANALÍTICOS. “OS ANIMAIS SAÚDAM O SOL”

Agradecidos pelos favores que o sol oferece a todos os animais que vivem sôbre a terra, o leão propôs, e foi aceito, que se lhe prestasse ao amanhecer uma grande homenagem. Combinaram a organização de um grande côro dos animais sob a regência do rouxinol. Milhões de vozes se ergueram à madrugada, numa melodia única, suave, harmoniosa, saudando o astro-rei. Uma única voz desafinou e atraiu os olhares furibundos do leão, do tigre e do leopardo. Terminado o côro, o rouxinol, de cima de uma árvore, disse à rapôsa:

— Comadre rapôsa, que lástima! Por que desafinou daquele modo?

— Ora, meu amigo, se não desafinasse como é que chamaria a atenção para mim?” (Mahdi Fezzan).

Façamos agora um esquema de uma rápida palestra:

1.º — Leitura da fábula de Mahdi Fezzan.

2.º — Que lições proveitosas nos dá essa fábula? Muitas.

3.º — A gratidão, eis o primeiro tempo. Nunca é demais mostrar o seu valor. O grato não pode ser indiferente aos favores que recebe; por isso tem sempre palavras ou gestos que reflitam o sentimento que experimenta quando é beneficiado por alguém.

4.º — Não digamos que os favores recebidos sejam um dever de quem nos dá. Há favores que nem sempre merecemos. Muitas vezes, a grandeza de alma, a magnanimidade de outrem, nos favorece além do que merecíamos. A gratidão é uma virtude e um dever.

5.º — Mas essa não é a única lição da fábula. A maior é a que nos dá a rapôsa.

6.º — Muitos passam pela vida sem que despertem atenção aos outros. São comuns, medíocres, sem nada que os torne dignos de admiração.

7.º — Êsses nem sempre suportam humildemente a sua situação de anônimos. E tudo fazem para se erguerem. E como não podem conseguir a posição elevada que despertaria a atenção geral, porque são incapazes de criar, querem a **notoriedade**.

8.º — A notoriedade é obtida, não por actos elevados, mas por **desafinações** muitas vezes, fazendo o que é diferente, contrário até às normas. Assim há pessoas que para se tornarem notadas vestem escandalosamente, ou falam alto, ou gritam, ou cometem actos que afrontam as normas vigentes para atrair sôbre si mesmas a atenção dos outros.

9.º — Perturbam o ambiente, são desagradáveis porque desafinam, chamam sôbre si a notoriedade, não a celebridade que enobrece, mas a notoriedade do apontado, do que é indicado como alguém que se não deve nem se pode imitar.

É preciso que se note na vida quantos se tornam notórios apenas porque desafinam. São “falados”, porque fizeram actos que não se recomendam.

Sua notoriedade passa, e quando fica alguma memória, é apenas para exemplificar como se não deve proceder.

Por que não faz o leitor um exame dos nossos homens notórios?

Verifique quantos se tornam conhecidos apenas pelo que de ruim realizam e quão poucos são os que se erguem na verdadeira admiração, **aquela admiração que tem memória**, que é a celebridade.

* * *

Alguns temas para palestras e redações:

“Todo êrro é uma verdade mascarada” (Hebbel).

* * *

“Pirro costumava dizer: “Não existe diferença alguma entre a vida e a morte”. E como alguém lhe perguntasse: “Por que não te matas, então?”

Respondeu: “Porque não existe diferença” (Epicteto).

* * *

“A Verdade, quase nua, corria por uma estrada. A Fantasia, ao vê-la assim, não se conteve:

— Fugindo!? Os homens já a escorraçaram?

— Psiu! Não fale alto! É a Razão que me vem perseguindo com aquêles terríveis monstros de seis cabeças, as Convicções... E êstes não me perdoam...” (Mahdi Fezzan).

* * *

“Na origem de tôdas as grandes coisas, sempre há uma mulher” (Lamartine).

* * *

“Os sêres de alma pequena só vos respeitam depois de os desprezardes” (Katisflis).

* * *

“A palavra é do tempo; o silêncio, da eternidade” (Maeterlinck).

* * *

“O maior dos mentirosos seria aquêles que acabasse acreditando em sua mentira” (Mahdi Fezzan).

* * *

“O indivíduo não pode pôr-se ante o mundo sem mudar seu pequeno direito numa grande injustiça” (Hebbel).

* * *

“O que é humano não tem inimigos” (Meng Tseu).

* * *

“Na relação de homem para homem, o amor é indispensável, pois o amor recíproco entre homens é o único fundamento da vida humana” (L. Tolstoi).

* * *

“Os velhos desconfiam da juventude porque já foram jovens” (Shakespeare).

* * *

“Repreendemos nos outros as faltas pequenas, mas toleramos as graves quando nossas” (Imitação de Cristo).

* * *

“Felicidade

Um homem perguntou a um sábio:

— Senhor, tu, que és sábio, podes dizer-me o que é a felicidade?

— Nunca poderia dizer-te. Posso indicar-te apenas o caminho que leva até ela.

— Senhor, ficaria eternamente agradecido se me fizesses êsse favor...

— Pois bem: olha para a frente. Que vês?

— Vejo o mundo, senhor...

— Olha mais!...

— Vejo campos, vejo serras, vejo nuvens no céu, bois pastando nos campos...

— Olha mais!

— Olha bem... bem!

— Nada mais vejo, senhor!

— Como queres que te mostre o caminho da felicidade, se é isso apenas o que vês?” (Mahdi Fezzan).

* * *

Trechos de Rui Barbosa, para serem lidos em voz alta e depois analisados, segundo as regras de retórica já expostas:

SURREXIT

“Ressurgir! Tôda a doçura e todo o vigor da fé se resumem nesta palavra. É a flor do Calvário, a flor da cruz. O tremendo horror daquele martírio tenebroso de-

saboteia neste sorriso e a humanidade renasce todos os anos a esse raio de bondade, como a formosura da terra à alegria indizível da manhã, o prelúdio do sol, o grande benfeitor das coisas. O homem, cercado pela morte de todos os lados, não podia conceber este ideal de eternidade, se não fôsse por uma réstea do seu mistério radiante, divinamente revelado às criaturas.

Nossos sonhos não inventam: variam apenas os elementos da experiência, as formas da natureza. Tem a fantasia dos viventes apenas uma palheta: a das tintas, que o espetáculo do universo lhes imprime na retina. E, no universo, tudo cai, tudo passa, tudo se esvai, tudo finda. Nesse desbotar, nesse perecer de tudo, não havia o matiz, de que se debuxou um dia, na consciência humana, o horizonte da ressurreição.

Ressurgir! Digam aqueles que têm amado, e sentiram a sombra da agonia projetar-se no semblante de um ente estremecido, qual a impressão que lhes traspassava o seio nesses momentos da infinita amargura. Digam os que fecharam os olhos a seus pais, a seus filhos, as suas espôsas. Digam os que já viram apagar numa cabeça inclinada para a terra a beleza, o gênio, o heroísmo, ou o amor. Digam os que assistiram, regelados, ao assentar da última pedra sobre o ataúde de um coração, pelo qual dariam o seu. Digam que outra é, nesses transes, a vibração do peito despedaçado, senão esta: o sentimento da perda irrevogável. Quem, senão Deus mesmo, nesse sossôbro final de tôdas as esperanças, poderia evocar do abismo taciturno, onde só se ouve o cair da terra sobre os mortos esta alegoria, este alvorôço, este azul, esta irradiação resplandecente, este dia infinito, a ressurreição?

Ressurgir! Deus nosso, tu só poderias ser o poeta dêsse cântico, mais maravilhoso que a criação inteira: só tu poderias extrair da angústia do Getsêmani e das torturas do Gólgota a placidez, a transparência, a segurança dêste consólo, dos teus espinhos esta suavidade, de teus cravos carícia, da mirra amarga este favo, do teu abandono este amparo supremo, do teu sangue vertido a reconciliação com o sofrimento, a intuição das virtudes benfazejas da dor, o prazer inefável da clemência, divino sabor da caridade, a prelibação da tua presença nesta alvorada, o paraíso da ressurreição.

Ressurgir! Tu ressurges todos os dias, com a mesma periodicidade, com que se renovam os teus benefícios e as magnificências da tua obra. Nega-te a nossa maldade. Nega-te a nossa presunção. Nega-te a nossa ignorância. Nega-te o nosso saber. Mas de cada negação te reergues, deixando vazios os argumentos, que te negavam, como o túmulo, onde dormiste outrora um momento para reviver dentre os finados. Entre o termo de um século assombroso e o comêço de um século impenetrável, essa ciência, que te pretende remover para o domínio das lendas, surpreende-se agora deslumbrada na região do maravilhoso, onde se parecem tocar as coisas da terra com as do céu, em pleno amanhecer de uma criação nova, sobre a qual pairas, como palavras no princípio dos tempos, e de cujo caos, decifrando os problemas humanos, emergirá outra vez a tua palavra, dardejando es plena ressurreição.

Ressurgir! Senhor, por que nos deste uma língua tão pobre na gratidão? Todos os que já descemos a segunda vertente da vida, e deixando de nós ao gênero humano os frutos vivos, que nos deste, somos levados hoje a pensar no que seria a passagem da terra para aqueles a quem ainda não tinha dado na tua a imagem da nossa ressurreição.

Iam-se os homens então como as folhas secas das árvores, precedendo-se, seguindo-se uns aos outros na continuidade estéril da queda, no irremediável do seu termo, silencioso. Os pais geravam para a morte, as mães acalentavam para o túmulo. Bem haja o sacrifício e a crença daquele que nos resgatou dêste sombrio destino a paternidade, e nos permite hoje a bem-aventurança de beijarmos nossos filhos, na certeza de os havermos criado para a vida nova, a tua ressurreição.

Assim, Senhor, quisesse ressurgir em ti os povos, que te não crêem. A êsses em vão procuramos dar com o aparato dos códigos humanos a lei, a ordem, a liberdade. Sua sorte é extinguirem-se, porque não tiveram fé, e não sentem a religião do RESSURGIDO, que não é só evangelho das almas regeneradas, mas a boa-nova das nações fortes. Essas absorverão a terra a bem do gênero hu-

mano, enquanto as outras acabarão como raças de passagem. E por sobre o futuro, que há de ser a tua glorificação, na voz das criaturas e dos céus, se ouvirão para sempre as hosanas do teu triunfo: Ressurgiu!”

A CORAGEM

“Quem admira a coragem nos bárbaros, a coragem na selvageria, a coragem na crueldade? O heroísmo não está na embriaguez impulsiva da cegueira diante dos perigos: está na indiferença diante da morte pela verdade, pela liberdade, pela honra, pelo bem.

O desinteresse, a abnegação, o sacrifício, levado até o extremo da renúncia à vida, pelas causas puras e benfazejas: eis a coragem nacional. Como a pátria encarna, em geral, para o coração do homem, a síntese dessas causas, expressão da honra na família, da liberdade nas leis, da verdade na instrução, do bem no conjunto dêesses tesouros, o soldado ativa na nossa admiração como o símbolo dessas virtudes convertidas em profissão habitual: a força humanizada pela sujeição ao dever, pelo desprezo, pelo culto da felicidade comum. Emancipai-a dêesses freios, tirai-lhe essa generosidade, retrocedei-a ao domínio dos instintos bravios: já não é força animada pela consciência: é apenas a animalidade armada.

Desassombro em fulminar ou em padecer a cessação da vida, tudo pode ser coragem. Mas, de coragem a coragem, entre a de morrer e a de matar, qual será, senhores, a coragem humana? A coragem de matar é a do bruto, a do louco, a do criminoso. A coragem de morrer é a do soldado, mas é também a do missionário, a do juiz, a do advogado.

Não sei em que balança as pesáramos, a ver qual delas reúne mais quilates: se a coragem do homem de guerra, a coragem do homem da verdade, ou a coragem do homem da lei. Uns elegerão a do amor da pátria, outros a da ciência ou da santidade, outros, ainda, a da justiça. Todos têm em comum, entre si, uma divina afinidade: a imolação voluntária do homem pela sua raça,

pela sua fé, ou pelo seu ideal. Eis o que desbrutaliza a guerra, o que legitima o soldado, o que nobilita a espada, mas, ao mesmo tempo, o que eleva a coragem civil à altura da coragem militar, menos rara do que a outra”.

* * *

A PAIXÃO DA VERDADE

“A paixão da verdade assemelha, por vêzes, às cachoeiras da serra. Aquêles borbotões d’água, que rebentam e espadanam, marulhando, eram, pouco atrás, o regato que serpeia, cantando, pela encosta, e vão ser, daí a pouco, o fio de prata que se desdobra sussurrando na esplanada. Corria, murmuroso e descuidado; encontrou o obstáculo: cresceu, afrontou-o, envolveu-o, cobriu-o, e, afinal, o transpõe, desfazendo-se em pedaços de cristal e flôres de espuma. A convicção do bem, quando contrariada pelas hostilidades do êrro, do sofisma, ou do crime, é como essas catadupas da montanha. Vinha deslizando, quando topou na barreira, que se lhe atravessa no caminho. Então remoinhou arrebatada, ferveu, avultando, empinou-se, e agora brame na voz do orador, arrebatada-lhe em rajadas a palavra, sacode, estremece a tribuna, e despenha-se-lhe em tórno, borbulhando.

Mas o que ela contém, e a impele, e a revolta, não é cólera, não é destruição, não é maldade: é o poder no pensamento, a vibração da fé, a energia motriz das almas, êsse fluido impalpável que se transporta nas ondas invisíveis do ambiente, e vai, por outras regiões, arder nos espíritos, fulgurar nas trevas humanas, abalar vontades, agitar indivíduos e povos, reanimados ao seu contacto, como os mais maravilhosos instrumentos da indústria, os teares, as forjas, os estaleiros, acordam ao influxo dessa eletricidade silenciosamente bebida, léguas e léguas daí, por um fio de cobre aéreo, nas quedas sonoras do rio. Enquanto, porém, essa transmissão imperceptível opera ao longe maravilhas, renovando a actividade às civilizações, derramando vida pela superfície da terra, a correteza precipitada, que acabou de criar à distância essas descargas de grande força volve, pouco adiante ao remanso ordinário do seu curso, perdendo-se entre as defesas do monte e as alfombras da pradaria.

As revoltas da consciência contra as más causas, ainda contra as piores, não azedam um coração desinteressado. O meu tem atravessado as maiores procelas políticas, às vèzes sossobrado, ferido, sangrando no entusiasmo e na esperança, mas sem fel. Não seria êste novo encontro, embora duro e violento, com a mentira política, a velha corruptora dos nossos costumes, a sabida arruaceira das cercanias do poder, a pimpona fixadora do grande mercado, que me induzisse a esquecer, para com as pobres criaturas por ela contaminadas, a lição divina da caridade. Antes de político me prezo de ser cristão. Não sei odiar os homens, por mais que dêles me desiluda. O mal é inexorável, pela consciência de ser caduco. O bem, paciente e compassivo, pela certeza da sua eternidade" (1).

(1) Outros exercícios, que sucederão a êstes, tornando mais apto o estudioso da oratória, estão compendiados em nosso livro «Técnica do Discurso Moderno».

VOCABULÁRIO

PARA O DOMÍNIO DAS PALAVRAS E DAS IDÉIAS

Um dos maiores problemas de quem redige é o vocabulário. A grande maioria dispõe de um vocabulário rudimentar, insuficiente para a plena manifestação das idéias. O orador, o escritor, que não têm pleno domínio de um vasto vocabulário, estão naturalmente impedidos, restringidos portanto, na manifestação do seu pensamento. Para aumentar as associações de idéias e enriquecer o vocabulário, oferecemos êste, que nos mostra os termos mais convenientes, bem como, por sua parte, permite que as próprias palavras sugerem idéias. Êsse método simples e imensamente útil pode ser ampliado pelo leitor, com o simples uso de um dicionário. De posse do mesmo, pode ler as palavras que encontrar, procurando associar-lhe tôdas as idéias que lhe possam surgir.

A simples leitura do que se segue mostrará de maneira clara como empregar êsse método de grandes vantagens práticas.

Deve o leitor ler sempre em voz alta, para gravar melhor na memória e estimular a ação associativa da mente. Dessa forma, aumentará sua capacidade de coordenação, desenvolvendo a imaginação criadora, o que permitirá o domínio das palavras para a expressão das idéias, sempre que o queira.

Aproveitando-se do vocabulário que damos a seguir, pode o leitor fazer o seguinte exercício: tomar o substantivo e inclusive os verbos correspondentes e adjectivos e, com êles, formar frases, quer escritas ou faladas. Exemplifiquemos com a palavra **conhecimento**. Neste caso, deve formar frases em analogia com as seguintes: "Travei conhecimento com uma pessoa de valor. Trata-se de um sábio, possuidor de um extenso, de um vasto e profundo conhecimento. Minhas relações com êle, permitiram-se adquirisse conhecimentos vários que êle me inculcou e felizmente os assimilei".

Outro exemplo: o substantivo **conquista**. "Empreendeu César uma importante e vasta conquista. Fortaleceu-a e solidificou-a".

Construa o leitor frases, usando as sugestões do vocabulário, com os substantivos. Este exercício o familiarizará com as palavras que, depois, sobrevirão fáceis, quando delas precisar para revestir suas idéias e pensamentos.

A

Abatimento — Cair num abatimento. Ser tomado pelo abatimento. Vencer, dominar um abatimento.

Abelha — A abelha voa, volteja, enxameia, funda uma colmeia. É diligente, trabalhadora, incansável. Produz o mel.

Abismo — Abrir, cavar, excavar, penetrar, aprofundar, acumular, entulhar, saltar um abismo. Um abismo é profundo, pavoroso, imenso, insondável, inflanqueável, tremendo. Um abismo de erudição, de perversidades.

Abrigo — Ocultar-se, esconder-se; construir um abrigo; procurar, encontrar, descobrir um abrigo. Um abrigo seguro, involável, inexpugnável, invulnerável, precário.

Abuso — Cometer, engendrar, reprimir, extirpar, provocar um abuso. Denunciar um abuso. Protestar contra um abuso. Prestar-se a abusos: dar lugar a abusos. Um abuso imperdoável, revoltante, inqualificável, indecoroso, pernicioso. Um abuso gritante, revoltante, imperdoável. Abuso de confiança, de honestidade.

Ação — Conduzir, realizar, cometer, produzir, exercer, intentar, neutralizar, paralisar uma ação. Uma ação boa, má, repreensível, iníqua, grandiosa, vil, eficaz, absurda, nobre, indigna.

Acaso — Entregar-se ao acaso, deixar-se ir ao acaso. Um acaso feliz, infeliz, providencial, caprichoso, inesperado, excepcional.

Acidente — Provocar, suscitar, deplorar, registrar, evitar, conjurar um acidente. Ser vítima de um acidente; ser causa de um acidente. Um acidente grave, mortal, terrível, leve, infeliz.

Acolhimento — Dar, negar, receber acolhimento. Um acolhimento alegre, entusiasta, cordial, afável, amável, memorável, frio, quente, glacial, cerimonioso, rebarbativo, grandioso.

Acontecimento — Prever, enfrentar um acontecimento. Um acontecimento se dá, produz-se, sobrevém, realiza-se. Um acontecimento grave, feliz, infeliz, desagradável, importante, memorável, imprevisto, imprevisível, fatal, inelutável.

Acôrdio — Realizar, concluir, romper, aceitar, denunciar, ratificar um acôrdio. Chegar a um acôrdio. Evitar um acôrdio. Um acôrdio pode ser passageiro, harmonioso, durável, formal, tácito, expresso, integral, parcial, unânime, completo, secreto, temporário, provisório, definitivo, ilusório. Estar de acôrdio com alguma coisa.

Acusação — Langar, articular, precisar, formular uma acusação. Reiterar, renovar uma acusação. Dar lugar a uma acusação. Revelar, desdenhar, desprezar uma acusação. Uma acusação pesa sôbre alguém. Ser vítima de uma acusação. Uma acusação formal, grave, imprecisa, fundada, falsa, infame, caluniosa, precisa, etc.

Acusado — O juiz ouve, interroga, identifica, condena o acusado.

Adeus — Dizer adeus, dar adeus. Um adeus tocante, emocionante, fúnebre.

Administração — Confiar uma administração, ter as rédeas da administração. Uma administração competente, severa, prudente, íntegra, honesta, eficiente.

Admiração — Impor, forçar, arrebatado, sentir a admiração. Ser objecto de admiração. Uma admiração geral, profunda, universal.

Adversário — Combater, atacar, vencer, enfrentar, abordar, abater o adversário. Lançar-se sôbre o adversário. Dois adversários se enfrentam, lutam, rivalizam, se medem, se experimentam, se chocam. Um adversário à altura. Um adversário ferrenho, decidido, declarado, franco, nobre, leal, rude, astucioso, desleal.

Afronta — Sofrer, infringir, experimentar, suportar, receber, vingar, lavar, engolir uma afronta. Repelir uma afronta. Uma afronta cruel, vergonhosa, sangüinolenta, sangrenta.

Agradecimento — Endereçar, apresentar, oferecer, exprimir, formular, receber agradecimentos. Agradecimentos vivos, sinceros, calorosos, antecipados, tardios.

Água — Captar, filtrar, purificar, perturbar, turbar, poluir, tirar, aspergir, clarificar a água. Embeber água. A água corre, aflora, mata a sede, infiltra-se, insinua-se, esgota-se, submerge, invade, afluí, estagna, dorme, turbilhona, redemoinha.

Ajuda — Implorar, reclamar, pedir, trazer, invocar, dar, prestar ajuda. Vir em ajuda. Recusar ajuda. Uma ajuda preciosa, esperada, inesperada, eficaz, fraca, mútua.

Alegria — Causar, provocar, experimentar, sentir, manifestar, mostrar, testemunhar alegria. Ser invadido, tomado, avassalado, arrebatado pela alegria. Entregar-se à alegria. Uma alegria emerge, comunica-se. Uma grande, ardente, extrema, viva, louca, extática, inefável, indizível, indescriptível, íntima, austera, delirante, excessiva, maligna, cruel, legítima, comunicativa.

Alusão — Lançar uma alusão, fazer alusão. Uma alusão clara, transparente, discreta, pérfida, indireta, velada.

Alternativa — Abrir uma alternativa. Não ter outra alternativa. Colocar-se numa alternativa. Uma alternativa embaraçante, trágica, terrível, cruel.

Amigo — Possuir, ter um amigo, contar com amigos; reconciliar-se com um amigo. Amigo íntimo, benévolo, benigno, favorável, verdadeiro, fiel, fervoroso, falso, inseparável. Um amigo de verdade.

Amizade — Devotar, sentir, manifestar, votar, testemunhar, significar, conservar, manter, cimentar, fortalecer, selar, romper uma amizade. Uma amizadeterna, viva, quente, apaixonada, preciosa, indissolúvel, constante. Adquirir amizades.

- Amor** — Um amor paternal, filial, terno, platônico, cego, carinhoso, perdido, eterno, profundo, brando, excessivo, fiel.
- Analogia** — Apresentar, oferecer, estabelecer, demonstrar, provar a analogia. Uma analogia evidente, curiosa, perfeita, completa. Argumentar por analogias.
- Análise** — Proceder uma análise. Uma análise revela, demonstra, prova, estabelece. Uma análise cuidadosa, circunstanciada, superficial, penetrante, sutil, minuciosa, química, transcendente.
- Animosidade** — Separados por uma animosidade. Uma vida de animosidade. Dissipar uma animosidade.
- Aniversário** — Celebrar, comemorar, festejar, anunciar. Um aniversário glorioso, alegre, feliz, doloroso.
- Ano** — Atingir um certo número de anos, contar, alcançar um certo número. Um ano passa, decorre.
- Anonimato** — Guardar, conservar o anonimato. Esconder-se atrás do anonimato.
- Aparências** — Fiar-se nas aparências. Evitar as aparências. Desconfiar das aparências. Salvar as aparências, revestir, cobrir as aparências. Aparências enganadoras, falsas, falaciosas, ilusórias. Encobrir, disfarçar, salvar as aparências. Aparência de santo.
- Apêlo** — Lançar, escutar, dirigir, atender um apêlo. Responder a um apêlo desesperado, agudo, exigente, comovedor, impressionante. Fazer apêlo aos sentimentos.
- Apetite** — Possuir, despertar, aguçar, excitar, satisfazer, refrear o apetite. Um apetite de glutão. Um apetite insaciável, pantagruélico, voraz, feroz, canino.
- Aplausos** — Aceitar aplausos, agradecer, merecer, provocar, atrair aplausos. Rompem, elevam-se, surgem os aplausos. Uma torrente, uma seqüência de aplausos. Aplausos entusiastas, prolongados, calorosos, vigorosos, fracos, indecisos, frenéticos, quentes.
- Aprovação** — Submeter-se a uma aprovação, propor uma aprovação. Testemunhar, mostrar, manifestar, obter, receber, solicitar, recusar aprovação. Uma aprovação formal, expressa, tácita, unânime, condicional, manifesta, decidida.

- Ar** — Respirar, aspirar, tomar ar. Exalar certo ar. Empestar, purificar, envenenar, infectar o ar. Um ar puro, são, sereno, salubre, glacial, frio, deletério, infectado, miasmático, mefítico, inflamável, impuro, empestado. Alimenta-se do ar. Pôr ao ar. Ar encanado.
- Ardor** — Testemunhar, manifestar, mostrar ardor. Moderar o ardor. Um ardor juvenil, moderado, expressivo, febril.
- Argumento** — Apresentar, opor, fornecer, objectar, fazer valer, recusar, destruir. Um argumento convincente, prova, demonstra, estabelece. Um argumento trivial, negativo, falso, triunfante, irrefutável, peremptório, decisivo, sutil, falacioso, sofisticado, invencível, capcioso, refutável, infeliz, sólido, concludente.
- Arte** — Votar-se, entregar-se a uma arte. Exercer uma arte. Um mecenas, um encorajador, um estimulador, um apreciador da arte. Arte sutil, musical, poética, pictórica, plástica, liberal, coreográfica, gráfica, mecânica. As belas-artes.
- Artigo** (de jornal) — Escrever, redigir, publicar, inserir, transcrever. Consagrar um artigo a qualquer coisa. Um artigo notável, sensacional, curioso, laudativo, claro, ditirâmico, necrológico, suspeito. Artigo de fundo.
- Ascensão** — Tentar, arriscar, fazer uma ascensão. Uma ascensão perigosa, temerária, movimentada, audaciosa.
- Aspecto** — Tomar, mostrar, oferecer, revestir um certo aspecto. Aparecer, entrever, revelar um certo aspecto. Um aspecto inesperado, novo, inusitado, habitual, grandioso, maravilhoso, magnífico, insuspeitado, encantador, terrífico, grotesco, alegre, lastimoso.
- Assalto** — Dar um assalto, levar a efeito um assalto, tentar, repelir um assalto. Lançar-se ao assalto, um assalto inesperado, repetido, decisivo, reiterado, múltiplo, vão, ineficaz, inútil.
- Assembléia** — Convocar, abrir, dissolver uma assembléia. Manter, exortar. Uma assembléia hostil, simpática, antipática, vulgar, atenta, entusiasta, compreensiva, calma.

Assistência — Pedir, prestar. Dar assistência, acorrer em assistência de... Uma assistência tranqüila, inquieta, numerosa.

Associação — Fundar, constituir, dissolver, romper, formar uma associação. Constituir-se em associação. Uma associação efêmera, durável, política, literária, científica, comercial.

Ataque — Empreender, sofrer, lançar, tentar, concertar, quebrar, reprimir, sofrer um ataque. Ser vítima de..., ser objecto de um ataque. Um ataque brusco, inesperado, terrível, violento, irresistível, imprevisto, brutal, iminente, virulento, pérfido, covarde, inqualificável, infame.

Atenção — Atrair, despertar, excitar, absorver, reter, fixar, captivar, distrair a atenção. Fixar, concentrar, levar, desviar, solicitar sua atenção. Redobrar a atenção. Despertar, fixar, desviar a atenção. Uma atenção viva, fixa, particular, intensa, minuciosa, meticulosa, escrupulosa, concentrada, dispersa, delicada, cuidadosa.

Atitude — Adotar, tomar, guardar, observar uma atitude. Modificar, justificar, defender sua atitude. Impor sua atitude. Uma atitude súbita, humilde, expressiva, enérgica, suspeita, hostil, arrogante, altiva, elevada, digna, religiosa, hipócrita, enganadora.

Audácia — Mostrar, manifestar, testemunhar uma audácia. Dar provas de audácia. Uma audácia temerária, louca, inaudita, excessiva, incrível, infernal, atrevida, demasiada.

Audiência — Dar, conceder, recusar, solicitar uma audiência. Receber em audiência. Uma audiência pública, solene, privada.

Ausência — Verificar, notar, deplorar, assinalar, desculpar uma ausência. Suprir a ausência de alguém, de alguma coisa. Uma ausência insólita, incompreensível, demorada, inquietante, curta, prolongada, chorada, sofrida, desejada.

Aventura — Tentar, correr, contar, narrar uma aventura. Lançar-se numa aventura. Sofrer, arrostar uma aventura. Arriscar-se a uma aventura. Precipitar-se numa aventura. Procurar uma aventura. Uma aventura pe-

rigosa, banal, agradável, alegre, épica, heróica, terrível, estranha, curiosa, incrível, inaudita, inesquecível, extraordinária, extravagante, inoportuna, sobrenatural, fantástica.

Aviso — Dar, receber, participar, formular, esquecer, lembrar, comunicar. Um aviso importante. Um aviso desfavorável, oficial, contraditório, admoestador, confidente, cauteloso.

B

Base — Servir de base, derrocar, minar as bases, apoiar-se sobre bases. Bases sólidas, frágeis, estáveis, instáveis, móveis, aleatórias, inderrocáveis, incontestáveis.

Batalha — Empenhar-se numa batalha. Travar-se uma batalha. Marchar para uma batalha. Uma batalha decisiva, sangrenta, indecisa, encarniçada.

Beleza — Ter beleza. Ser dotado de beleza. Uma beleza rara, encantadora, ideal, adorável, incomparável, inimitável, marmórea, fria, magistral, única, divina.

Brutalidade — Fazer, dar provas de brutalidade. Mostrar brutalidade. Tratar com brutalidade. Brutalidades que revoltam. Brutalidades odiosas, revoltantes.

C

Calma — Guardar, conservar, perder, impor, mostrar, exhibir calma. A calma renasce, restabelece-se. Uma calma absoluta, profunda, imperturbável, aparente, enganadora, tranqüila, serena.

Caminho — Escolher, tomar, seguir, deixar, barrar, obstruir, bloquear, abrir, traçar, indicar, mostrar, aplainar, atravessar um caminho, praticável, impraticável, deserto, escarpado, freqüentado, recto, principal, transversal, florido, pedregoso, amargo.

Campanha — Empreender, tentar, seguir, realizar, desencadear uma campanha. Uma campanha ativa abominável, infame, odiosa, inqualificável, ardente, nobre, digna, extraordinária, louvável, vitoriosa.

Canto — Executar, entoar, modular, psalmodiar, murmurar, elevar um canto. Um canto melodioso, harmonioso, dolente, matizado, inspirado, sedicioso, belicoso, báquico, patriótico, religioso.

Caráter — Possuir, alterar, formar, construir um caráter. Falta de caráter. Um caráter que se humaniza, se amansa, se endurece. Um caráter bom, amável, servil, ameno, submisso, íntegro, aberto, amigo, rebelde, corajoso, expansivo, plácido, enérgico, imperioso, bélico, autoritário, fechado, moroso, pesado, atrabiliário, feroz, mole, lunático, pusilânime, irascível, indomável, inflexível, intratável, cauteloso, meticuloso, minucioso, hesitante, fraco, nobre, falso, traiçoeiro, vigoroso.

Carga — Levar, suportar uma carga. Ceder, sucumbir sob uma carga. Uma carga pesa, oprime, aniquila, abate. Uma carga leve, pesada, ínfima, excessiva, imensa.

Castigo — Sofrer, receber, infligir, merecer, dar, levar um castigo. Incorrer em castigo. Ameaçar um castigo. Um castigo exemplar, meritório, terrível, cruel, merecido, imerecido.

Causa — Defender, sustentar, servir, ganhar, perder, prejudicar uma causa. Uma causa insustentável, indefensável, pendente, defensável, nobre, sublime, justa, lícita, ilícita. Estabelecer, procurar, determinar as causas de alguma causa. Uma causa direta, clara, profunda, oculta, essencial, presumida, suprema, primária, secundária, obscura, indeterminada, intrínseca, razoável, importante.

Celebração — Proceder a uma celebração. Celebrar uma cerimônia. Celebrar uma data. Teve uma celebração.

Celebridade — Adquirir, conquistar, ganhar a celebridade. Celebridade universal, mundial, justificada.

Cerimônia — Abrir, fechar uma cerimônia. Teve lugar uma cerimônia. Cerimônia comemorativa, tocante, civil, fastidiosa.

Certificado — Exigir certificado. Munir-se de um certificado. Certificado elogioso, bom.

Céu — Invocar, implorar, pedir, rogar ao céu. Ganhar o céu. Tomar o céu como testemunha. Contemplar o céu. Um céu sereno, pesado, claro, clemente, límpido, nevoento, temperado, crepuscular, nublado, ensombreado. Estar no sétimo céu. Castigo do céu. Caído do céu. Vir do céu.

Chefe — Nomear, repudiar, eleger, aceitar um chefe. Reconhecer, aceitar por chefe. Um chefe autocrático, tirano, benevolente, despótico, atrabiliário, estimado, admirado, invejado.

Chuva — A chuva cai, ameaça, cessa, recomeça, contraria. Chuva fina, mansa, fria, torrencial, abundante, diluviana, batida, forte.

Cimo — Atingir, alcançar, escalar os cimos. O cimo domina, coroa. Um cimo altaneiro, inviolado, acessível, escarpado, infranqueável, alto, elevado, abrupto.

Circunstância — Relatar, determinar, elucidar, circunstâncias. Aproveitar as circunstâncias. Defender, acordar, recusar as circunstâncias atenuantes. Beneficiar-se das circunstâncias atenuantes. Circunstâncias agravantes, favoráveis, propícias.

Citação — A citação tem lugar... Fazer citação. Uma citação textual, falsa, autêntica.

Ciúme — Conceber, experimentar, suscitar, causar, provocar ciúme. Um ciúme cego, avassalante, dominador.

Civilização — Possuir, polir, reformar, implantar, requintar, fazer progredir a civilização. Uma civilização antiga, moderna, atual, avançada, requintada.

Cláusula — Inserir, violar, respeitar, infringir uma cláusula. Uma cláusula declara, prevê, significa alguma coisa. Uma cláusula legal, ilegal, abrogatória, derogatória, cominatória.

Coincidência — Coincidência pura, fortuita, curiosa, eloqüente, simples.

Colaborador — Possuir, conseguir um colaborador. Cercar-se de colaboradores. Um colaborador imediato, eminente, íntimo.

Cólera — Suscitar, excitar, alimentar, provocar, apaziguar, simular, conter, encorajar, calmar uma cólera. Abrandar a cólera. Dominar a cólera. Vencer a cólera.

- **Combate** — Sustentar, empreender, aceitar, provocar um combate. Um combate, violento, desigual, encarniçado, sangrento, áspero, épico, homérico, selvagem, sacrílego, singular.
- **Combinação** — Propor, conceber, descobrir, inventar, maquinar uma combinação. Uma combinação difícil, improdutiva, prejudicial.
- **Comentário** — Apresentar, oferecer comentários. Cercar de comentários. Um comentário supérfluo, parcial, judicioso, capcioso.
- **Comparação** — Estabelecer uma comparação. Temer a comparação. Uma comparação justa, fundada, falha.
- **Competência** — Testemunhar, manifestar complacência. Uma complacência vil, culpada.
- **Complacência** — Testemunhar, manifestar complacência. Uma complacência vil, culpada.
- **Concessão** — Acordar, recusar, dar uma concessão. Concessões recíprocas, mútuas.
- **Conclusão** — Tirar, induzir, adotar, redigir, repelir uma conclusão. Atingir a uma conclusão. Uma conclusão que se impõe. Uma conclusão ilógica, prática, rigorosa, inesperada.
- **Concorrência** — Sofrer, desafiar, temer a concorrência. Uma concorrência leal, desleal, encarniçada, honesta, desonesta.
- **Condenação** — Sofrer, infringir, pronunciar, evitar uma condenação. Uma condenação explícita, severa, dura.
- **Condição** — Impor, estabelecer, propor condições. Regular condições. Uma condição vantajosa, favorável, desfavorável, dura, draconiana, odiosa, onerosa, arbitrária, tácita, expressa, formal, exorbitante, exagerada.
- **Conduta** — Aprovar, louvar, criticar, estigmatizar, adorar uma conduta. Uma conduta que surpreende, escandaliza, edifica, indigna. Uma conduta louvável, enigmática, artificiosa, exemplar, irrepreensível, desleal, escandalosa.
- **Conferência** — Fazer, organizar, dar, escutar, ouvir uma conferência.

- **Conferencista** — Ouvir, escutar, apresentar um conferencista. Um conferencista fala, toma da palavra, disserta, discorre. Um conferencista eloquente, prolixo, erudito, eminente, agradável.
- **Confiança** — Recusar, inspirar, possuir, ganhar, perder, retirar, abalar, captar a confiança. Colocar sua confiança em alguma coisa. Abusar da confiança. Uma confiança limitada, ilimitada, integral, relativa, absoluta.
- **Conflito** — Provocar, causar, suscitar, evitar, acalmar, criar um conflito. Um conflito produz-se, generaliza-se, estende-se, agrava-se. Um conflito latente, irremediável, iminente.
- **Confusão** — Pôr, causar, provocar a confusão. Uma confusão completa, absoluta, extrema.
- **Conhecimento** — Fazer, travar conhecimento; um amplo conhecimento (científico). Inculcar, adquirir, assimilar, possuir, estender, aprofundar um ou vários conhecimentos. Um conhecimento vasto, profundo, extenso, superficial.
- **Conquista** — Empreender, experimentar, tentar, tender, fortalecer, engrandecer uma conquista. Uma rápida, importante, pacífica, vasta, sólida conquista.
- **Consciência** — Libertar, perturbar, escutar, ulcerar sua consciência. Possuir uma consciência. Transigir com a sua consciência. Resistir com consciência. A consciência cede, capitula. Uma consciência íntegra, escrupulosa, recta, elástica, tranquila, timorata, ampla.
- **Conselho** — Dar, dirigir, seguir, repelir ou escutar um ou mais conselhos. Um conselho sábio, apressado, insidioso, interessado, desinteressado.
- **Conseqüência** — Desenvolver, medir, deduzir, sofrer, suportar, evitar, pesar, comportar, eludir, temer uma ou mais conseqüências. Uma conseqüência infeliz, irremediável, ineluctável, funesta, desagradável, incalculável, necessária, forçada, suprema, última.
- **Consideração** (como pensamento) — Emitir, fazer valer, formular considerações. Entregar-se a certas consi-

derações. Apoiar-se em considerações. Abundam as considerações. Considerações múltiplas, vagas, sérias.

Consolação — Oferecer, receber, recusar, apresentar consolações. Consolações cordiais, banais.

Constituição (lei) — Fixar, elaborar, votar, estabelecer, respeitar, violar, revisar, promulgar uma constituição.

Contacto — Tomar, perder contacto. Manter, perder, guardar o contacto. Entrar em contacto. Aumentar os contactos. Um contacto íntimo, intermitente, permanente.

Contorno — Traçar, seguir, delinear um contorno. Um contorno se atenua, esfuma-se, distingue-se, recorta-se. Um contorno claro, nítido, preciso.

Contradição — Descobrir, verificar, sublimar, ver, notar, perceber uma contradição. Surge uma contradição. Uma contradição formal, visível, patente, evidente, certa.

Contraste — Estabelecer, formar um contraste. Um contraste frisante, curioso, estranho.

Contracto — Passar, concluir, redigir, assinar, ratificar, denunciar, romper um contracto. Prender-se a um contracto. Um contracto estipula, prevê certas cláusulas. Cláusulas, disposições, artigos, parágrafos de um contracto. Um contracto em boa e devida forma. Um contracto tácito, formal, verbal, escrito, unilateral, bilateral, nulo, válido, legal, ilegal.

Conversação — Manter, reanimar, seguir, romper, sustentar uma conversação. Tomar parte, participar de, manter-se numa conversação. A conversação prossegue, estabelece-se, enlanguesce. A conversação é animada, calma, longa, curta, breve, viva, morna, espiritual, banal.

Convicção — Experimentar, sentir, adquirir, proclamar, esposar, socavar, destruir, abjurar, renegar uma convicção. Fortalecer-se, firmar-se numa convicção. Uma convicção nasce, forma-se, estabelece-se. Uma convicção, firme, enraizada, inabalável, íntima.

Coração — Tocar, enternecer, entristecer, emocionar, partir, ferir, ulcerar, oprimir um coração. Devotar, oferecer seu coração. O coração bate, palpita, transborda, desfalece, chora, enternece-se, entristece-se, rejubila-se, hipertrofia-se. Um coração mau, duro, cruel, bom, magnânimo, bondoso, humano.

Côr — Cobrir, recobrir de côr. Alterar, fundir, amalgamar, reunir côres. A côr altera-se, degrada-se. Uma côr bela, alegre, admirável, opalina, cantante, gritante, terna, glauca, alterável, irisada.

Corpo — Um corpo opaco, transparente, translúcido, diáfano, espesso, leve, pesado, grande, pequeno.

Cortejo — Seguir um cortejo. Tomar parte num cortejo. Reunir-se a um cortejo. Participar de um cortejo. Um cortejo imponente, fúnebre, silencioso, ruído.

Costume — Perpetuar, continuar, romper um costume. Obedecer, conformar-se ao costume. Um costume ancestral, vetusto, velho, antigo, recente, imemorable, desusado, local, regional, geral, particular.

Coragem — Tomar, retomar, ter coragem. Animar, reafirmar, inflamar, excitar a coragem. Armar-se de coragem. Trabalhar, sofrer com coragem. A coragem cede, enfraquece, titubeia, amolece-se, reafirma-se, sobreleva-se, reanima-se. Uma grande, admirável, maravilhosa, indomável, sobre-humana, intrépida, indecisa coragem.

Corrente — Subir, descer a corrente. Resistir à corrente. Lutar contra a corrente. Andar ao corrente, estar ao corrente. A corrente do tempo, corrente elétrica, marítima, de ar. Isto é corrente. Uma violenta, fraca, forte, irresistível, impetuosa corrente.

Curso — Remontar, interromper, desviar um curso. Dar curso a uma coisa. O curso dos anos, das idéias. Um curso sinuoso, recto, rápido, lento, rectilíneo, harmônico, forçado. Seguir um curso, dar um curso. Ser assíduo, atento a um curso.

Criança — Pôr no mundo, aleitar, amamentar, cuidar, acarinhar, amar, adorar, idolatrar, perverter, martirizar, maltratar, embalar uma criança. A criança nasce, cresce, desenvolve-se. Brincadeira de criança; ser cri-

ança. Criança legítima, natural, adulterina, bastarda, póstuma, desnaturada, ingrata, grata, rebelde, dócil, indócil, obediente, desobediente, petulante, fraca, raquítica, robusta, bela.

Crime — Cometer, realizar, perpetrar, premeditar, meditar, espiar, punir, castigar, reprimir um crime. Crime contra a natureza, crime de estado, crime político, crime capital. Um crime atroz, odioso, inqualificável, terrível, horrendo.

Crise — Abrir, desencadear, provocar, causar, suscitar, evitar, vencer, suplantar, agravar, atenuar, resolver uma crise. Debater-se numa crise. Uma crise cresce, decresce, aumenta, diminui, reina, desola, abre-se, atenua-se, resolve-se. Uma crise grave, aguda, amarga, terrível, atroz, angustiante, leve, curta, temporária, perpétua, endêmica, provisória, passageira, efêmera, longa, financeira, política, ministerial, angustiante.

Crítica — Endereçar, elevar, lançar, formular, formar, dirigir, exagerar, provocar, suscitar uma crítica. Expor-se à crítica. Escrever uma crítica. Ter crítica. Ser criticado. Uma crítica benevolente, excessiva, maldosa, exagerada, virulenta, acerba, incisiva, anódina, venenosa, condescendente, minuciosa, meticulosa, pormenorizada, parcial, imparcial, subtil, perfeita.

Crueldade — Exercer, cometer, sofrer uma crueldade. Praticar uma crueldade. Praticar crueldade. Testemunhar, mostrar, manifestar crueldade. Uma crueldade excede, indigna, revolta. Uma crueldade implacável, inaudita, requintada, terrível, inumana.

Culpabilidade — Estabelecer, provar, afirmar a culpabilidade. Negar, reconhecer, confessar sua culpabilidade. Duvidar da culpabilidade. Uma culpabilidade aparece, surge. Uma culpabilidade evidente, flagrante, indubitável.

Cumplicidade — Estabelecer, provar, confessar, negar a cumplicidade. Acusar de cumplicidade. Uma cumplicidade tácita, manifesta, direta, indireta, activa, passiva, confessa, inconfessa.

Cinismo — Testemunhar, manifestar, mostrar, exhibir um certo cinismo (sempre em sentido extenso, não no fi-

losófico). Um cinismo inaudito, incrível, odioso, revoltante. (A palavra cinismo tornou-se pejorativa em consequência de alguns filósofos cínicos, cuja moral era das mais elevadas, pregarem uma coisa e fizessem outra. Daí o termo tomar, por extensão, um sentido inverso ao da filosofia).

D

Data — Marcar, designar, fixar, afastar, diferir, avançar, recuar, comemorar uma data. Uma data se aproxima, se afasta. Uma data importante, memorável, histórica, anterior, ulterior, última, suprema, comemorativa, longínqua, afastada, esquecida, lembrada, festejada.

Decepção — Causar, provocar, experimentar, infligir, evitar uma decepção. Uma viva, cruel, amarga, profunda, grande, imensa, terrível decepção.

Decisão — Tomar, formular, propor, notificar, anunciar, executar uma decisão. Retornar à decisão anterior. Uma firme, pronta, enérgica, irrevogável decisão.

Declaração — Fazer, formular, manter, expressar, reproduzir, contradizer, prestar, confirmar, corroborar uma declaração. Associa-se a uma declaração. Uma declaração afirma, estabelece, confirma, corrobora. Uma declaração solene, emocionante, tocante, enfática, luminar, decisiva.

Descoberta — Fazer uma descoberta. Ir à descoberta. Estar à descoberta. Uma descoberta importante, sensacional, inaudita, macabra, arqueológica, geográfica, curiosa, impressionante, lastimável.

Decreto — Publicar, pronunciar, formular, promulgar, abrogar um decreto. Os termos de um decreto.

Defesa — Tomar, tentar, esboçar, apresentar, assegurar a defesa de alguém ou de alguma coisa. Encarregar-se da defesa de alguém. Uma defesa formal, expressa, absoluta, indireta.

Defeito — Verificar, notar, assinalar, deplorar um defeito. Suprimir, remediar um defeito. Um grave defeito, leve, redibitório, capital, irremediável, principal.

Delegação — Enviar uma delegação. Enviar em delegação. Receber, ouvir uma delegação. Uma delegação se apresenta, se retira.

Delicadeza — Mostrar, testemunhar, manifestar delicadeza. Exibir, dar prova de delicadeza. Uma delicadeza esquisita, requintada, admirável, infinita, rara, cativante, nobre.

Denegação — Formular, opor, manter suas denegações. Denegação de um direito. Persistir, perseverar em suas denegações. Denegações formais, violentas, enérgicas, vivas.

Desacôrdo — Provocar, causar, levar, engendrar, apressar, acentuar, precipitar, prevenir um desacôrdo. Um desacôrdo, produz-se, existe, reina. Um desacôrdo integral, absoluto, fundamental, essencial, agudo, inevitável, irredutível, manifesto, patente.

Descontentamento — Provocar, causar, suscitar, manifestar, testemunhar, assinalar um descontentamento. Agravar, dissipar um descontentamento. Um descontentamento legítimo, geral, grande.

Discussão — Manter, abrir, fechar, abordar, começar, eternizar, terminar uma discussão. Prosseguir, intervir numa discussão. Trazer à discussão. Instala-se, produz-se, surge uma discussão. Uma discussão cortês, descortês, violenta, calma, tempestuosa, bizantina, logomáquica, acadêmica, técnica, interminável, inútil.

Descrição — Dar, fornecer, redigir uma descrição. Uma descrição clara, nítida, eloqüente, manifesta, pitoresca, pormenorizada, circunstanciada, minuciosa, justa, falsa, errônea, fantasista.

Desculpas — Apresentar, formular, produzir, balbuciar, invocar, exigir, admitir, repelir desculpas. Alegar como desculpa. Humildes, vis, inaceitáveis, aceitáveis, fúteis, falaciosas, falsas, miseráveis, sérias, condicionais desculpas.

Desejo — Conceber, formar, formular, expressar, manifestar, despertar, experimentar, inspirar, prevenir, favorecer, satisfazer, exacerbar, realizar, reprimir, moderar um desejo ou desejos. Aquiescer, ceder, resistir a um desejo. Ser animado, possuído, inflamado,

penetrado de um desejo. Um desejo anima, possui, inflama, avassala. Um desejo pode ser vivo, moderado, ardente, imoderado, violento, áspero, vil, bestial, bizarro, funambulesco, insensato.

Desespêro — Cair, mergulhar, atirar-se, submergir no desespêro. Entregar-se ao desespêro, ser prêsas do desespêro. O desespêro avassala, aniquila. Um desespêro sombrio, profundo, imenso, tremendo.

Desgraça — Incorrer, cair em desgraça. Sofrer, merecer a desgraça. Uma desgraça merecida, imerecida, injusta, arbitrária, injustificada, justificada.

Desordem — Causar, provocar, semear, aumentar a desordem. Uma completa, extrema desordem.

Desprêzo — Inspirar, provocar, conceber, experimentar, engendrar, mostrar, testemunhar, manifestar, afectar desprêzo. Ser objecto de desprêzo. Cobrir, olhar, envolver alguém com o desprêzo. Votar um desprêzo. Um profundo, ultrajante, insondável, imenso, absoluto desprêzo.

Dever — Realizar, cumprir, impor, indicar, mostrar, esquecer, ditar, traçar um ou mais deveres. Afastar-se do dever. Faltar, retornar ao seu dever; subtrair-se a um dever. Um dever incumbe, se impõe. Um dever imperioso, estricto, piedoso, cruel, sagrado, elemtar.

Devotamento — Prodigar, prometer seu devotamento. Fazer prova, demonstração de devotamento. Assegurar seu devotamento. Um devotamento integral, completo, admirável, sublime, perfeito.

Dificuldade — Causar, provocar, criar, suscitar, engendrar, encontrar, aplainar, marcar, evitar, superar, vencer, suspeitar, temer as dificuldades. Esquivar-se das dificuldades. Rir das dificuldades. Nasce, surge, estabelece-se, instala-se dificuldade. Uma extrema, insuperável, inaudita, invencível, inevitável, insuspeitável dificuldade.

Dignidade — Conferir uma dignidade. Uma alta, suprema dignidade (amor próprio). Abdicar, perder sua dignidade, defender a dignidade própria ou alheia.

Dilação — Aceitar, pedir, solicitar, recusar, fixar, impor, assinar, prorrogar, exigir uma dilação. Uma dilação expira. Uma breve, curta, longa, afastada dilação.

Direito — Proclamar, reclamar, invocar, consagrar, reivindicar, adquirir, obter, conferir, reconhecer, desconhecer, salvaguardar, ultrapassar, alienar, abdicar, abolir, suprimir, retirar, reservar-se um direito. Abusar, usar, desistir, privar de um direito. Um direito soberano, absoluto, exclusivo, sagrado, imprescindível, real, recíproco, mútuo, alienável, contestável, incontestável.

Duração — Fixar, prolongar, limitar uma duração. Uma duração limitada, longa, curta, efêmera, indeterminada, ilimitada, fixa, variável, conhecida, desconhecida, determinável, indeterminável.

Dúvida — Emitir, esclarecer, dissipar, conservar, formular uma dúvida. Uma dúvida se ergue, nasce, surge, subsiste, persiste, mantém-se. Uma dúvida cruel, passageira, súbita.

E

Edifício — Erguer, construir, sustentar, solapar, restaurar, reparar um edifício. Um edifício se eleva, se ergue, ruí, ameaça ruir. Um edifício suntuoso, grandioso, majestoso, orgulhoso, elevado.

Educação — Dar, receber, negligenciar, orientar a educação. Cuidar da educação de alguém. Uma educação requintada, má, deplorável, falha, cuidada, orientada.

Efeito — Produzir, anular, destruir, esperar efeitos. Um efeito se produz. Um efeito nefasto, feliz, infeliz, pleno, esperado, inesperado, imenso, maravilhoso, radical, duvidoso, seguro, certo, desastroso.

Egoísmo — Dar prova, testemunhar um certo egoísmo. Exibir seu egoísmo. Um egoísmo vil, estreito, mesquinho, raro.

Elogio — Pronunciar, receber, dirigir, endereçar elogio. Cobrir de elogios. Um elogio entusiasta, ditirâmico, fúnebre, exagerado, merecido, imerecido.

Emoção — Causar, provocar, suscitar, despertar emoção. Lutar contra uma emoção. Trair, esconder, revelar sua emoção. Uma emoção se apossa, domina. Uma viva, intensa, considerável, legítima, profunda, passageira, comunicativa.

Energia — Temperar, tender, retemperar, perder, reencontrar suas energias. Mostrar, testemunhar energia. Fazer prova de energia. Uma energia ardente, indomável, rara, feroz, calma, sôbre-humana, fria.

Enigma — Decifrar, adivinhar, resolver um enigma. Um enigma subsiste, persiste. Um enigma cruel, perturbador, insolúvel, decifrável, angustiante, indecifrável.

Emprêsa — Levar, dirigir, conduzir, secundar uma emprêsa. Uma emprêsa coroada de bom êxito. Uma emprêsa louca, razoável, temerária.

Ensaio — Tentar, efetuar, riscar, esboçar, repetir, reiterar um ou mais ensaios. Multiplicar os ensaios. Proceder, livrar-se a um ou mais ensaios. Um ensaio frutuoso, infeliz, infrutuoso, informe, concludente, hábil, inábil.

Ensino — Dar, inculcar, receber, seguir, professar, escutar um ensino. Um ensino frutuoso, didático, colectivo, mútuo, individual, facultativo.

Entusiasmo — Provocar, suscitar, professar, mostrar, testemunhar, manifestar, desencadear entusiasmo Transportado pelo entusiasmo. Ser animado de um entusiasmo. Um entusiasmo ardente, desbordante, delirante, indescritível, louco, extraordinário, comunicativo.

Equilíbrio — Perder, romper, guardar, conservar, restabelecer o equilíbrio. O equilíbrio se rompe, se estabelece. Um equilíbrio estável, instável, indiferente, perfeito.

Equívoco — Provocar, causar, suscitar, produzir, dissipar, destruir um equívoco. Levar ao equívoco. Preparado para todo equívoco. Um equívoco nasce, produz-se, perdura, persiste.

Erro — Cometer, propagar, corrigir, destruir, refutar, retificar, denunciar, relevar, desmascarar, confessar, retratar, abjurar um erro. Cair, versar, induzir um

- êrro.** Um êrro grave, importante, leve, pequeno, grosseiro, flagrante, profundo, perdoável, imperdoável, inicial, fundamental, essencial, basilar, funesto, insignificante.
- Escrúpulo** — Experimentar, ter escrúpulos. Escrúpulos nascem. Grandes, leves, honráveis escrúpulos.
- Espanto** — Causar, provocar, experimentar, sentir, mostrar, manifestar, testemunhar espanto. Ser levado ao espanto. Reservar um certo espanto. Um espanto profundo, vivo, desagradável, agradável, doloroso, compreensível.
- Especulação** — Entregar-se à especulação. Reprimir a especulação. Uma especulação audaciosa, temerária.
- Espetáculo** — Oferecer, apresentar, contemplar, admirar um espetáculo. Um espetáculo encanta, maravilha, edifica, emociona, entristece, alegre, reconforta. Um espetáculo encantador, maravilhoso, admirável, edificante, deprimente, odioso, imundo, indecente.
- Espírito** — Ocupar, assombrar, abrir, apaziguar, acalmar, perder, depravar, obscurecer o espírito. Possuir certo espírito. Cultivar seu espírito. Um espírito vivo, lento, acerbo, sarcástico, maligno, malevolente.
- Estima** — Dar, conceder, recusar, retirar sua estima. Ganhar, conquistar, atrair, possuir, alienar, perder a estima. Alimentar, gozar, mostrar, testemunhar, manifestar estima. Ter em alta ou em medíocre estima. Uma estima profunda, perfeita, medíocre, geral, alta, universal.
- Estilo** — Possuir, empregar um certo estilo. Usar de certo estilo. Redigir, escrever com certo estilo. Polir, embelezar, ornar, florir, variar seu estilo. Um estilo claro, preciso, límpido, difuso, frouxo, pesado, obscuro, florido, elegante, ornado, nobre, sublime, admirável, maravilhoso, vivo, inimitável, comum, nervoso, vaporoso, firme, lapidar, terno, pálido, pretensioso, grandiloquente, empolado, pomposo, enfático, alambicado, compassado, trivial, barroso, equívoco, anfibológico, apocalíptico, arcaico.
- Evidência** — Negar a evidência. Render-se á evidência. Inclinarse ante a evidência. Uma evidência é manifesta.

- Exatidão** — Garantir, afirmar, negar, reconhecer a exatidão. Duvidar da exatidão de alguma coisa. Uma exatidão rigorosa, perfeita, aproximativa.
- Execução** — Começar, suspender uma execução. Passar, proceder, pôr, opor-se a uma execução. Estar em vias de execução.
- Exemplo** — Oferecer, apresentar, citar, seguir, escolher, imitar um exemplo. Pregar, servir de exemplo. Citar como exemplo. Autorizar-se, prevalecer-se de um exemplo. Um exemplo esclarece, ilustra, explica, demonstra, prova. Um exemplo vivo, típico, salutar, pernicioso, magnífico, ilustre, mau, bom, escolhido.

F

- Fadiga** — Experimentar, sentir certa fadiga. Cair, morrer de fadiga. Estar extenuado, dominado de e pela fadiga. Uma fadiga se apossa, avassala, domina. Uma grande, visível, completa fadiga.
- Falta** — Cometer, perder, imputar uma falta. Acumular faltas. Agravar, atenuar, confessar, negar, reparar sua falta. Inculpar, acusar alguém de uma falta. Pululam, abundam, formigam, deparam-se faltas. Uma falta leve, grave, grosseira imperdoável, remissível, irremissível, imputável. Falta de viveres. Falta de conhecimento, de talento. Uma grande falta.
- Família** — Pertencer, ser aparentado, estar ligado a uma família. Possuir uma família. Descender de uma família. Uma família honesta, feliz, digna, bela, unida, desunida, grande, ilustre, honrada, célebre, rica, pobre. Família humana, real. A sagrada família.
- Fantasma** — Dissipar, afastar, perceber um fantasma. Um fantasma aparece, ameaça, desaparece, desvanece-se.
- Fatalidade** — Sofrer uma fatalidade. Ser vítima da fatalidade. Ser perseguido pela fatalidade. Uma fatalidade cruel, inexorável, impiedosa.
- Fato** — Expor, estabelecer, narrar, articular, alegrar, sublinhar, restabelecer, revelar, garantir, contestar, admitir, desnaturar um fato. Um fato preciso, saliente, dominante, certo, conhecido, notório, autêntico,

admissível, inadmissível, pertinente, contestado, incontestado, evidente, patente, controvertido, irrecusável, banal, curioso, corrente, inusitado, extraordinário, ordinário, comum, insólito, natural, intercorrente, precursor, recente, longínquo, revoltante, contraditório, consecutivo, concomitante, inesquecível.

Fator (causa) — Constituir, afastar, suprimir um fator. Conciliar fatores. Intervém um fator, influi. Fatores importantes, desprezáveis, decisivos, predominantes.

Fatura — Endereçar, redigir, pagar, saldar, liquidar uma fatura. O montante de uma fatura. Fatura geral.

Favor — Solicitar, pedir, conceder, concordar, recusar, receber, apreciar, suprimir, garantir um favor. Gozar, ser objecto de favores. Um favor insigne, especial, excepcional, raro, precioso, imenso, inapreciável, considerável, único, vantajoso, benigno.

Fé — Ter fé numa afirmação. Enganar a fé de qualquer um. Alegar, protestar sua boa-fé. Dar fé a alguma coisa (crença). Perder, confessar, abjurar, renegar sua fé. Uma fé ardente, cega, viva, pura, púnica, suspeita, inabalável, duvidosa, conjugal, divina, humana, pública, falsa.

Febre — A febre consome, persiste, toma, eleva-se, diminui, desaparece. Uma febre maligna, puerperal, palúdica, tifóide, intercorrente, intermitente, cerebral, perniciososa, lenta, traumática. Arder em febre. Ter febre.

Fecundidade — Ser de uma certa fecundidade. Esgotar, exaurir uma fecundidade. Uma fecundidade inesgotável, rara, excepcional, fértil.

Felicitações — Endereçar, receber, aceitar, dar felicitações. Vivas, calorosas, cordiais, sinceras felicitações.

Férias — Tomar, solicitar, pedir, obter, conceder, recusar, dar férias. Férias ilimitadas, temporárias, longas, curtas.

Ferimento — Causar, pensar, provocar, curar um ferimento. Cobrir, crivar de ferimentos. Um ferimento se fecha, faz sofrer. Um ferimento profundo, grave, perigoso, horrível, mortal, leve, benigno, contundente.

Festa — Organizar, celebrar, abrir, perturbar uma festa. Convidar, participar, tomar parte numa festa. Estar em festa. Realiza-se, termina uma festa. Uma festa íntima, pública, privada, comemorativa, jubilar, brilhante, tradicional, inesquecível, nacional, religiosa, local, de guarda.

Fidelidade — Jurar, prometer, manifestar, mostrar, testemunhar fidelidade. Experimentar a fidelidade de qualquer um. Uma fidelidade absoluta, experimentada, rara, constante.

Fogo — Acender, entender, comunicar, entreter o fogo. O fogo flameja, crepita, consome, seca, devora. Um fogo devorador, inestimável, ardente, fátuo, latente, lento, violento. Dar fogo, lançar fogo. Entrar em fogo. Fogos de artifício. Fogo grego. Brincar com fogo.

Fôlha — Uma fôlha se estiola, se agita. As fôlhas juncam o solo. Uma fôlha morta, verde, sêca.

Fome — Apaziguar, acalmar, satisfazer, enganar a fome. Padecer de fome. A fome devora. Uma fome insaciável, canina, atroz, terrível, devoradora, pantagruélica, ávida.

Fôrça — Possuir, decuplicar, esgotar, aumentar, diminuir a fôrça. Dissociar, insuflar fôrças. Medir suas fôrças. Faltar fôrça. Abusar de sua fôrça. Recorrer à fôrça. Estar dotado de certa fôrça. As fôrças declinam, crescem, decrescem. Uma fôrça viva, imperiosa, supletiva, impulsiva, expulsiva, extrativa, hercúlea, invencível, indomável, numérica, coercitiva, ascensional, centrífuga, centripeta, motriz. Fôrça de ânimo.

Formalidade — Cumprir certas formalidades, revestir de certas formalidades. Formalidades numerosas, desagradáveis, inúteis, complicadas, habituais, tradicionais, de uso requisitadas.

Forma — Revestir, possuir, oferecer, apresentar, emprestar, afectar certa forma. Uma forma harmoniosa, elegante, pesada, leve, esbelta, definitiva, transitória, simétrica, requintada, adequada, rígida, proporcionada, desproporcionada, grotesca, ridícula. Estar em forma.

- Fórmula** — Cumprir uma fórmula. Uma fórmula simples, complicada, feliz, inusitada, ôca, sacramental, complicada. Receitar uma fórmula.
- Fortificação** — Elevar, blindar, dismantelar, construir, erigir, levantar fortificações. Fortificações inatacáveis, inexpugnáveis.
- Fortuna** — Realizar, ganhar, perder, gerir, possuir, dilapidar, malgastar, engolir, desviar, dissipar uma fortuna. Tentar fazer fortuna. Uma fortuna imensa, colossal, fabulosa, modesta, rápida. Adquirir fortuna. Perseguido pela fortuna.
- Franqueza** — Mostrar, testemunhar franqueza. Faltar à franqueza. Uma franqueza rude, bela, brutal.
- Frio** — Tremer de frio, produzir frio. Um frio intenso, vivo, rigoroso, penetrante, agudo, glacial, áspero, polar, siberiano, ártico, horrível, funesto, mortal. Morrer de frio. Frio de rachar.
- Fronteira** — Passar, atingir a fronteira. Marcar uma fronteira. Uma fronteira natural, artificial, lingüística, étnica.
- Fruta** — Produzir frutas. Colhêr, descascar, cortar frutas. Uma fruta cresce, amadurece, apodrece. Uma fruta verde, madura, precoce, tardia, ácida, doce, refrescante, agridoce.
- Fuga** — Pôr-se em fuga. Simular uma fuga. Uma fuga rápida, precipitada, vergonhosa, súbita.
- Futuro** — Prever, predizer, interrogar, perscrutar, entrever, comprometer, reservar, preservar, assegurar, entrever, comprometer, reservar, preservar, assegurar, desvelar, temer, prejudicar, revelar. Responder, augurar o futuro. Um futuro risonho, prometedor, brilhante, ameaçador, sombrio, longínquo, próximo, aleatório, incerto, obscuro, assegurador. Ter futuro.

G

- Garantia** — Obter, exigir, oferecer, dar, apresentar uma garantia. Cercar de garantias. Uma garantia segura, certa, sólida, ilusória, aleatória, suficiente, insuficiente, constitucional.

- Generalização** — Fazer uma generalização. Uma generalização precipitada, audaciosa.
- Gênio** — Um gênio titular, benevolente, mau, bom, irascível.
- Gesto** — Fazer, tentar, esboçar, louvar, desenhar um gesto. Um gesto feliz, infeliz, amplo, aprobativo, improbativo, desaprovativo, generoso, ritual, sacramental, inicial, final, impudico, imperioso, evasivo, significativo, untuoso, cavalheiresco, depreciativo.
- Glória** — Conquistar, recolher, perpetuar, adquirir, ganhar glória. Penetrar na glória. Aureolar-se de glória. Escolhido pela glória. Uma glória pura, imprecível, eterna, insigne, meritória. A glória das armas, do trono.
- Golpe** — Levar, dar, lançar, receber, suportar, amortecer, desviar um golpe. Castigar com, moer de golpes. Errar um golpe. Desviar-se de um golpe. Trocar golpes. Um golpe atinge, cai, aturde. Um golpe mortal, terrível, fatal, hábil, violento, leve, decisivo, inevitável. Golpe de mestre, um golpe de gente. Golpe de Estado, de lança, de sangue, de vento, de vista.
- Gôsto** (sentido) — Saborear, apreciar, afinar, requintar o gôsto. Um gôsto saboroso, fino, delicado, esquisito, requintado, depravado, ácido, acre, austero, áspero, terroso, execrável, repugnante, insuportável, agradável. Manifestar, mostrar, um ou mais gostos. Um gôsto comum, pervertido, depravado. Ter gôsto por alguma coisa. Fazer ou dar gôsto. Ser de bom ou mau gôsto.
- Govêrno** — Constituir um govêrno. Interpelar, depor, assumir o govêrno. O governo se reúne, delibera. Um govêrno estável, instável, democrático, aristocrático, oligárquico, despótico, absoluto, federativo, homogêneo, honesto, desonesto, dictatorial. Govêrno autocrático, representativo, republicano, despótico, liberal, temporal, espiritual.
- Graça** — Implorar, solicitar, conceder, recusar a graça a um condenado. Cair em graça. Agraciar um condenado. Estar em graça. Fazer graça a alguém. Graça feminina, habitual, forçada. Dizer graças. Entrar de graça. Dar um ar de graça. Dar graças a Deus.

Grau — Conquistar, obter, conceder, discernir, conferir um grau. Colar grau. Atingir a um grau. Um grau superior, subalterno, elevado. Grau de parentesco. Grau de latitude, de longitude. Grau de uma potência. Grau de um polinômio.

Gratidão — Votar, testemunhar, manifestar, mostrar gratidão. Assegurar sua gratidão. Provar sua gratidão. Uma gratidão profunda, viva, infinita, perfeita, eterna.

Greve — Decidir, votar, declarar, decretar, estourar, terminar, reprimir uma greve. Pôr-se em greve. Uma greve estala, estende-se, termina, encerra-se. Uma greve geral, parcial, justa, injusta.

Grito — Lançar, proferir, dar, soltar um grito. Um grito retumba, eleva-se, irrompe, rompe o silêncio, rasga o ar. Escapar um grito. Grito de raiva, de cólera. Acudir aos gritos. Gritos sediciosos. Grito de guerra. Um grito agudo, cortante, atroz, estridente, lúgubre, discordante, tumultuoso, doloroso, intempestivo, abafado.

Guerra — Declarar, desencadear, provocar, causar, manter, suscitar, levar, evitar, impedir, sustentar, aceitar, sofrer, empreender uma guerra. Ser levado a uma guerra. Ser avassalado pela guerra. Partir para a guerra. A guerra estoura. Ela termina, cessa, finaliza. Uma guerra ofensiva, defensiva, fratricida, civil, intestina, perigosa, incerta, inevitável, espantosa, atroz, terrível, assassina. Guerra ofensiva, defensiva, estrangeira, religiosa, santa, de morte. Grito de guerra. Conselho de guerra. Negócios de guerra. Homens de guerra. Praça de guerra. Honras de guerra. Munições de guerra.

H

Hábito — Contrair, tomar, perder, retomar um hábito. Sair de seus hábitos. Abandonar seus hábitos. Professar o hábito. Largar o hábito. Hábitos menores. Um hábito nasce, implanta-se, espalha-se. Um hábito nefasto, inveterado, enraizado, profundo, bom, mau, louvável.

Harmonia — Restabelecer, conservar, destruir, romper a harmonia. Viver em harmonia. A harmonia reina, impera. Uma boa, completa, perfeita, imitativa harmonia. Tratado de harmonia. Estar em harmonia.

Herança — Deixar, legar, reivindicar, espoliar uma herança. Uma herança pequena, grande, insignificante, indivisa.

Herdeiro — Instituir alguém seu herdeiro. Herdeiro único, com numerosos, presuntivos, indiviso, universal, necessário, legítimo, falso.

Heroísmo — Mostrar, exhibir. Celebrar o heroísmo, cultivar o heroísmo. Um heroísmo raro, sublime, sôbre-humano. Portar-se com heroísmo.

Hesitação — Manifestar, testemunhar, mostrar hesitação. Uma hesitação se produz. Falar com ou sem hesitação. Uma hesitação funesta, súbita, grande, leve, curta, longa.

História — Contar, narrar, traçar, relatar, inventar, imaginar, criar, dramatizar, interromper uma história. Uma história local, regional, nacional, universal, particular, antiga, moderna, contemporânea, sagrada, profana, sensacional, verídica, falsa, autêntica, verdadeira, fiel, imparcial, parcial, inverossimilhante, verossimilhante, curiosa, estranha, viva, animada, engraçada, cômica, cativante, pitoresca, patética, picante, emocionante, salgada, pesada, monótona, fabulosa, mitológica, lendária, apócrifa, dolorosa. História das artes, da música, da medicina, da pintura, etc.

Homem — Parecer, considerar como um homem. Fazer-se homem, agir como um homem. Mostrar-se como um homem. Um homem honesto, íntegro, eminente, competente, incompetente, capaz, incapaz, convencido, resoluto, corajoso, covarde, austero, sério, grosseiro, polido. Homem do mundo. Homem da lei, guerreiro, do mar, de letras, das armas, bom, de côr, às ordens, de Estado, às direitas, feito. Homem de palavra. Homem do povo.

Honra — Reservar, declinar, reivindicar, disputar uma honra. A honra recai sôbre alguém. Ser uma honra para alguém. Uma grande, única, rara, invejável honra. Ofender a honra de alguém. A honra da

mulher. Lugar de honra. Palavra de honra. Fazer honra. Dar honra. Ter a honra. Honra fúnebre, militar.

Hora — Viver, passar, conhecer uma ou mais horas. Atrasar, retardar, avançar a hora. A hora se aproxima, soa. Uma hora grave, suprema, fatídica, solene, memorável, propícia, decisiva, crítica, precisa, avançada, tardia, matinal, sombria, sideral, solar. Chegar a sua hora. Horas canônicas. Horas mortas. Horas vivas.

Horizonte — Abrir, fechar, restringir, alargar, limitar o horizonte. O horizonte clareia-se, ensombrece-se. Um vasto, imenso, extremo, limitado, estreito horizonte. Horizonte real, artificial.

Hostilidade — Abrir, suspender, deter, terminar, cessar as hostilidades. Estar em hostilidades com alguém. Romper as hostilidades. Hostilidades declaradas, abertas.

I

Idade — Atingir, acusar, passar, parecer, mostrar uma idade. Alcançar certa idade. Idade núbil, tenra, adulta, viril, madura, avançada, respeitável, venerável. A primeira idade, idade jovem.

Ideal — Proclamar, gritar, clamar, professar, sonhar, conceber, traçar, forjar, criar, realizar um ideal. Um ideal puro, nobre, elevado, alto, antigo.

Idéia — Emitir, formular, expressar, conceber, professar, sugerir, adotar, partilhar, perseguir, defender, abandonar, combater, rejeitar, repelir, confirmar, corroborar, sustentar uma idéia. Aderir a uma idéia. Estar imbuído, penetrado de uma idéia. Uma idéia nasce, surge, aflora, emerge. Idéias que se chocam. Uma idéia é clara, luminosa, banal, barroca, original, bizarra, vaga, precisa, estúpida, mórbida, subversiva, inconcebível, errônea, falsa, infernal, satânica, especiosa, demoníaca, diretora, maquiavélica, preconcebida, difundida, clara, nítida, evidente, risível, incrível, absurda.

Ídolo — Adorar, quebrar, destruir, abater ídolos. Sacrificar aos ídolos.

Ignorância — Confessar, declarar sua ignorância. Viver, vegetar na ignorância. Uma ignorância profunda, grosseira, crassa.

Ilusão — Prosseguir, manter, alimentar, dissipar, destruir, aniquilar, desfazer uma ilusão. Viver, satisfazer-se na ilusão. Viver de ilusões. Uma ilusão tenaz, mansa, completa, pura.

Imagem — Evocar, fazer, forjar, construir uma imagem. Uma imagem, clara, exata, falsa, precisa, imprecisa, inconveniente, ideal, pura.

Imaginação — Exaltar, estimular a imaginação. Uma imaginação viva, fecunda, fértil, vagabunda, louca, pura, desavergonhada.

Impaciência — Mostrar, testemunhar, manifestar impaciência. Queimar, fremir de impaciência. Uma impaciência viva, febril, grande.

Importância — Dar, conceder, oferecer, apresentar importância. Apreciar, aumentar, exagerar, diminuir, negar importância a alguma coisa. Uma importância real, extrema, primordial, imensa, inaudita, extraordinária, capital, formidável, incalculável, considerável, fundamental, excepcional, inapreciável, mínima, relativa, insignificante, nula, fictícia, excessiva, exagerada.

Impossibilidade — Encontrar-se, achar-se, estar na impossibilidade de fazer alguma coisa. Uma impossibilidade absoluta, manifesta, material.

Impostor — Confundir, desmascarar um impostor.

Impostura — Cometer, desvelar, desmascarar, descobrir uma impostura. Acusar, rachar, qualificar, convencer de impostura.

Impôsto — Pagar, liquidar, abolir, estabelecer, revelar, perceber, exigir, agravar, alegar, aumentar, diminuir um impôsto. Pesar, aniquilar, afogar, oprimir de impostos. Livrar, exonerar, libertar de um impôsto. Um impôsto é pesado, escorchante, excessivo, arbitrário, exorbitante, direto, indireto, pessoal, progressivo, degressivo, extraordinário, leve.

Ingratidão — Mostrar ingratidão. Dar prova, pagar uma ingratidão.

Inimigo — Suscitar, causar, criar, temer, reconciliar-se com, fazer um inimigo. Tratar como inimigo. Um inimigo mortal, implacável, irredutível, impiedoso, declarado, jurado, astucioso, leal, irreconciliável (guerra). Envolver, investir contra, cercar, abordar, atacar, enfrentar, repelir, vencer, aniquilar, pulverizar, abater, desemboscar o inimigo. Estar cercado, envolvido de inimigos. Parlamentar com o inimigo. Render-se ao inimigo. Um inimigo superior, inferior, cruel, invencível.

Inimizade — Cair, incorrer na inimizade de alguém. A inimizade separa. Uma inimizade profunda, evidente, revoltante, gritante, flagrante, manifesta, profunda.

Iniquidade — Cometer, sofrer, reparar, consagrar uma iniquidade. Ser vítima de uma iniquidade. Uma iniquidade revolta. Uma grave, evidente, revoltante, gritante, flagrante, manifesta, profunda iniquidade.

Iniciativa — Tomar, aprovar, encorajar, desencorajar uma iniciativa. Aplaudir uma iniciativa. A iniciativa disso cabe a... Uma iniciativa feliz, infeliz, corajosa, audaz, temerária, audaciosa, interessante, gloriosa.

Injúria — Proferir, lançar, atirar, vomitar, vociferar injúrias. Cobrir alguém de injúrias. Sentir, desprezar, vingar, reparar, perdoar uma injúria. Uma injúria grave, baixa, grosseira, infamante, imperdoável, cruel, irreparável.

Inocência — Provar, reconhecer, afirmar, proclamar sua inocência. Convencer, protestar sua inocência. Uma inocência certa, evidente, clara.

Insígnia — Trazer, conferir uma insígnia. Uma insígnia distinta, honorífica.

Insinuação — Formular, lançar uma insinuação. Uma insinuação pérfida, maldosa, mentirosa, caluniadora, revoltante, falsa.

Insolência — Marcar, testemunhar, mostrar, dar provas de insolência. Cometer, sofrer, tolerar uma insolência.

Incidente — Levantar, provocar, liquidar, assinalar, relatar um incidente. Um incidente se produz, irrompe, estala, sobrevém, surge, delineia-se. Um incidente característico, típico, marcante, vivo, insignificante, brusco, grave.

Incógnito — Guardar, trair, revelar o incógnito. Um estrito, completo incógnito.

Inconsciência — Testemunhar, mostrar inconsciência. Levar a inconsciência até um certo ponto. Uma inconsciência rara, estranha, absoluta, doentia.

Inconveniente — Apresentar, oferecer, causar, suscitar, provocar um ou inconvenientes. Remediar, obviar, resolver um inconveniente ou inconvenientes. Um inconveniente aparece, desaparece, surge, resulta de, etc. Um grave, sério, imenso, múltiplo, evidente inconveniente.

Independência — Conquistar, obter, suceder, dar, reservar, recordar, perder, defender sua independência. Proclamar independência. Completa, absoluta, parcial, relativa independência.

Indicação — Fornecer, pedir, solicitar uma indicação. Uma indicação clara, precisa, exata, errônea, suficiente, insuficiente.

Índice — Procurar, fornecer, constituir um índice. Um índice revela, prova, demonstra, estabelece. Um índice seguro, suficiente, certo, indubitável.

Indiferença — Mostrar, testemunhar, marcar, afectar, manifestar indiferença. Sacudir a indiferença. Uma indiferença perfeita, absoluta, culpada, imperdoável.

Indiscrição — Cometer uma indiscrição. Uma indiscrição revela alguma coisa. Uma indiscrição culpável.

Indulgência — Pedir, implorar indulgência. Conceder, recusar sua indulgência. Mostrar, testemunhar, manifestar, abusar da indulgência. Manifestar indulgência. Uma indulgência extrema, excessiva.

Indústria — Extractiva, siderúrgica, metalúrgica, mineral, agrícola, mineira, manufatureira, transformativa.

Infâmia — Cometer, denunciar, punir, castigar uma infâmia.

- Infância** — A infância passa. Uma infância terna, feliz, infeliz.
- Infelicidade** — Causar, experimentar, prevenir, prever, pressagiar, deplorar, suportar, despertar uma infelicidade. Trazer infelicidade. Uma infelicidade chega, surge, sobrevém, ameaça, persegue, bate, amargura. Uma terrível, atroz, irreparável, inelutável, pequena, grande infelicidade.
- Instinto** — Possuir um instinto. Dominar, reprimir seus instintos. Obedecer, entregar-se aos seus instintos. Um instinto guia, leva, conduz. Um instinto seguro, poderoso, perverso, gregário, cego.
- Instrução** — Dar, receber instrução. Possuir uma certa instrução. Adquirir instrução. Uma vasta, profunda, extensa, superficial, notável, sólida instrução.
- Instrumento** — Servir-se de um instrumento. Um instrumento contundente, cortante, perfurante, simples, complicado.
- Intenção** — Alimentar, manifestar, mostrar, perscrutar, incriminar, desnaturar uma intenção. Uma intenção pura, recta, malevolente, má, boa.
- Interesse** — Confiar, defender seus interesses. Conciliar, trair, harmonizar seus interesses. Responder ao interesse de alguém. Um interesse guia, anima, leva, faz agir. Um interesse poderoso, sagrado, maior, secundário, oposto, divergente, inconciliável.
- Intermediário** — Servir de intermediário. Oferecer-se como intermediário. Um intermediário seguro, benevolente, benévolo, interessado, encarecedor.
- Interrogação** — Pôr, oferecer uma interrogação. Uma interrogação oral, escrita, severa, insidiosa, imprudente.
- Interrogatório** — Passar por um interrogatório. Submeter, proceder a um interrogatório. Um interrogatório severo, cerrado, rigoroso, minucioso, impiedoso, implacável.
- Intervenção** — Solicitar, provocar, pedir, uma intervenção. Recorrer a uma intervenção. Uma intervenção se produz. Uma intervenção oportuna, inoportuna, eficaz, ineficaz, tardia, intempestiva, delicada, discreta, indiscreta, viva, enérgica, rápida, imediata.

- Intransigência** — Mostrar, testemunhar intransigência. Dar prova, mostrar intransigência. Uma intransigência absoluta.
- Intriga** — Empregar a intriga. Comprazer-se na intriga. Urdir, conduzir, desembrulhar, esclarecer uma intriga. Uma intriga oculta, sorrateira, vergonhosa, baixa.
- Invasão** — Sofrer uma invasão, repelir uma invasão. Estar sujeito à invasão. Uma invasão devasta. Uma invasão rápida, lenta, impiedosa, inevitável.
- Itinerário** — Escolher, traçar, adotar, seguir, modificar um itinerário. Um itinerário, interessante, longo. Movimentado, difícil.

J

- Jardim** — Cultivar, cercar, amurar, cultivar um jardim. Um jardim suspenso, botânico, zoológico, de inverno.
- Jôgo** — Dedicar-se, entregar-se ao jôgo. Praticar, descobrir um jôgo. Enganar, roubar no jôgo. Um jôgo leal, desleal, clandestino, duplo, franco, brutal, perigoso, cruel, vil.
- Jugo** — Sofrer, quebrar, sacudir um jugo. Libertar-se, livrar-se de um jugo. Curvar-se sob o jugo. Um jugo oprime, pesa, aniquila, esmaga. Um jugo odioso, infame, cruel, pesado, vergonhoso, infamante, revoltante.
- Justiça** — Dar, conceder, exercer a justiça, sofrer a justiça. Pedir, reclamar, clamar por justiça. A justiça intervém, reprime. Uma justiça imanente, distributiva, civil, militar, criminal.

L

- Lábio** — Mover, fechar, cerrar, descerrar os lábios. As comissuras dos lábios. Lábio superior, inferior, vermelho, descolorido, finos, espessos.
- Lágrima** — Verter, chorar lágrimas. Secar, limpar as lágrimas de alguém. Gôsto de lágrimas. Banhar-se, molhar-se em lágrimas. Fundir-se em lágrimas. As lágrimas jorram, correm. Lágrimas amargas, quentes, abundantes.

Lição — Dar, infligir, tirar, receber uma lição. Servir de lição. Uma lição oferece. Uma lição severa, exemplar, salutar, eficaz, amarga, terrível.

Lei — Elaborar, emendar, votar, promulgar, editar, abrogar, prorrogar, abolir, interpretar, mitigar uma lei. Observar, respeitar, ofender, transigir, transgredir, violar, iludir a lei. Obedecer, conformar-se, submeter-se à lei. A lei rege, funciona, constrange, regula. Uma lei justa, injusta, iníqua, proibitiva, comum, odiosa, marcial, formal, abrogativa, universal, geral, sádica, suntuária, agrária, constitucional.

Leitura — Fazer a leitura, entregar-se à leitura. Absorver-se numa leitura. Uma leitura cativante, absorvente, instrutiva, interessante, monótona, fastidiosa, horripilante, científica, edificante, expressiva, corrente, silábica, histórica, geográfica, global.

Liberdade — Gozar, usar, privar, abusar da liberdade. Tomar a liberdade de fazer alguma coisa. Conquistar, reconquistar, tomar, tirar, encadear, recobrar a liberdade. Alienar sua liberdade. Reclamar, reivindicar, solicitar uma liberdade. Atentar contra a liberdade. Deixar, pôr em liberdade sob caução. Uma liberdade plena, integral, cara, amada, absoluta, relativa, provisória, definitiva, condicional, constitucional.

Livro — Escrever, compor, publicar, conceber, imprimir, editar, condenar, reprovar, expurgar, brochiar, encadernar um livro. Um livro surge, é pôsto à luz, é publicado, instrui, apaixonava, cativa, encanta, trata de tal ou qual coisa, interessa, impressiona, escandaliza, edifica, dissolve. Um livro instrutivo, apaixonante, interessante, cativante, encantador, raro, preciso, fastidioso, erudito, anônimo, póstumo, brochado, encadernado, sibilino, sagrado, canônico.

Luz — Fazer, difundir, interceptar a luz. Dar luz. A luz jorra, pontilha, inunda, brilha, rebrilha, irradia, expande-se, cega, cintila, reflete-se, difunde-se, prateia, treme, vacila, declina, morre. Uma luz viva, cegante, direta, brilhante, fraca, tenra, duvidosa, direta, morrente, moribunda, esvanecente, fatídica, difusa.

Luta — Abrir, tomar, aceitar, recusar a luta. Uma luta se empreende, decorre, estabelece. Uma luta civil intestina, política, terrível, áspera, mortal, sangrenta, encarniçada, fratricida, aberta.

M

Mão — Estender, crispar, levar, forçar, apertar a mão. Juntar as mãos. Mão suplicante, segura, calosa, descarnada, fina, enluvada, gorda, branca, limpa, suja.

Manifestação — Organizar, seguir, reprimir, impedir, permitir uma manifestação. Tomar parte, participar, entregar-se, assistir, associar-se, dar lugar a uma manifestação. Ser objecto de uma manifestação. Uma manifestação se dá, toma lugar, realiza. Uma manifestação discreta, solene, grandiosa, tumultuosa, calma, simpática, monstro, comovente, contraditório, de simpatia.

Marcha — Abrir, fechar, regular, moderar, acelerar, diminuir, facilitar, guiar a marcha. Uma marcha moderada, lenta, rápida, rítmica, ginástica, ascendente, descendente, triunfante, heróica, vitoriosa, compassada.

Memória — Cultivar, enriquecer, refrescar, aumentar a memória. Guardar, conservar, tomar, gravar, imprimir, viver na memória. Confiar em sua memória. A memória enfraquece, trai, perde-se. Uma memória tenaz, fácil, pronta, acolhedora, extraordinária, maravilhosa, prodigiosa, curta, rebelde, forte, fraca, débil.

Mentira — Alegar, forjar, inventar, refutar uma mentira. Uma mentira vergonhosa, odiosa, impudente, cínica, ignóbil, horrível, alegre, piedosa, oficiosa, inocente.

Mérito — Louvar, reivindicar, reconhecer, desconhecer, contestar, rebaixar, atribuir-se, conceder-se o mérito de alguém ou de alguma coisa. Tirar seu mérito de tal ou qual facto. Um mérito raro, excepcional, grande, acabado, imenso, incontestável.

Método — Empregar, procurar, encontrar, inventar um método. Usar, servir-se de um método. Um método científico, empírico, infalível, certo, perfeito, rigoroso, eficaz, ineficaz, geral, particular.

Mistério — Aprofundar, esclarecer, elucidar, explicar, estudar, perscrutar, penetrar, revelar um mistério. Um mistério envolve, cobre, plana, persiste, perdura. Um mistério profundo, perturbador, inexplicável, impenetrável, completo.

Missão — Confiar, aceitar, recusar uma missão. Encarregar, investir de uma missão. Faltar à sua missão; falhar em sua missão. Uma missão incumbe. Uma missão delicada, nobre, perigosa, sublime, agradável, desagradável.

Monte — Escalar, subir, descer um monte. Um monte se eleva, se ergue, delinea-se no horizonte. Um monte altaneiro, elevado, abrupto, acessível, inacessível, violado, inviolado, coberto, calvo.

Monumento — Elevar, edificar, erigir, restaurar, inaugurar um monumento. Um monumento se eleva, se ergue, tomba. Um monumento majestoso, grandioso, admirável, imperecível, histórico, público, fúnebre, comemorativo.

Morte — Causar, provocar, levar, semear, desafiar, enfrentar, temer, deplorar, chorar, decidir, decretar, pronunciar, honrar a morte. A morte sobrevém, surpreende, surge. Uma mansa, suave, movimentada, espantosa, dolorosa, terrível, violenta, súbita, inopinada, instantânea, natural, gloriosa, ignominiosa, vergonhosa, trágica, dramática, suspeita, honrosa morte.

Movimento — Imprimir, ativar, acentuar, acelerar, diminuir, paralisar, entrar, regular, ritmar um movimento. Um movimento se produz, surge, acentua-se, acelera-se, diminui, estende-se, propaga-se, prolonga-se. Um movimento inusitado, insólito, ordinário, extraordinário, brusco, lento, rápido, violento, desordenado, vivo, convulsivo, desregulado, impetuoso, impulsivo, ritmado, simultâneo, uniforme, monótono, invariável, variável, migratório, automático, reflexo, perpétuo, espontâneo, voluntário, involuntário, intermitente, xenófilo, xenófobo, insurreccional, revolucionário, sincrônico.

Mulher — Tomar, esposar, raptar uma mulher. Uma esposa, uma matrona, uma megera, um ogre, uma vira-

go. Uma mulher boa, reputada, legítima, honesta, leviana.

Murmúrio — Arrancar, provocar, abafar um murmúrio. Um murmúrio se eleva, se faz ouvir, produz-se, extingue-se, acolhe. Um murmúrio aprobativo, desaprobativo, hostil, distinto, indistinto, prolongado, leve, manso, tenro.

N

Navio — Lançar, armar, afretar, fretar, ancorar, mastrear, amarrar, abordar, blindar, calafetar, rebocar, combóiar um navio. O navio desmarra, acosta, deixa o pôrto, percorre o mar, aborda, sulca os mares, dobra um cabo, faz escalas, joga.

Negligência — Perdoar, desaprovar, tolerar, punir uma negligência. Dar prova, acusar de negligência. Uma negligência culpável, perdoável, imperdoável, inconcebível, grave.

Negociações — Abrir, manter, começar, empreender, prosseguir, romper negociações. Entrar em negociações. Negociações que surtem bom efeito, que malogram, prosseguem, continuam, cessam. Negociações difíceis, delicadas, árduas, longas, curtas, laboriosas.

Nervos — Estender, crispas os nervos. O necropata é que é atingido por uma doença dos nervos. Um nervo óptico, acústico, olfativo, motor, sensitivo.

Neutralidade — Guardar, observar, conservar, abandonar, perder, violar a neutralidade. Impõe-se a neutralidade. Uma neutralidade estrita, absoluta.

Noite — Velar, passar uma noite. Entrar, penetrar na noite. A noite cai, chega, surpreende. Uma noite profunda, obscura, opaca, sombria, espessa, clara, serena, estrelada, branca.

Nome — Tomar, levar, emprestar, declinar, calar, merecer, usurpar, abençoar, evocar, gravar, conhecer, ignorar, chamar, clamar, estropiar, sujar, manchar, imortalizar, glorificar, ilustrar um nome. Designar sob tal ou tal nome. O nome figura. Um ilustre, conhecido, desconhecido, célebre, obscuro, próprio, comum, patrocínio, colectivo.

Número — Fixar, determinar, limitar, dosar, medir, aumentar, elevar, abaixar, aumentar, contar, avaliar um número. Dobrar-se, ser aniquilado sob o número. Um número eleva-se a, sobe a. Um número elevado, importante, pequeno, grande, prodigioso, imenso, ínfimo, incalculável, indeterminado, infinito, desprezível.

O

Obediência — Exigir obediência, dever obediência. Reduzir, constranger à obediência. Retornar à obediência. Uma obediência pronta, perfeita, integral, cega, servil, passiva.

Objecção — Elevar, formular, apresentar, tirar, encontrar, refutar, repelir, destruir, pulverizar, prevenir uma objecção. Uma objecção se apresenta, cai, persiste, subsiste. Uma objecção fraca, séria, especiosa.

Obstáculo — Vencer, saltar um obstáculo. Um obstáculo inflanqueável, insuperável, em altura, em extensão.

Ódio — Ter, votar, inspirar, experimentar, sentir, conceber, alimentar, jurar, excitar, apaziguar, acalmar, amainar, estender, reavivar, esconder, dissimular, conter seu ódio. Um ódio mortal, mútuo, recíproco, terrível, eterno, feroz.

Odor — Exalar, expandir, aspirar, perceber, sentir um odor. Um odor que se exala, se percebe, impregna, embalsama, empesta. Um odor agradável, suave, aromático, esquisito, delicado, forte, desagradável, nauseabundo, fétido, acre, picante, penetrante.

Ofensiva — Tomar, irromper, desenvolver, levar, conduzir, prosseguir, quebrar, repelir, esboçar, coordenar uma ofensiva. Uma ofensiva empreende-se, desenvolve-se, malogra. Uma ofensiva vã, infrutuosa, vitoriosa.

Operação — Tentar, efetuar, praticar, sofrer uma operação. Uma operação se desenvolve. Uma operação delicada, completa, cirúrgica.

Opinião — Emitir, formular, expressar, sustentar, professar, fundar, quebrar, adotar, partilhar, motivar, confirmar, afrontar, desafiar, combater, corroborar, apoiar uma opinião. Alarmar, excitar a opinião. Uma opinião domina, prevalece. Opiniões concordam, se-

param-se, enfrentam-se umas às outras. Uma opinião razoável, desarrazoável, subversiva, errônea, preconcebida, comum, corrente, geral, pessoal, doutrinária, vantajosa, ortodoxa, heterodoxa, excessiva, exagerada.

Oposição — Manifestar, testemunhar, marcar, mostrar oposição. Reduzir a oposição ao silêncio. Uma oposição resoluto, tenaz, aberta, manifesta, irredutível, formal, sistemática.

Ordem — Dar, lançar, editar, reiterar, enganar, transgredir, desconhecer, desobedecer, retirar, revogar, executar, mitigar uma ordem. Conformar-se a uma ordem. Uma ordem estrita, formal, precisa, expressa, irrevogável, impiedosa, breve, rápida.

Organização — Confiar uma organização. Dotar alguma coisa de organização. Fazer uma organização. Uma organização-modélo, poderosa, perfeita, imperfeita, incompleta.

Origem — Conhecer, ignorar, procurar, encontrar a origem de alguém ou de alguma coisa. Tirar sua origem. Tirar sua origem de alguma coisa. A origem remonta, data de... Uma origem duvidosa, certa, incerta, evidente, clara, turva.

P

Paciência — Mostrar, manifestar, testemunhar paciência. Cansar, esgotar a paciência de alguém. Exortar à paciência. Escapa-se, cansa-se a paciência. Uma paciência incansável, evangélica, inalterável, inesgotável, inaudita.

Paisagem — Admirar, contemplar uma paisagem. Uma paisagem se desenrola, estende-se. Uma paisagem admirável, feérica, pitoresca, agreste, acidentada, maravilhosa, impressionante, inesquecível.

Paz — Pedir, implorar, solicitar, oferecer, aceitar, recusar, conceder, sonhar, desejar, encontrar, perder, ameaçar, concluir, assinar, manter, assegurar, cimentar, selar, salvaguardar, perturbar, romper, negociar, ditar, ratificar, restabelecer a paz. Gozar a paz. A paz reina, estabelece-se, restabelece-se. Uma paz durável, definitiva, eterna, perpétua, temporária, passa-

geira, capenga, vantajosa, desvantajosa, vergonhosa, gloriosa, forçada, profunda, serena, completa, abso-
luta.

Paixão — Experimentar, acender, despertar, atizar, excitar, sobreexcitar, refrear uma ou paixões. Uma paixão nasce, consome, cega, dorme, acalma-se. Uma paixão viva, louca, furiosa, cega, nobre, generosa, ardente, desenfreada, desencadeada, febril.

Partido — Abraçar, renegar, deixar um partido. Aderir, afiliar-se, enfeudar-se num partido. Um partido dissidente, adverso, político, conservador, radical, socialista, separatista, aristocrático, reacionário, liberal, demagógico, vencedor, vencido.

Passagem — Interditar, abrir-se, obstruir, interceptar uma passagem. Uma passagem larga, estreita, perigosa.

Pátria — Servir, amar, adorar, defender, libertar, renegar, trair, honrar a pátria. Subjugar, oprimir, pacificar uma pátria.

Pecado — Cometer, absolver, expiar pecados. Um pecado mortal, grave, venial, original, grande, pequeno, irremessível, capital, perdoável, imperdoável.

Pensamento — Emitir, formular, expressar, traduzir, concretizar, desenvolver, comunicar um ou mais pensamentos. Abismar-se, absorver-se, mergulhar em seus pensamentos. Apegar-se, afastar-se de seu pensamento. Ser assaltado por pensamentos. Um pensamento dirige-se para alguma coisa. Um pensamento obsessivo, claro, justo, profundo, judicioso, funesto, lúgubre, sacrílego, abstracto, dominante, amargo, alegre, horrível, súbito, delicado, confuso, fixo.

Perfeição — Atingir, alcançar, realizar a perfeição. Levantar à perfeição. Fazer com perfeição. Uma perfeição querida, desejável, absoluta, honesta.

Perseguição — Sofrer, empreender uma perseguição.

Personalidade — Despojar sua personalidade. Construir sua personalidade.

Perspectiva — Entrever uma ou perspectivas. Uma perspectiva se oferece, abre-se, seduz, aparece. Uma perspectiva risonha, sedutora, vasta, sombria.

Poder — Ocupar, possuir, deter, exercer, tomar, retirar, limitar, restringir, estender, aumentar, usurpar, afirmar, firmar, ambicionar, recobrir o poder. Apossar-se, desapossar-se do poder. Usar, abusar de seu poder. Aspirar ao poder. Arrogar-se, confiar um poder. Investir de um poder. Cair sob o poder de alguém. Delegar seus poderes. O poder oprime, vela, governa. Um poder absoluto, soberano, extenso, formidável, ilimitado, dictatorial, tirânico, opressor, oligárquico, democrático, demagógico, oculto, discricionário, precário, legítimo, ilegítimo, coercitivo, tutelário.

Poema — Escrever, compor, redigir, cantar um poema. Poema lírico, épico, didático, dramático, satírico, cíclico, pastoral, trágico, burlesco, elegíaco, idílico.

Política — Adotar, praticar, seguir uma certa política. Uma política surte bom ou mau resultado, malogra, vence, triunfa. Uma política activa, militante, sã, hábil, inábil, nefasta, nociva, decente, indecente.

Posição — Estabelecer, sacudir, tomar, levar, ocupar, consolidar, melhorar, reforçar, atingir uma posição. Retornar às suas posições. Uma posição sólida, vantajosa, cômoda, incômoda, crítica, perigosa, precária, avançada, interessante.

Precaução — Tomar precauções. Negligenciar precauções. Usar de precauções. Agir com precaução. Uma precaução se impõe. Uma sábia, útil, elementar, necessária, supérflua, indispensável.

Precisão — Exigir, fornecer, trazer precisões. Precisões úteis, desejáveis, queridas.

Predição — Arriscar, tentar contradizer, desmentir uma predição. Uma predição se justifica, se realiza, se verifica. Uma predição sombria, sinistra, alegre, justa, falsa, meteorológica, curiosa, terrível.

Predileção — Experimentar, conceder uma predileção. Justificar, fundar suas predileções. Uma predileção legítima, justa, injusta, cega, insensata, manifesta, fundada, marcada, evidente.

Premeditação — Estabelecer, provar, demonstrar, confessar, negar premeditação. Uma premeditação certa, evidente, manifesta.

- Presença** — Notar, verificar, trair, justificar, revelar a presença. Uma presença insólita, justificada, injustificada, desejável, indesejável.
- Pressentimento** — Experimentar, sentir, alimentar, pressentimento. Os pressentimentos assaltam, enganam. Um pressentimento sombrio, sinistro.
- Pressão** — Exercer, sofrer uma pressão. Usar de pressão. Resistir a uma pressão. Uma pressão forte, enérgica, fraca, moderada.
- Prestígio** — Exercer, sofrer, enfraquecer, revelar, abaixar, dissimular, aumentar um prestígio. Um prestígio considerável, imenso, grande, colossal.
- Prova** — Fornecer, dar, administrar, adquirir, refutar, recusar, articular, formular, corroborar, denegar, constituir uma prova. Exigir, acumular provas. Uma prova apóia, falta, convence. Pululam, abundam as provas. Provas numerosas, raras, formais, evidentes, tangíveis, irrefutáveis, irrefragáveis, irrecusáveis, convincentes, incontestáveis, sólidas, materiais, inegáveis, corroborantes, fracas, fortes, ontológicas.
- Princípio** — Pôr, formular, enunciar, invocar, admitir, adotar, professar, consagrar, falsear, realizar, descartar, repelir um princípio. Aderir a um princípio. Um princípio fecundo, luminoso, subversivo, rigoroso, rigorista, imprescritível, rígido, diretor, ortodoxo.
- Privação** — Impor, sofrer privações. Duras, longas, terríveis privações.
- Privilégio** — Acordar, conceder, retirar, abolir um privilégio. Beneficiar, usar, abusar de um privilégio. Um privilégio importante, exclusivo, temporal, secular, perpétuo, considerável, grande.
- Proclamação** — Lançar, endereçar, apregoar, redigir uma proclamação. Uma proclamação anuncia, dá a conhecer. Uma proclamação inflamada, enérgica, incendiária, revolucionária, lapidar, longa.
- Programa** — Compor, organizar, elaborar, apresentar, publicar, seguir um programa. Inscrever, figurar no programa. Aderir a um programa. Um programa cativa, promete, seduz. Um programa cativante, promissor, sedutor, cheio, amplo, copioso.

- Progresso** — Realizar, verificar, registrar, marcar um progresso. Um progresso marcante, visível, evidente, importante, espantoso, sensível, insensível, imenso, tangível, lento, rápido, imperceptível, nulo.
- Projecto** — Formar, elaborar, conceber, esboçar, delinear, gerar, amadurecer, encorajar, desencorajar, contrariar, abandonar, submeter, realizar, conseguir, secundar, submeter, apresentar um projecto. Tomar um projecto. Opor-se, renunciar a um projecto. Um projecto tende a alguma coisa, tem bom êxito, malogra, aborta, existe, cai. Um projecto belo, vasto, sábio, audaz, impraticável, irrealizável, caduco, quimérico, maquiavélico, optativo.
- Promessa** — Fazer, prodigar, retirar, olhar as promessas. Realizar, ter, esquecer promessas. A promessa obriga. Uma promessa mirífica, mirabolante, sedutora, ilusória, vasta, mentirosa.
- Proporção** — Respeitar, guardar, observar, reduzir, aumentar, aplicar proporções. Proporções justas, harmoniosas, imensas, gigantescas, reduzidas, infinitas.
- Proteção** — Solicitar, implorar a proteção de alguém. Conceder sua proteção. Cobrir alguém com a sua proteção. Uma proteção tutelar, ilusória.

Q

- Qualidade** — Possuir, reunir, oferecer, apresentar, ter qualidades. As qualidades distinguem, caracterizam, qualificam, delimitam. Raras, numerosas, requeridas, esquisitas qualidades.
- Queda** — Causar, provocar, apressar, precipitar, retardar, temer, evitar uma queda. Uma queda brusca, súbita, grave, fatal, iminente, irremediável, inesperada, espedrada, desagradável.
- Questão** — Colocar, submeter, formular, levantar, estudar, examinar, tocar, aprofundar, resolver, elucidar, esclarecer, aprazar, prevenir uma questão. Ocupar-se, numa questão. Uma questão grave, importante, capital, primordial, atual, espinhosa, difícil, delicada, complicada, árdua, ampla, vasta, embaraçante, insolúvel, preliminar, pendente, controversa.

R

Raça — Cruzar raças. Pertencer a uma raça. Uma raça se extingue, desaparece. Uma raça pura, miscigenada, mista, bovina, cavalari, ovina, porcina.

Raiz — Possuir raízes. Uma raiz penetra, afunda-se. Pequenas raízes são radículas. Uma raiz adventícia, simples, ombrosa, fasciculada, tuberosa.

Raciocínio — Seguir, conduzir, levar adiante um raciocínio. Apelar para o raciocínio. Ser dotado de certo raciocínio. Um raciocínio profundo, coerente, incoerente, sólido, lógico, peremptório, sutil, especioso, capcioso, absurdo, insensato, insustentável, sofisticado, simplista, analítico, sintético, dedutivo, indutivo, discursivo.

Rancor — Guardar rancor. Alimentar o rancor.

Rapidez — Ter certa rapidez. Agir com rapidez. Uma rapidez cresce, decresce, aumenta, diminui. Uma rapidez espantosa, vertiginosa, crescente, decrescente.

Recordação — Guardar, conservar, reavivar, despertar, evocar, perpetuar uma recordação. Procurar suas recordações. As recordações nascem, surgem, afluem, assaltam, desaparecem, afluem, perecem, amontoam-se, morrem, renascem, precisam-se. Uma recordação suave, encantadora, viva, fiel, tenaz, precisa, cruel, pungente, atroz, dolorosa, triste, alegre, imperecível, eterna, intacta, íntegra.

Recusa — Opor, expressar, motivar, explicar uma recusa. Persistir, obstinar-se, perseverar numa recusa. Uma recusa formal, obstinada, categórica, decisiva, humilhante, mortificante.

Regime — Seguir, prescrever, impor, aplicar um regime. Renunciar a um regime. Derrubar um regime. Um regime duro, vigoroso, severo, vegetariano, misto.

Regra — Seguir, observar, estabelecer, fixar, traçar, impor. Submeter-se, curvar-se, faltar a uma regra. Uma regra prevê, diz. Uma regra fixa, diretiva, infalível, fundamental, severa, draconiana, impiedosa, elástica, rígida, inflexível.

Religião — Fundar, abraçar, professar, praticar, pregar, ensinar, difundir, renegar, abjurar, abolir uma religião. Entrar em uma religião. Aderir a uma religião. Uma religião natural, revelada, reformada, ortodoxa, dissidente, católica, apostólica, bramanista, romana, protestante, judaica, maometana, budista.

Remédio — Administrar, proscreever, prescrever, ordenar, tomar, aplicar, procurar, adocicar, encontrar, aconselhar, sugerir, receitar um remédio. Um remédio curativo, preventivo, infalível, soberano, radical, enérgico, violento, eficaz, benigno, anódino, tônico, paliativo, calmante, purgativo, laxativo, vermífugo, depurativo, lenitivo, cordial.

Repetição — Uma repetição teve lugar. Assistir a uma repetição. Uma repetição geral, parcial.

Repouso — Tomar, perturbar, perder, interromper, desejar o repouso. Deixar em repouso. Aspirar ao repouso. Uma hora de repouso. Um repouso merecido, suave, absoluto, profundo.

Reputação — Manchar, destruir, rasgar, atacar, comprometer, limpar, ofender uma reputação. Prejudicar uma reputação. Uma reputação duvidosa, usurpada, intacta, virgem, comprometida, equívoca, segura, sólida.

Reserva — Fazer, formular, manter reservas. Reservas expressas, prudentes. Manifestar, mostrar reservas.

Resistência — Opor, sentir a resistência. Quebrar, aniquilar, encarnar a resistência. Enfraquecer, destruir, obstinar, diminuir, reforçar, aumentar uma resistência. Uma resistência fraca, viva, enérgica, teimosa, passiva, activa, surda, declarada, aberta, oculta, inesperada.

Resolução — Tornar, formar, ter, notificar, confirmar uma resolução. Perseverar, afirmar, persistir, obstinar-se numa resolução. Uma resolução firme, decisiva, heróica, obstinada, categórica, inquebrantável, ousada, sábia, judiciousa, pronta, súbita, rápida.

Respeito — Experimentar, sentir, mostrar, marcar, testemunhar, dever, devotar, professar, manifestar respeito.

to. Faltar ao respeito. Endereçar seus respeitos. Estar cercado de certo respeito. Um respeito profundo, filial, sincero, temeroso, geral, unânime, universal.

Responsabilidade — Assumir, tomar, endossar, reivindicar, declinar, estabelecer, atenuar, agravar, aumentar uma responsabilidade. Encarregar-se, desencarregar-se de uma responsabilidade. Uma responsabilidade a alguém. Uma responsabilidade grave, limitada.

Ressentimento — Experimentar, alimentar, conceber, sentir um ressentimento. Ser objecto de um ressentimento. Um ressentimento profundo, leve, vivo.

Resultado — Obter, adquirir, produzir, registrar, apreciar certo resultado. Perseguir, atingir, faltar, comprometer um resultado. Comprar, afrontar, proclamar resultados. Um resultado satisfatório, apreciável, inapreciável, feliz, infeliz, belo, tangível, efectivo, positivo, negativo, esperado, grandioso, surpreendente, insignificante, mirabolante.

Reunião — Manter, provocar, convocar uma reunião. Assistir a uma reunião. Uma reunião tem lugar. Uma reunião pública, extraordinária, habitual.

Revolta — Fomentar, reprimir, apaziguar, localizar, abafar, prevenir uma revolta. Semear a revolta. Uma revolta estala, explode, produz-se. Uma revolta geral, localizada, aberta, súbita, inesperada, pronta, brusca, funesta, social, política, local.

Ridículo — Cair no ridículo. Cobrir-se de ridículo. Enfrentar o ridículo. Um ridículo rotundo, perfeito.

Riso — Arrebrantar de riso. Torcer-se de riso. Reprimir, provocar o riso. Ser sacudido pelo riso. Um riso se extingue, prolonga-se, ressoa. Um riso ruidoso, forçado, sarcástico, sardônico, amargo, estridente, cristalino, pueril, ingênuo, infantil.

Rochedo — Subir, escalar um rochedo. Um rochedo abrupto, escarpado, nu.

Ruína — Provocar, causar, conspirar, consumir, apressar, precipitar a ruína. Ameaçar a ruína. Cobrir de ruínas. Cair em ruínas. Restaurar, reparar as ruínas.

S

Sacrifício — Exigir, consumir, operar, impor, recusar um sacrifício. Consentir no sacrifício. Um sacrifício se impõe. Um sacrifício solene, expiatório, propiciatório, sangrento, doloroso, supremo, último, insigne, grande, sublime, místico.

Salário — Pagar, receber, elevar, baixar, aumentar, merecer um salário. Um salário suficiente, insuficiente, baixo, alto, fraco, módico, elevado.

Sangue — Perder, verter, derramar, infundir, transfundir, exsudar, esvaziar, gelar o sangue. Alterar o sangue, envenenar o sangue. Uma efusão de sangue. O sangue jorra, corre, macula, coagula-se, mancha. Um sangue venoso, arterial, puro, impuro, viciado, generoso, ilustre.

Saúde — Possuir uma boa ou má saúde. Alterar, comprometer, recobrar, restabelecer, arruinar, melhorar, recobrir, respirar saúde. Esplendor saúde. A saúde periclita. Uma saúde robusta, florescente, delicada, próspera, brilhante, precária, lânguida.

Satisfação — Reclamar, obter satisfação. Fornecer, recusar, conceder uma satisfação.

Segrêdo — Confiar, arrancar, jurar, penetrar, descobrir, surpreender, adivinhar, revelar, descobrir, divulgar, trair, violar um segredo. Invocar o segredo profissional. Um segredo pesa, descobre-se. Um grande, absoluto, profissional segredo.

Sensibilidade — Possuir uma certa sensibilidade. Ser dotado, dar prova, testemunhar certa sensibilidade. Ser privado de sensibilidade. Agudizar, perder, embotar, reencontrar a sensibilidade. Uma sensibilidade extrema, profunda, viva.

Sentimento — Experimentar, sentir, manifestar, votar, expressar, professar, partilhar, ferir, ocultar, dissimular um sentimento. Perder o sentimento. Ser penetrado, privado, animado de um certo sentimento. Um sentimento puro, delicado, vivo, profundo, agudo, hostil, unânime, amigável, vil, abjecto, doloroso.

Serviço — Prestar um serviço. Reconhecer um serviço. Um serviço importante, grande, brilhante, inestimável.

Severidade — Mostrar, faltar, testemunhar severidade. Temperar, mitigar uma severidade. Uma grande, extrema, excessiva severidade.

Silêncio — Exigir, impor, restabelecer, observar, guardar, conservar, romper o silêncio. Impor silêncio. Reduzir ao silêncio. Quebrar seu silêncio. Ser envolvido pelo silêncio, cobrir-se de silêncio. O silêncio reina, estabelece-se, restabelece-se, prolonga-se, pesa, envolve, cerca, rompe. Um silêncio profundo, pesado, envolvente, religioso, obstinado, prudente, eloqüente, impressionante, morno, sombrio, sepulcral, mortal, terrível, curto.

Simplicidade — Viver na simplicidade. Ser de uma certa simplicidade. Uma simplicidade infantil, pueril, rústica, tocante.

Situação — Melhorar, modificar, consolidar, dominar, comprometer uma situação. Encontra-se numa certa situação. Sair, livrar-se de uma situação. Uma situação se oferece, apresenta-se, domina, inquieta. Uma situação favorável, desfavorável, alarmante, crítica, inquietante, angustiante, dramática, dolorosa, precária, perplexa, inextricável, ordinária, extraordinária, excepcional, temporária, permanente, transitória, definitiva, estável, instável.

Sociedade — Fundar, dissolver uma sociedade. Fazer parte de uma sociedade. A sede de uma sociedade. Uma sociedade tem a sua sede em...

Soldado — Incorporar, chamar, reformar um soldado. Mobilizar, licenciar, concentrar, estipendiar, electrizar, aguerir, dizimar soldados. Os soldados manobram, reúnem-se, desertam, combatem, entram em campanha, atacam, metralham, acampam, vencem, retiram-se, amotinam-se, traem, empreendem um ataque. Os soldados repousam. Um soldado valente, corajoso, aguerrido, valoroso, bravo, intrépido, voluntário, disciplinado, indisciplinado, incomparável.

Solicitude — Cobrir, cercar de solicitude. Ser objecto de certa solicitude. Beneficiar, gozar da solicitude de alguém. Uma solicitude tocante. Uma solicitudeterna, afectuosa, constante, piedosa.

Solução — Procurar, encontrar, adoptar, escolher, ditar, exigir uma solução. Uma solução intervém, se impõe, oferece-se, apresenta-se, satisfaz. Uma solução feliz, definitiva, transitória, momentânea, exacta, errônea, satisfatória.

Sorte — Sofrer, reservar, aceitar uma sorte. Ligar sua sorte à de um outro. Dispor, decidir da sorte de alguém. Compartilhar, sofrer, invejar, lamentar-se, entristecer-se, apiedar-se da sorte de alguém. Estar resignado à sua sorte. A sorte sorri, favorece, desfavorece. Uma sorte digna, invejável, feliz, infeliz, cruel, indigna, lamentável, deplorável, comum, propícia.

Suspeita — Conceber, inspirar, confirmar, justificar, fundar, legitimar, confiar, descartar, dissipar, destruir, afastar uma suspeita. Levantar suspeitas sobre alguém. Uma suspeita pesa, paira sobre alguém. Uma suspeita grave, enérgica, injuriosa, justa, fundada, justificada, injustificada, legítima, revoltante.

Suspiro — Exalar, arrancar, provocar um suspiro. Um suspiro profundo, leve, feliz, satisfeito, contente.

Substância — Asséptica, antisséptica, dessecativa, balsâmica, oleaginosa, ígnea, ignífuga, inflamável, inflâmável, volatizável, volátil, ponderável, imponderável, impalpável, amorfa.

Sucesso — Obter, colhêr, conhecer, esperar, garantir, certificar, prognosticar, assumir, confirmar, celebrar, saborear um sucesso. Augurar um sucesso. Contribuir para um sucesso. Esperar, desesperar do sucesso. Um sucesso coroa, irrompe. Um sucesso vivo, considerável, magnífico, imenso, inaudito, brilhante, pleno, completo, esperado, inesperado, certo, infalível, incerto, indeciso, problemático, surpreendente.

Sugestão — Ceder, resistir a uma sugestão. Fazer, acolher, repelir uma sugestão. Uma sugestão imperiosa, insidiosa, pernicioso, diabólica, satânica, feliz.

Superioridade — Mostrar, faltar, manifestar, testemunhar, denotar, provar, estabelecer, contestar, negar, reconhecer uma superioridade. Uma superioridade surge, aparece. Uma superioridade numérica, importante, aniquilante, imensa, evidente, manifesta, patente, incontestável, grande, leve.

Surpresa — Causar, provocar, experimentar, sentir, testemunhar, manifestar, reservar uma surpresa. Voltar da surpresa. Cair, afundar-se numa certa surpresa. Uma surpresa agradável, desagradável, grande, alegre, triste, dolorosa, falhada.

Susceptibilidade — Ferir susceptibilidade. Mostrar, marcar, testemunhar, manifestar susceptibilidades. Dar prova de susceptibilidades. Uma grande, extrema, excessiva, ridícula susceptibilidade.

T

Tacto — Mostrar, manifestar, testemunhar tacto. Dar prova de tacto. Agir com tacto. Um tacto extremo, perfeito, desejável.

Talento — Possuir, mostrar, prodigar talento. Dar prova de talento. Formar seu talento. Reconhecer, desconhecer, negar o talento de alguém. Um grande, raro, belo, incontestável, precioso, persuasivo, incomparável, imenso, maravilhoso talento.

Temperamento — Possuir um certo temperamento. Ser dotado de certo temperamento. Um temperamento sanguíneo, linfático, apático, robusto, pletórico, delicado, frio, vibrante.

Tendência — Manifestar, mostrar, testemunhar, verificar, reprimir certa tendência. Tendências podem existir, dividir, disputam-se. Tendências rivais, contrárias, adversas, opostas.

Tentação — Induzir em tentação. Sofrer, experimentar, repelir, rejeitar uma tentação. Lutar contra uma tentação. Resistir, sucumbir à tentação.

Território — Invadir, defender, violar, atacar, ocupar, evacuar, recobrir, investir, libertar um território. Conceder um território. Um território redimido, reconquistado, encravado.

Texto — Redigir, propor, deter, elaborar, alterar, amotinar, truncar, falsificar, desnaturar, compilar, compulсар, corrigir, coligir um texto. Figurar, interpolar num texto. Um texto prova, faz fé, estabelece. Um texto original, formal, autêntico, imaginário, fantasista, falso, falsificado, truncado, mutilado, apócrifo.

Título — Trazer, conferir, solicitar, obter, receber, usurpar, aceitar, recusar um título. Revestir, investir-se de um título. Um título honorífico, glorioso, infamante, pomposo, precário, alienável, inalienável.

Tradição — Seguir, respeitar, romper, retomar, renovar, estabelecer, restabelecer, estender, perpetuar uma tradição. A tradição quer, exige. É de tradição que... Uma tradição sagrada, milenária, piedosa, ancestral.

Traição — Cometer, consumir-se uma traição. Tornar-se culpado de uma traição. Uma traição flagrante, infame, alta-traição.

Tratado — Negociar, assinar, retificar, impor, renovar, garantir, denunciar, romper, rasgar, abolir um tratado. Um tratado secreto, vergonhoso.

Tumulto — Causar, provocar, suscitar, desencadear, apaziguar, acalmar um tumulto. Um tumulto irrompe, renasce, retorna. Um tumulto violento, indescritível, prolongado.

U

Unanimidade — Obter, recolher a unanimidade. Votar, adotar por unanimidade.

União — Realizar, dissolver, romper, dissociar, celebrar, pregar a união. Uma união estreita, desejável, indissolúvel.

Uso — Observar, introduzir, implantar, propagar, abolir um uso. Conformar-se, derrogar um uso. Codificar os usos. O uso sanciona, consagra. Um uso corrente, habitual, consagrado, constante, imemorial, imoderado, moderado, excessivo, imenso.

V

Valor — Estimar, apreciar, denegar, reconhecer um valor. Um valor intrínseco, extrínseco, nominal, absoluto, relativo.

Vapor — Transformar-se, resolver-se em vapor. Um vapor se condensa, se liquefaz. Um vapor fuliginoso, rutilante.

Verdade — Revelar, descobrir, discernir, restabelecer, confessar, reconhecer, traduzir, propagar, velar, ocultar, servir, ultrajar a verdade. Ser penetrado pela verdade. Uma verdade profunda, essencial, incontestável, flagrante, patente, sensível, palpável, evidente, fundamental, elementar.

Versão — Oferecer, registrar, acreditar numa versão. Uma versão fiel, exacta, literal, falsa, fantasista, errônea.

Vitória — Ganhar, celebrar, saborear, gozar, assegurar, comprometer, disputar, manchar, obter uma vitória. Clamar, cantar vitória. Augurar a vitória. A vitória sorri, sobrevém. Uma glória empolgante, discutível, indiscutível, rápida, pronta, decisiva, indecisa, completa, brilhante.

Voz — Elevar, ajuntar, abafar, encher, forçar, imitar, fazer entender, ouvir a voz. A voz retine, eleva-se, ressoa, enche-se, junta, implora, move, enfraquece. Uma voz forte, fraca, rouca, cantante, aguda, fina, tonitruante, clara, imperiosa, imperativa, calma, postada, quente, áspera, cortante, incisiva, severa, irritada, distinta, indistinta, inteligível, ininteligível, argentina, cristalina, cavernosa, gutural, sepulcral, anasalada, trêmula, suplicante, alterada, sóbria, surda, patética, comovente, dolente, entrecortada, contida, lamentosa.

Z

Zêlo — Mostrar zêlo. Testemunhar, alimentar, reanimar, inflamar de zêlo. Dar prova de zêlo. Um zêlo extremo, exemplar, admirável, morno, intempestivo, fanático, meritório, infatigável, incansável (1).

(1) Para aumentar o vocabulário, essencial ao orador, novos métodos são apresentados em nosso livro «Técnica do Discurso Moderno».

RECOMENDAÇÕES FINAIS

LIVROS ACONSELHADOS:

M. Rodrigues Lapa — "Estilística da Língua Portuguesa".

Há nessa obra ótimas sugestões e conselhos de estilística. Preferimos aconselhar o leitor a ler este livro e estudá-lo. Isso foi a razão por que deixamos de abordar alguns temas por já estarem os mesmos muito bem expostos nessa obra.

Francisco Fernandes — "Dicionário de Verbos e regimes".

Padre Carlos Spitzer — "Dicionário analógico da Língua Portuguesa".

Também podem ser lidos os livros de Albalat, traduzidos por **Cândido de Figueiredo**, que dão regras sôbre estilo.

Oferecemos, agora, uma seqüência de preceitos a serem adotados pelo leitor, os quais, realizados, facilitarão o pleno domínio da palavra. Representam uma síntese prática de tudo quanto expusemos até aqui.

Recomendamos ao leitor compulsar constantemente esta parte, e não esquecer de praticar estas regras.

- § 1.º — Nunca deixar de realizar os exercícios aconselhados e completá-los com outros análogos, de criação pessoal do leitor.
- § 2.º — Os estudos devem ser executados com a máxima disciplina.
- § 3.º — Aproveitar sempre todas as oportunidades oferecidas para expor suas idéias, apresentando-as com calma e precisão. Essas oportunidades são frequentes.

- § 4.º — Nunca deve ter a preocupação de alcançar de imediato o mais brilhante. Contentar-se, a princípio, com pequenos exercícios. Ter o máximo cuidado de obter vitórias desde início, embora pequenas. Elas serão a base e o fundamento das vitórias maiores posteriores.
- § 5.º — Iniciar sempre as conversações, com temas simples, que não exijam muito esforço intelectual.
- § 6.º — Nunca desanimar ante um pequeno malôgro. É preciso ajudar a si mesmo, com uma prática de confiança e de grande vontade. Convém nunca esquecer: em nós estão as possibilidades de vitória ou de derrota.
- § 7.º — O medo é sempre transitório e dominável.
- § 8.º — Impõe-se a necessidade de certos exercícios físicos. Os exercícios de relaxamento do corpo são importantes e podem ser realizados, quando ao acordar, estirando-se os músculos por um número de vezes nunca inferior a dez. Outros exercícios são expostos em "Técnica do Discurso Moderno".
- § 9.º — Exercício respiratório. Inspiração lenta e expiração forte, cada vez mais forte. Esse exercício além de dar um fortalecimento geral, torna mais vigorosa a voz.
- § 10.º — Para ter inspirações, cuidar da boa leitura, e sobretudo de livros de pensamento, de sabedoria universal.
- § 11.º — Os discursos devem obedecer ao seguinte esquema: **primeiro**: introdução ou exórdio; **segundo**: exposição e discussão; **terceiro**: resumo final, peroração. Tomemos um tema qualquer. O orador deve defender esta tese: "A disciplina impõe-se para o progresso humano".

Procederia assim:

Primeiro: introdução — Dirige-se aos ouvintes. Coloca o tema da disciplina como uma interrogação. Qual o seu valor?

Segundo: exposição — Tôda ordem revela uma coe-rência, uma coesão. As partes acompanham o todo, cuja finalidade é determinada. Tudo quanto se dispersa, opõe-se a essa ordem, desvia-nos do fim ou retarda-o.

Discussão: — Mostrar as opiniões dos que contradizem tal afirmativa e as dos que a defendem.

Terceiro: resumo — Síntese de tudo, terminando pela afirmação da tese e da sua conveniência, e transformando-a numa norma a seguir. Peroração.

- § 12.º — Iniciar o discurso com calma, mostrando sempre domínio do que vai dizer. Tornar-se mais enérgico quando da discussão e, no mesmo resumo final, aumentar o tom, mostrando firmeza, confiança, certeza e energia.
- § 13.º — Evitar os discursos lidos e os decorados. Guardar apenas de memória o esquema do que pretende dizer. E sempre realizá-lo em três partes por serem mais fáceis de se guardar. Sempre alternar os tons. Iniciar suavemente, aumentar a velocidade no segundo período. Ser firme e seguro, no terceiro, e exaltado no final.
- § 14.º — Evitar os discursos longos.
- § 15.º — Ler em voz alta algumas vezes, e observar a pronúncia mais correcta possível da voz, mudando as inflexões para evitar a monotonia.
- § 16.º — Nunca esquecer que deve revelar confiança no que diz para poder persuadir. As dúvidas não devem surgir senão para reforçar uma afirmativa.
- § 17.º — Tempo do discurso: Introdução breve — Exposição mais longa — Discussão curta e persuasiva — Resumo sintético e rápido, acompanhado de gestos decididos e enérgicos.
- § 18.º — Introduções longas cansam desde logo. Sobre-tudo se estão cheias de escusas modestas do orador. Há introduções que prendem imediatamente os ouvintes.
- § 19.º — Quando ler, faça anotações dos bons pensamentos que lhe possam oferecer oportunidade de citá-los.

- § 20.º — Leia fábulas, apólogos, parábolas, etc., e faça exercícios para sintetizá-los. Uma fábula bem aplicada num discurso oferece um poder extraordinário de persuasão.
- § 21.º — Anote também anedotas, factos das grandes vidas, curiosidade, tudo quanto lhe possa servir de tema para corroborar suas idéias ou dar brilho às suas palavras. Deve, para tanto, ter um caderno especial para tais anotações.
- § 22.º — Outros livros aconselháveis:
- “A arte de pensar”, de E. Dimnet;
 - “O domínio de si mesmo”, de C. Jagot;
 - “O critério”, de Balmes;
 - “As obras de Platão”;
 - “As obras de Cícero”;
 - “Os pensamentos de Pascal”;
 - “Humano, demasiado humano”, de Nietzsche;
 - “Máximas”, de Aristóteles;
 - “Ensaaios”, de Bacon;
 - “Vidas Paralelas”, de Plutarco;
 - “Os Ensaaios”, de Emerson;
 - “O Livro dos Oradores”, de Timon;
 - “A Filosofia da Eloquência”, de Capmany;
 - “Além do Bem e do Mal”, de Nietzsche;
 - “Aurora”, de Nietzsche;
 - “Assim falava Zaratustra”, de Nietzsche.

(Estas três últimas obras são de nossa tradução. A última é acompanhada de notas explicativas da simbólica nietzscheana).

Obras de Rui Barbosa, e sobre a vida dos grandes oradores.

- § 23.º — Cuidar da originalidade, sem exageros. Ser original não é ser diferente. É ser criador.
- § 24.º — E como recomendação final, que nunca cansamos de repetir: “Reler os exercícios, e praticá-los. A oratória depende sobretudo da prática. Não basta ler este livro, é preciso realizar os exercícios”.